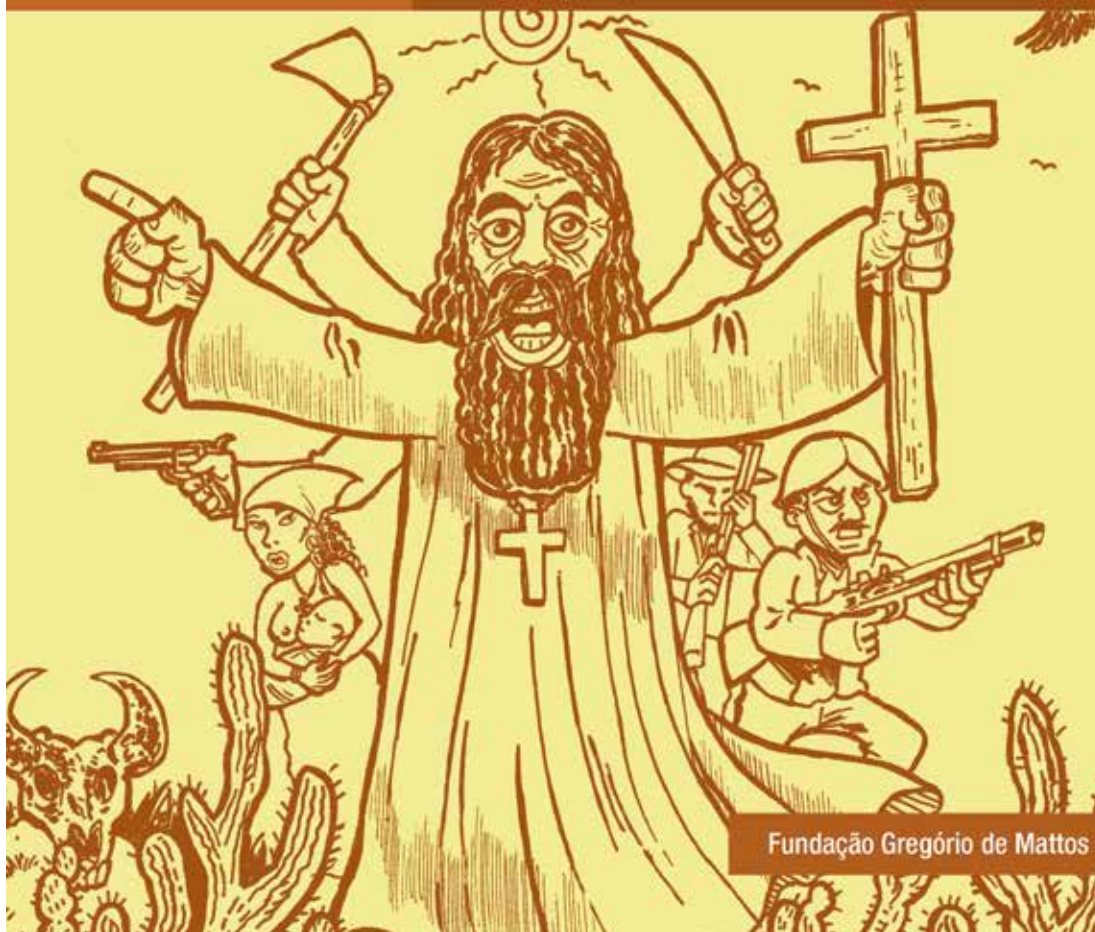


**JOÃO
USALDO
RIBEIRO**
SELO LITERÁRIO



CANUDOS: A LUTA

José Guilherme da Cunha



Fundação Gregório de Mattos

José Guilherme da Cunha

CANUDOS: A LUTA

2ª edição

Fundação Gregório de Mattos

Salvador, 2015

PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR

Prefeito da Cidade do Salvador

Antonio Carlos Peixoto de Magalhães Neto

Secretário de Cultura e Turismo

Érico Pina Mendonça Júnior

Presidente da Fundação Gregório de Mattos

Fernando Ferreira de Carvalho

Chefe de Gabinete

Sílvia Maria Russo de Oliveira

Assessora Chefe

Gildete Nascimento Ferreira

Assessora Jurídica

Thais Conceição de Santana

Gerente de Arquivo Histórico Municipal, Museus e Bibliotecas

Lucimar Oliveira Silva

Gerente de Promoção Cultural

Wilton Rafael Souza Magalhães

Gerente de Sítios Históricos

Milena Luisa da Silva Tavares

Gerente Administrativo-Financeiro

Ivã de Araújo Oliveira

Gestor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Éric Castro

COLEÇÃO SELO LITERÁRIO JOÃO UBALDO RIBEIRO

Coordenação

Lucimar Oliveira Silva

Plutarco Drummond Magalhães Neto

Claudius Portugal (consultor)

Produção

Lídia Santos Costa

Felisberto dos Santos Gomes

Comissão de Avaliação do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro

Aleilton Santana da Fonseca

Elísio Ferreira Lopes Júnior

Elidinei Maria Bonfim

Gerana Costa Damulakis

Iray Maria Galvão

Lídia Santos Costa

Lourdes de Fátima Santos Pinto

Luis Antônio Cajazeiras Ramos

Myriam de Castro Lima Fraga

Fazem parte do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro - Ano I as seguintes publicações:

Contos

A Devoção do Diabo - *Ordep José Trindade Serra*

Romance

Alzira Está Morta - *Goli Guerreiro*

Republicação

Canudos: A Luta - *José Guilherme da Cunha*

Crônicas

Crônicas Hipermodernas - *Mar Zalez*

Poesia

Mar Interior - *Renato de Oliveira Prata*

Literatura infantil

O Circo da Alegria - *Betania Paz Lisboa*

Prêmio Jovem autor inédito

O Sangue é Agreste: Os livros do sertão - *Ian Fraser*

Dramaturgia

Partiste - *Paulo Henrique Alcântara*

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP) Fundação Gregório de Mattos

C972 Cunha, José Guilherme da

Canudos: a luta / José Guilherme da Cunha.
Salvador : Fundação ADM, 2015.

204 p.: il. - (Selo Literário João Ubaldo Ribeiro, Ano I)

ISBN: 978-85-88182-09-7

1.Literatura brasileira - Cordel I. Fundação Gregório de Mattos II. Título

CDU: 82-94

**JOÃO
UBALDO
RIBEIRO**
SELO LITERÁRIO



CANUDOS: A LUTA

José Guilherme da Cunha

2ª edição

FGM Fundação
Gregório de Mattos

Secretaria de
Cultura e Turismo

SALVADOR
PREFEITURA
PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL

Salvador, 2015

A Fundação Gregório de Mattos sente-se orgulhosa com o lançamento da Coleção Ano I do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro. A coletânea reflete o esforço da Prefeitura de Salvador, da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SECULT) e da Fundação Gregório de Mattos (FGM) para incentivar a cadeia produtiva do livro em toda sua extensão.

Aproximadamente uma centena de escritores e escritoras inscreveu suas obras no Edital do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro, que foram avaliadas por uma comissão de notáveis do setor da literatura baiana. A expressiva participação e o alto nível das obras inscritas comprovaram a demanda da área por um concurso de excelência literária em Salvador.

A intensa relação de João Ubaldo Ribeiro e sua obra com a cidade de Salvador, ao tempo em que reafirma a relevância universal de sua literatura, o credencia para denominar o Selo, cujos objetivos são fomentar e promover a leitura e a produção literária no âmbito do município. Eleito para a Cadeira 34 da Academia Brasileira de Letras, João Ubaldo, romancista, contista, cronista e roteirista de renome internacional, recebeu, entre outros, os prêmios Jabuti, em 1972, e Camões, em 2008. Suas obras são traduzidas para várias línguas e adaptadas para o cinema, o teatro e a televisão.

A publicação da Coleção do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro - Ano I é de suma importância para o desenvolvimento e consolidação do campo da literatura na capital baiana. Ademais, cumpre o disposto no Decreto Municipal 24.883 de 02 de abril de 2014, que instituiu o Selo, e dispõe que “incumbe ao poder público garantir a todos o acesso às fontes de cultura, apoiando e incentivando a produção, valorização e difusão das manifestações culturais”, consoante o que dispõe o art. 262 da Carta Orgânica Municipal e as diretrizes da Lei 8.551/2014, que instituiu o Sistema Municipal de Cultura.

A primeira coleção do Selo João Ubaldo Ribeiro conta com oito títulos de diversos gêneros literários. A FGM mais uma vez ratifica a sua missão de órgão gestor da política cultural do município e de instituição integrante do Plano Municipal do Livro, Leitura e Biblioteca (PMLLB).

Fernando Guerreiro
Presidente da Fundação Gregório de Mattos

*A Guerra de Canudos
em versos de cordel
baseados em Os sertões,
de Euclides da Cunha.*

Índice

Apresentação	09
Ao leitor	12
Antecedentes	17
A causa imediata	27
Expedição Febrônio	34
Expedição Moreira César	52
Partida de Monte Santo	59
Quarta Expedição	84
A Coluna Savaget	96
O assalto	118
Novos reforços: A Brigada Girard	142
Nova fase da luta	149
Últimos dias	160
Aperta-se o cerco	170
Nesse dia... (Notas de um diário)	185
O fim	192
Última página	196
Notas	198

Apresentação

Voltando de mais uma visita pastoral ao vasto interior da Diocese, encontro sobre minha mesa de trabalho os jornais com as manchetes do dia: “REFORMA AGRÁRIA CAI NO BURACO NEGRO” (ATARDE, 06.05.1988). Penso comigo: “Esta é a mais recente discriminação contra os negros, pois o impasse na Assembleia Constituinte não é fabricado pelos negros e, sim, pelos brancos do Centrão e devia chamar-se de ‘buraco branco’”.

No meio da correspondência, encontro uma cartinha que diz: “Meu nome é José Guilherme da Cunha; sou arquiteto; moro em Salvador, mas sou filho de Juremal, e a última vez que nos vimos foi no lançamento do meu livro *Esquina do Badu*, na Biblioteca Pública de Juazeiro, há três anos. *Canudos: a Luta* é o meu terceiro livro (o segundo é *Revoltas estudantis na Bahia – 1959 a 1964*). É uma obra de fôlego e de valor artístico, perdoe-me a falta de modéstia... Achei que este poema épico, que enaltece a luta contra a opressão, deveria ser apresentado pelo homem que em nossa região (inclusive Canudos) reencarna mais essa luta”.

Pois bem, o “buraco negro” na Constituinte a respeito da REFORMA AGRÁRIA é a melhor apresentação de *Canudos: a Luta*, de José Guilherme da Cunha. Canudos é a luta épica pela REFORMA AGRÁRIA.

Antônio Conselheiro sabia que, no Nordeste, quem tem a terra, tem a água. A água do subsolo está na terra do fazendeiro. A água da chuva não fica pairando no espaço, mas cai sempre na terra do latifundiário, que tem a terra e a água, tem os meios de produção, tem o poder político e o poder econômico. Daí os “coronéis do sertão”, de ontem e de hoje, que dominam e exploram nosso povo. Por isso Antônio Conselheiro pregava muitas vezes aos sertanejos: “A terra não tem dono. A terra é de todos”.

A República derrubou a Monarquia, mas não fez a REFORMA AGRÁRIA. Se a República – a primeira – tivesse feito a REFORMA AGRÁRIA, a Guerra de Canudos não teria acontecido. Se a “NOVA” República tivesse agilizado a REFORMA AGRÁRIA, hoje não aconteceria o “buraco branco” na Assembleia Constituinte. Se a “NOVA” República tivesse cumprido as metas do I PNRA (1985 – 1989), hoje não haveria tanta invasão de terra, tanto acampamento dos sem-terra, tanta gente nos conflitos de terra!

A partilha da terra, para Antônio Conselheiro, era o símbolo da partilha dos bens que reinava na primeira Comunidade Cristã, em Jerusalém: “A multidão dos crentes tinha um só coração e uma só alma. Ninguém considerava como próprias as coisas que possuía, mas tudo lhes era comum... Não havia necessitados entre eles. Todos os que possuíam terras ou casas, vendiam tudo e levavam o produto da venda, que depositavam aos pés dos Apóstolos; e fazia-se a distribuição de acordo com as necessidades de cada um (At 4, 32-35).

Esse foi o sonho de Antônio Conselheiro, que a classe dominante daquele tempo não deixou vingar. Foi uma experiência de, apenas, quatro anos! Mas foi o sonho de Tomás More, que escreveu a Utopia, livro de cabeceira de Antônio Conselheiro. Foi o sonho de Gandhi na África e na Índia, exploradas pela Inglaterra. Foi o sonho de Martin Luther King, nos Estados Unidos, onde o racismo esmaga os negros. É o sonho dos Cristãos, pois é o sonho de Jesus Cristo, que proclama no Evangelho: “Vós todos sois irmãos” (Mt 23,8).

Edmundo Muniz termina seu *Canudos: a luta* pela terra dizendo: “Lutando contra o latifúndio, desafiando a Monarquia e a República, derrotando o exército várias vezes, Antônio Conselheiro, à frente dos camponeses insubmissos, tornou-se figura mais destacada dos que se bateram, entre nós, pela REVOLUÇÃO AGRÁRIA. Duas grandes personalidades, na América Latina, sobrepuseram-se a

todas as outras na luta dos camponeses: Emiliano Zapata, no México, Antônio Conselheiro, no Brasil. O Brasil deve um monumento ao Conselheiro como Zapata no México" (*Canudos: a luta pela terra*, 2ª edição, Global, 1982).

O monumento épico no-lo dá José Guilherme da Cunha em *Canudos: a Luta*. O monumento de bronze será erguido quando tivermos a REFORMA AGRÁRIA. Lá diz a velha canção: "Quando se sonha sozinho, é apenas um sonho; quando sonhamos juntos, é o começo da realidade".

Juazeiro, Bahia, 06.05.1988
D. José Rodrigues de Souza C.S.S.R.
Bispo de Juazeiro – Ba.

Ao leitor

“Os Lusíadas da caatinga” – foi assim que o poeta Uaçáí Lopes se expressou ao ler as primeiras páginas deste meu trabalho.

Desde que li *Os sertões*, de Euclides da Cunha, pela primeira vez, por volta de 1959, percebi que o grande clássico da Literatura Brasileira era um poema escrito em prosa. A partir daí, a ideia de versejá-lo povoou o meu cérebro. A dúvida era apenas uma: quem iria interessar-se por esse tipo de leitura? A Guerra de Canudos continuava sendo um episódio historicamente obscuro, narrado através de um livro com fama de leitura difícil.

Afora isso, a versão oficial era de que se tratava de uma guerra de segunda categoria, travada entre militares (“heróis”) e fanáticos (“bandidos”) e que, por isso mesmo, não merecia o devido destaque da História.

Só recentemente começaram a surgir movimentos políticos e sociais no sentido de resgatar a memória daquela epopeia em que os “bandidos”, na realidade, foram o heróis, porque lutaram contra o invasor que tentava frustrar um projeto de sociedade que ia de encontro aos padrões da estrutura da época, e só não obtendo a vitória final devido ao isolamento a que se submeteu, não conflagrando a região e, desse modo, favorecendo a ação do poderio militar e logístico do governo naquelas circunstâncias.

Ao ler *Os sertões* pela quarta vez, o fiz extraindo versos, concretizando a antiga aspiração. Segui os passos de Euclides da Cunha nesta saga sertaneja, oração por oração, frase por frase, período por período, baseando-me na Terceira Parte, “A Luta”, com algumas informações da Segunda Parte, “O Homem”, e

outras obtidas dos livros *A guerra social de Canudos*, de Edmundo Muniz, e *Quase Biografias de jagunços*, do prof. José Calasans.

Mas, no essencial, segui os passos do genial Euclides da Cunha. Por diversas vezes pisei no seu rastro. Quando não podia alcançá-lo, fazia um atalho, jogava um corte, para encontrá-lo mais adiante. Às vezes, a travessia era tão áspera quanto a de um capão fechado de calumbi ou unha de gato.

“Os Lusíadas da caatinga” teria necessariamente a forma poética dos cantadores do sertão, ou seja, o cordel, na sua estrutura mais usual, a sextilha com heptassílabos, comum nos aboios de vaqueiros.

Teria de ser também um relato do ponto de vista dos vencidos; e nesse ponto, busquei em Euclides da Cunha a sua expressa simpatia pelo jagunço.

Feito isso, aí está *Canudos: a Luta*, um épico comovente numa linguagem acessível, sem contudo fugir da narrativa euclidiana no que ela tem de mais belo.



SITUAÇÃO DE CANUDOS NO ESTADO DA BAHIA

Situação de Canudos no mapa da Bahia

ESBÔÇO GEOGRÁFICO
DO
SERTÃO DE CANUDOS

Esc. 1:1.000.000

0 1 2 3 4 5 6 LÉGUAS



Esboço Geográfico do Sertão de Canudos

*“A violência do oprimido não é uma tempestade
absurda, nem a ressurreição de instintos selvagens...
é o próprio homem que se recompõe.”*

Jean Paul Sartre

Antecedentes

*Minha gente, venha ouvir
A história que eu vou contar,
Quem tiver coração mole,
É melhor não me escutar,
São muito tristes os fatos
Que eu aqui vou narrar.*

*No século dezenove,
No ano noventa e seis,
Lá nos sertões de Canudos,
Um povo em armas se fez
Na defesa inexorável
De um reduto camponês.*

*Nas terras de Belo Monte
O vilarejo surgiu;
Gente pobre e injustiçada
Pela miséria se uniu
Sob as leis do Conselheiro
Contra um governo vil.*

*Propriedade privada
Em Canudos só havia
Nos utensílios domésticos,
Na casa de moradia,
O resto era de todos,
Com todos se dividia. (1)*

*A propriedade comum
Dos meios de produção
Definia a estrutura,
Criava de antemão
A sociedade que era
Comunidade de irmãos.*

*Os fazendeiros temiam
Essa invenção do diabo;
Não haver explorador
Nem conseqüente explorado,
É plano de Satanás
Que no inferno foi tramado.*

*Mas esse modo de vida
Em que o povo vivia,
Garantia o seu sustento,
A paz e a harmonia,
Na realidade era tudo
O que o povo queria.*

*Por isso, os donos da terra
Não podiam permitir
Que essa sociedade
Pudesse subsistir;
Pediram, pois, ao governo
Que a fosse extinguir.*

*E o governo, obedecendo
Senhores donos da terra,
Levou ao povo de Canudos
Os horrores de uma guerra,
Que durou cerca de um ano
E em noventa e sete encerra.*

*Nessa guerra monstruosa,
Os heroicos guerrilheiros
Venceram expedições
Do Exército Brasileiro,
Lutando sob o comando
De Antônio Conselheiro. (2)*

*As expedições armadas
Tiveram por comandantes
Oficiais do Exército
Valentes e confiantes,
Canhões e cavalaria
E alguns milhares de infantes.*

*Primeiro foi um tenente,
Em seguida um major,
Depois foi um coronel,
Que tinha Estado Maior,
Por fim cinco generais (3)
Pra desatar esse nó.*

*Mas, contemos essa história
Longa e arrepiadora
De um modo mais agradável
Em lira versejadora,
Onde a arte popular
Sente-se dominadora.*

*Um dia, Antônio Vicente,
Também Mendes Maciel,
Chegou ao sítio Canudos
Seguido de um tropel
De mais de duzentos homens,
Formando um grupo revel.*

*O ano é noventa e três.
O dia é desconhecido.
O século dezenove
Estava quase extinguido
Quando Antônio Conselheiro
Chegou ali perseguido.*

*Dele diziam horrores,
Muita lenda apareceu,
Que matara a própria mãe,
Isto nunca aconteceu,
Pois ele tinha seis anos
Quando sua mãe faleceu.*

*Diziam que ele matou
A esposa que o traía
Na mesma noite em que
A própria mãe abatia,
Uma noite tenebrosa
E cheia de fantasia.*

*Não era um analfabeto.
Era um ser inteligente;
Fez-se solicitador
E no fórum requerente,
Tendo sido um escrivão
De Juiz de Paz, fluente.*

*Esse estranho cearense
Delineou sua sina
Quando ainda era discípulo
Do padre Ibiapina, (4)
Sendo ele o sucessor
Deste santo de batina.*

*Igrejas e cemitérios
Apreendeu a construir
Com esse padre famoso
Que ele optou por seguir,
Passando a ser a missão
Que deveria cumprir.*

*A história do assassinato
De sua mãe e sua mulher
Teve tal repercussão
Que ele foi preso até,
Na vila de Itapicuru,
Como um bandido qualquer.*

*Seguiu preso pra Bahia,
Sofrendo espancamentos;
Foi também submetido
A severo julgamento,
Porém foi absolvido
Por falta de fundamento.*

*Retornando ao Ceará,
Ganha a sua liberdade
E empreende a volta
À Bahia com vontade
De prosseguir na missão
De salvar a Humanidade.*

*Corria as localidades.
Em quase todas deixava
Marcas de sua passagem:
Uma igreja reformava,
Construía um cemitério.
Muitos fiéis arrastava.*

*Entrava nos povoados
Seguido de multidões
Concritas e em silêncio,
Com imagens e brasões
E bandeiras do Divino.
Pregava nos seus sermões.*

*Mas o seu destino estava
Previamente traçado:
Câmaras do interior
Haviam afixado
Tábuas com editais
De impostos a ser cobrados.*

*Foi aí que uma estrela
Principiou a brilhar;
A história daquele apóstolo
Cruzou o seu limiar,
Passando a ter novos rumos
Nos fatos que vou narrar.*

*Houve, então, em Masseté
Um importante incidente:
Trinta praças bem armadas
Atacaram penitentes
Que destruíram as tábuas
Dos impostos indecentes.*

*Foi Antônio Conselheiro
Que a revolta comandara
Na feira do Bom Conselho,
Quando por ali passara,
Pois aquela imposição
A todos desagradara.*

*Os soldados atacaram
O grupo depauperado;
Deram de frente, porém,
Com jagunços bem armados,
Precipitando-se em fuga
Comandante e comandados.*

*Essa batalha minúscula
Teria, infelizmente,
Muitas cópias ampliadas;
Ao perceber, certamente,
O Conselheiro seguiu
Pro norte com sua gente.*

*Para vingar a derrota,
Com oitenta praças de linha,
Outra coluna seguiu,
Mas só foi até Serrinha;
Nesta hora o Conselheiro
De Canudos se avizinha.*

*Ali encontrou, apenas,
Restos de velha fazenda
Junto ao rio Vasa-Barris,
Mas com algumas vivendas;
E foi ali que o apóstolo
Construiu a sua lenda.*

*Antes por ali viveu
Estranha e suspeita gente,
Pitando enormes cachimbos
E armada até os dentes,
Como agregada à fazenda
Em sua fase florescente.*

*Na praça, a igreja velha
Por alguns pousos cercada,
No alto de um esporão
Da Favela, destelhada,
A vivenda senhoril
Totalmente abandonada.*

*Tendo à sua volta montanhas,
Aquele lugar sagrado
Dificultaria a ação
Do governo condenado,
O seu povo viveria
Para sempre sossegado.*

*Sim, porque o Conselheiro
Defendia a Monarquia (5)
Contra a nascente República
– Proclamada se sabia –
No ano oitenta e nove,
E pra ele não servia.*

*Ali no Vasa-Barris
Aguardariam a volta
Do rei D. Sebastião
Numa onda e sob escolta
Com seu poderoso exército
Pregando luta e revolta.*

*“Desde o princípio do mundo,
Com o exército a encantar,
Fincou espada na pedra
Nosso rei a excluir:
‘Vai, mundo! até mil e tantos;
A dois mil não chegará!’”*

*Retornando à Monarquia,
A paz far-se-ia jus,
Correndo um rio de leite
Com barrancas de cuscus;
Seria o fim das trevas
E o reinado da luz.*

*Dizia: “Em noventa e seis,
Rebanhos mil surgirão,
Num retrocesso do mundo,
A correr do mar virão,
O sertão vai virar praia
E a praia virar sertão”.*

*Pregava contra a República.
Punha-se de encontro ao novo.
Dizia que ela era
Pecado mortal de um povo,
A heresia suprema
Do AntiCristo renovo.*

*Nos terrenos da utopia
Situava-se a proposta,
Mais adiante veremos
O exagero da resposta
Do governo da República
À ameaça suposta. (6)*

*É natural que pra lá
Convergisse tanta gente
De vilas e povoados
Mais remotos existentes;
Em busca do prometido,
Surgiam os penitentes.*

*De Inhambupe, Tucano,
Natuba, Massacará,
Monte Santo, Bom Conselho,
Geremoabo, Uauá,
Itapicuru e Conde,
Vinham de todo lugar.*

*Em pouco tempo Canudos
Rapidamente cresceu,
Seu casario de barro
Pelos morros se estendeu;
“Troia de Jagunços”, título
Que Euclides da Cunha deu.*

*Defrontando a igreja velha,
Começou a construção
Da chamada igreja nova,
Marco da religião
Do povo que ali chegara
Na sua sagrada missão.*

*Formou-se com rapidez
Uma força defensiva
De jagunços comandados
Por homens de primitiva
Índole de cangaceiros,
Encontrados à deriva.*

*O astuto João Abade,
O comandante da praça,
Chamado “chefe do povo”,
Jagunço de muita raça
E que comandou a luta
Na vitória e na desgraça.*

*José Venâncio, o “terror
De Volta Grande” chamado,
De mais de dezoito mortes
Era assim acusado,
Diante do Conselheiro,
Contrito, estava dobrado.*

*Ao seu lado, Pajeú,
Rosto de bronze vincado,
O arcabouço de atleta
Grosseiro, mal-aprumado,
Uma figura felina
No combate traquejado.*

*Pouco afeiçoado à luta,
Era o velho Macambira,
Homem de coração mole
Que não conhecia a ira;
Velho, porém perigoso,
Eficiente na mira.*

*Seu filho era Joaquim,
Que mais tarde criaria
Belo lance de heroísmo
Atacando a artilharia
Com um grupo de jagunços,
Mas logo sucumbiria.*

*Pedrão, cafuz entroncado,
O dirigente maior
Do combate que os jagunços
Deram em Cocorobó,
Mal se distingue afastado,
Ficava em derredor*

*Era Norberto das Baixas
Um grande negociante,
Mas era chefe jagunço
Valente e confiante,
Sendo, nos últimos dias,
Valoroso comandante.*

*Foi Antônio Vila-Nova
Também um comerciante,
Que, apesar da profissão,
Era figura importante
Dirigindo a economia
E político atuante.*

*Uma figura ridícula:
Antônio, o Beatinho,
Um mulato espigado,
Pálido e muito magrinho,
Sacristão, meio soldado,
Em completo desalinho.*

*Outra figura importante:
Timotinho, o sineiro,
Que morreu heroicamente
Em meio ao fragor guerreiro,
Ao cumprir sua tarefa,
Batendo o sino altaneiro.*

*Outros grandes combatentes,
Seus nomes aqui estão:
José Gamo e João Grande,
Chico Ema, Estevão,
Antônio, o Fogueteiro,
De Natuba, o Leão.*

*Antônio Conselheiro
Dominava o arraial
Com o apoio dessa gente,
Sob controle total,
Qualquer uma ordem sua,
Era a palavra final.*

*Mas a Troia sertaneja
Assustava os fazendeiros,
Que viam o seu exemplo
Como um câncer sorrateiro,
A ameaçar o sertão,
Conflagrando-o por inteiro.*

*As suas propriedades,
Viam-nas ameaçadas;
A mão de obra barata
Tornava-se escasseada
Diante daquele êxodo
De gente fanatizada.*

*A Igreja, por sua vez,
Aquilo também temia;
Achava que o Conselheiro
Sua área invadia;
Pregar a religião,
Só a ela competia.*

*Esse caldo de cultura
A guerra prenunciava,
U'a simples provocação
Era só o que faltava,
Foi isto que aconteceu,
Quando menos se esperava.*



Angels
roberto -9

A causa imediata

Determinou-a incidente desvalioso

Euclides da Cunha

*Um coronel de Juazeiro,
Senhor João Evangelista, (7)
Recebeu uma quantia
Das mãos dos conselheiristas,
Por uma certa madeira
Como pagamento à vista.*

*O coronel demorou
A madeira entregar,
Então os conselheiristas
Resolveram ir buscar,
E em direção a Juazeiro
Começaram a marchar.*

*Doutor Arlindo Leoni,
Que era Juiz de Direito,
Enviou um telegrama
Urgente e muito escorreito
Ao Doutor Luiz Viana,
Contando o fato a seu jeito.*

*Dizia que a cidade
Estava ameaçada
De invasão quase iminente
Por levas de jagunçada
Oriundas de Canudos
Em marcha pela estrada.*

*Isso era um pretexto
Para cruel desenlace,
O Juiz só procurava
Razão que justificasse
A intervenção do governo
Pra que a guerra começasse.*

*O velho representante
Da Justiça em Juazeiro
Tinha uma velha rixa
Com Antônio Conselheiro
Quando ainda era Juiz
Na comarca Bom Conselho.*

*A razão dessa pendência
Foi aquela já citada,
Quando a turba, numa feira,
Furiosa e revoltada,
Quebrou as tábuas de impostos
Numa ação inesperada.*

*O governador do Estado,
Informado do ocorrido,
Mandou despachar a tropa
Atendendo ao seu pedido,
Com cento e quatro soldados
Armados e bem nutridos.*

*Tenente Pires Ferreira
A coluna comandava;
Em novembro, dia sete,
A Juazeiro chegava,
No ano noventa e seis,
Muita surpresa causava.*

*O citado oficial
Combinou com o Juiz
Seguir de encontro aos jagunços,
Tomando uma diretriz
De marchar para Canudos,
Numa atitude infeliz.*

*Partiu na noite de doze
Porque treze era o dia
Consagrado do azar;
Era assim que a tropa ia
Combater o fanatismo...
Vejam só que ironia!*

*Antes de partir, porém,
Foi por muitos avisado
Que, com aquele contingente,
Iria ser derrotado,
Mas ele não desistiu
E partiu com seus soldados.*

*Eram duzentos quilômetros
Que a tropa perfazeria
Pela Lagoa do Boi,
Mucambo e Rancharia,
Caraibinhas, Mari,
Em penosa travessia.*

*A tropa chegou exausta
A dezenove, em Uauá,
Naquele mês de novembro,
Penosamente a marchar,
Com vibrações de corneta,
Fazendo o povo acordar.*

*Entrando arraial adentro,
Subitamente parou;
Fazendo alto no largo,
Muita atenção despertou;
Ensarilhadas as armas,
A coluna acantonou.*

*A escala que deveria
Ser bem curta, muito embora,
Terminou se transformando
Em mal pensada demora,
Com indagações inúteis
Mais de vinte e quatro horas.*

*Ao cair daquela noite,
Que era a do dia vinte,
Operou-se um incidente
Estranho, por conseguinte:
A população fugira
Com esmerado requinte.*

*Esse fato era um aviso.
Amigos do Conselheiro
Partiram para Canudos
E voltaram sorrateiros,
Prevenindo os moradores
Do contra-ataque certo.*

*Os expedicionários
Pouco se preocuparam;
Diante da gravidade,
Providências não tomaram;
Em vez de seguir em frente,
Simplesmente repousaram.*

*Na manhã de vinte e um,
Um coro ao longe se ouvia;
Reboando longamente,
Indicava calma;
Sem lutadores a postos,
O povoado dormia.*

*Três mil homens e mulheres
Vinham céleres rezando,
Parecendo procissão
Na caatinga se arrastando,
Coisa igual nunca se viu
De combate em se tratando.*

*Não pareciam guerreiros,
Símbolos da paz portavam,
A bandeira do Divino
E ao som de kyries marchavam,
Levando uma grande cruz,
De longe se anunciavam.*

*Os jagunços, bem armados,
Perdiam-se entre os fiéis
Que alteavam as imagens
As palmas e os painéis,
E assim representavam,
Um a um, os seus papéis.*

*Os soldados, sem saber
Da vinda da jagunçada,
Quedavam-se adormecidos
Em tática descuidada,
Quando viram a correr
Sentinelas avançadas.*

*Pelo largo e pelas ruas
Saíram todos correndo,
Saltando pelas janelas,
Nas esquinas se escondendo,
Vestindo-se e armando-se,
O pânico se estendendo.*

*Um sargento organizou
Em bloqueio efetivo,
Mas os jagunços chegaram
De envolta c'os fugitivos,
Chocando-se brutalmente
Em combate decisivo.*

*Pra todo lado se viam
Lutas de sabre e facão,
Enleados corpo a corpo
Braço a braço, mão a mão,
Disparos e cacetadas
Prostravam corpos no chão.*

*A turba encolerizada,
Com apitos estridentes,
Saudava o Conselheiro
Combatendo bravamente,
Os vivas ao Bom Jesus
Se ouviam frequentemente.*

*Os soldados protegidos
Volveram à defensiva,
Abrindo pelas paredes
As seteiras improvisas
Que fuzilavam matutos
Com pontarias precisas.*

*O fuzilamento em massa
Fez a luta desigual,
Comblain (8) contra clavinote,
Revólver contra punhal,
Para o lado dos jagunços
Ia tudo muito mal.*

*Diante do impossível,
Caíram sobre os contrários,
Com guiadas de ferrão
E seus instrumentos vários,
Tornando as arremetidas
Lances extraordinários.*

*Mas foi ainda nefasta
Essa doida arremetida,
Contra o inimigo abrigado
Atiravam suas vidas;
Entre explosões de descargas,
A coragem desmedida.*

*A luta continuou
Deste modo, ferozmente,
Por cerca de quatro horas,
Batendo-se tenazmente
Cada um por conta própria
E circunstancialmente.*

*Reunidos sempre em volta
Da bandeira do Divino,
Estraçada de balas,
Num vermelho purpurino,
Os jagunços enfiavam
Pelas ruas resistindo.*

*Contornavam o arraial,
Ao longo depois volviam
Vozeando imprecações,
Muitos vivas se ouviam
Na ronda desnorteada
E célere que faziam.*

*Vendo a impossibilidade
Da luta continuar,
Os jagunços começaram
A Canudos retornar,
Dispersos nas cercanias
Num quadro de lastimar.*

*A pouco e pouco o campo
Foram logo abandonando;
Em breve e muito ao longe
Desapareceu listrando
Uma ponta da caatinga
A bandeira, tremulando.*

*Sobre as soleiras das portas,
Pelas ruas e na praça,
Contorciam-se os feridos,
Jaziam mortos em massa,
Incêndios lavravam soltos, (9)
Provocando mais desgraças.*

*Cento e cinquenta matutos
– Números oficiais –
Morreram nesse combate.
Dez da polícia, não mais:
Um alferes, um sargento
E oito policiais.*

*Diante da violência
Do combate que se deu,
Não resistindo ao choque,
O médico enlouqueceu,
Permanecia inútil,
Alheio ao que aconteceu.*

*Apesar de ainda ter
Setenta homens armados,
O tenente desistiu
Vendo os seus estropiados,
Assombrara-o o assalto,
Fê-lo um acovardado.*

*Por temer outro recontro,
Ordenou a retirada
Urgente e antes da noite
Em longa marcha forçada,
Dando a imagem da derrota,
Com medo da jagunçada.*

*Em Juazeiro, ao chegarem,
Houve grande confusão,
O medo cresceu na mente
De toda a população,
O êxodo reatado
Aumentou em proporção.*

*Na estação, locomotivas
Permaneceram acesas,
E as linhas do telégrafo
Transmitiram com presteza,
Anunciando o prelúdio
De uma guerra camponesa...*

Expedição Febrônio

*Escravo, quem te há-de libertar?
Os que nas profundezas estão,
Camarada, é que te verão
E hão-de ouvir o teu gritar:
Os escravos te hão-de libertar.*

Bertolt Brecht

*O revés do Uauá
Apressou a decisão,
Uma reação segura
Requeria-se então,
Desse modo foi formada
A segunda expedição.*

*Major Febrônio de Brito
Era o novo comandante,
Seguindo para Queimadas
Com duas centenas de infantes,
Em novembro, a vinte e cinco,
Sob fatos alarmantes.*

*Antes do fim de dezembro,
Nesta cidade ficou,
E no dia vinte e nove
Pra Monte Santo marchou,
Recebendo mais cem praças
No momento em que chegou.*

*E fez-se um dia de festa,
A missão mais concorrida,
A mais animada feira
Pelas bandas já havida,
Monte Santo nesse dia
Teve gente desmedida.*

*Na animação dos festejos,
Alguns, porém, espionavam,
Adeptos do Conselheiro
Argutos observavam,
Volvendo para Canudos,
As informações levavam.*

*Nesse tempo o adversário
Preparou revide enérgico,
Incendiando fazendas,
Tornando o campo desértico,
Insulando o arraial,
Criando um cenário tétrico.*

*Quase seiscentos soldados
Formavam tropa invasora,
Numa massa heterogênea,
Sendo, porém, portadora
De dois canhões sete e meio
E duas metralhadoras.*

*Outra parte do armamento,
Por carência de transporte,
Em Queimadas foi deixada,
Ficando assim menos forte,
E também em Monte Santo
Ela teve a mesma sorte.*

*Desarmava-se à medida
Que avançava pro inimigo,
Afrontava-se ao acaso
Desconhecendo o perigo:
Ali estava o sertão,
Dos insensatos, o jazigo.*

*Velhos ditames de guerra
Iam enfrentar passivos,
A esgrima perigosa
De guerrilheiros esquivos,
Onde a fraqueza era a força
Com seus ataques furtivos.*

*Em marcha para Canudos
Pelo Cambaio seguiram,
Em janeiro, dia doze
– O dia em que partiram –
Do ano noventa e sete,
Quando os destinos se uniram.*

*A tropa se deslocava
Com grande dificuldade,
Arrastando a artilharia,
Sem grande mobilidade,
Contudo era imprescindível
Máxima celeridade.*

*Numa noite em Mulungu,
Duas léguas de Penedo,
Alarmou-se o acampamento,
Quando ainda era cedo,
Vultos fugazes de espias
Na tropa infundiram medo.*

*Muito aquém do objetivo
Que podia ser atingido,
Os derradeiros bois
Foram enfim abatidos,
Isso na certa valia
Por um combate perdido.*

*Além de faltar comida,
Um outro fato ocorreu:
Uma parte dos cargueiros
Também desapareceu.
Completando assim o transe,
Vamos ver no que deu.*

*A montanha do Cambaio
Elevava-se na frente
Com suas gargantas e fossos
Recortados fundamente,
Redutos inexpugnáveis
Formados naturalmente.*

*A estrada pra Canudos
Se ajustava às suas ilhargas,
Mergulhando feito um túnel,
Estreita, jamais se alarga,
Ali enfiou a tropa
Com seus soldados e cargas.*

*la vagorosamente,
Atulhando o ladeiro,
Sem aprumo empurrada
Pelos seus canhões ronceiros,
Os soldados, ofegantes,
Em auxílio aos bois cargueiros.*

*Na frente, os exploradores
Olhavam as cercanias,
Enquanto isso os jagunços
Quedavam-se nas vigias,
Dedos presos nos gatilhos,
Fazendo as pontarias.*

*E nessa situação,
Numa curva de atalho,
Sobre a expedição caiu,
Parecendo ser um raio,
De ponta a ponta o ataque
Das trincheiras do Cambaio.*

*Dentro das frinchas e moitas,
Protegidos em abrigos,
Irromperam os jagunços,
Surpresando o inimigo
Com nutrido tiroteio,
Deixando a tropa em perigo.*

*O recontro se fez em gritos
E escandalosos brados
De “vivas ao Bom Jesus”!
Assombrando os soldados,
E “ao nosso Conselheiro”
Davam “vivas” redobrados.*

*“Vem fraqueza do governo!”
Ecoava na montanha
Frase desafiadora,
Que no curso da campanha
Soaria invariável,
Precedendo a rude sanha.*

*A vanguarda estacou
E pareceu recuar,
Houve uma vacilação
Que fez a tropa parar,
Uma voz imperiosa
Fez tudo reanimar.*

*Era o major Febrônio
Rompendo pelas fileiras,
Ordenando a resistência
Firme, pronta e ligeira,
Bombardeando os jagunços
Com a artilharia ronqueira.*

*Os canhões bombardearam
À queima roupa os matutos
Que, pela primeira vez,
Viam aqueles trabucos,
Fazendo-os debandar,
Correndo feito malucos.*

*Aproveitando o refluxo,
Foi feita nova investida
Pelas cento e tantas praças
Tropeçando nas corridas,
Escorregando nas lajens,
Atirando sem guarida.*

*E logo depois a linha
Do assalto se estirou,
Tortuosa e ondulante,
Porém se fracionou,
Num avançar em desordem
A tropa assim atacou.*

*Galgando altos penhascos,
Carabinas presas aos dentes
Pelas suas bandoleiras,
Partiram os combatentes,
Arremetendo em tumulto
Vagas humanas dementes.*

*E num marulho de corpos,
Arrebentando em descargas,
Espadanando seus aços,
Os clarins soando à carga,
Generalizou-se a luta
Pelos vales e escarpas.*

*Os animais de tração,
Em seguida os cargueiros,
Fugiram espavoridos
Com o resto dos tropeiros,
Arrancando no galope,
Tombando em desfiladeiros.*

*E lá no alto da serra
Surgiram os sertanejos,
Uns se agitando velozes,
Outros a trincheiras presos,
Confundindo os soldados,
Falseando nos bordejos.*

*No meio do caos um fato
Começava a assustar:
Se uma bala fazia
Um jagunço baquear,
Na trincheira ele se erguia,
Fantástico, a atirar.*

*Alvejavam-no de novo,
Viam-no outra vez cair
De bruços e baleado,
Viam outra vez surgir,
Invulnerável, terrível,
O atirador ali.*

*Mas o ardil foi desfeito
Por frações que lá chegavam;
Na trincheira os jagunços
Apenas se revezavam;
Um somente atirava,
Três as armas carregavam.*

*Para isso se dispunham
Em três ou quatro sentados
No fundo da trincheira
Com um deles preparado,
Pelas mãos do qual passavam
Os trabucos carregados.*

*Esse modo engenhoso
Francamente compensava
A carência de espingardas
Que a jagunçada portava,
Bem como o lento processo
Pelo qual as carregava.*

*Os soldados que alcançavam
As mais altas canhoneiras,
Chegavam ali esparsos,
Resolutos às carreiras,
Surpreendendo os jagunços,
Perturbando suas fileiras.*

*E entre eles se via,
Manobrando um clavinote,
O chefe deles, João Grande,
Um negro ágil e forte,
Comandando os guerrilheiros
Sem temer jamais a morte.*

*Organizava as manobras
Estadeando ardilezas,
Imitavam-lhe nas táticas
As colunas camponesas
Em figurações selvagens
No meio das asperezas.*

*Avançando e recuando
Em grupos ou repartidos,
Outros em plena descida,
Rolando e mal feridos,
Até o meio das praças,
Onde eram abatidos.*

*As tropas mais avançadas
Escalavam o Cambaio
Até outra irrupção
Da guerrilha como um raio,
Interrompendo sua marcha,
Atacando-as de soslaio.*

*Algumas, então, paravam,
Grande parte reagia,
Outras tantas recuavam
Em meio à covardia,
E o espingardeamento
Provocava correrias.*

*Por fim o chefe João Grande
Ao recontro dispôs-se;
O seu perfil de gorila
Temerário destacou-se,
Num gesto belo e heroico
À artilharia lançou-se.*

*Cortou-lhe, porém, o passo
Uma explosão de petardo
Que no ato o destroçou
E alguns seus comandados,
Enquanto os demais fugiam
Com a tropa encaçados.*

*Contingentes misturados
Saltaram dentro, afinal,
Das derradeiras trincheiras,
Perdendo o oficial
Que até lá os conduzira
– O tenente Venceslau.*

*Em três horas de conflito
Conquistara-se a montanha,
Vencera-se uma batalha,
Mas a guerra não foi ganha,
Sendo a travessia, apenas,
Um episódio de campanha.*

*Fora uma hecatombe;
Mas ficou para o final
Aquele episódio trágico
De desfecho teatral:
Foi nas bicadas da serra,
Naquele mesmo local.*

*Sobre uma barranca agreste
Grande lajem se alteava;
Preso entre duas outras,
Fragilmente se inclinava;
Com muro de rocha viva,
Uma trincheira formava.*

*Nela quarenta jagunços
Abriam um tiroteio
Sobre os perseguidores,
Detendo-os de permeio,
Até que a artilharia
Aprestou-se ao bombardeio.*

*E deu-se apenas um tiro,
Explodindo a granada
Nas juntas de engaste
Daquela lajem elevada
Tombando-a pesadamente,
Esmagando a jagunçada.*

*Fizera-se a travessia.
Enquanto isso, na frente,
Em direção a Canudos,
Numa exaustão crescente,
Sumiam os derradeiros
Sertanejos combatentes.*

*À tarde, em Tabuleirinhos,
As colunas acamparam
Quase à orla do arraial;
Os soldados descansaram
Na ilusão enganadora
Do triunfo que alcançaram.*

*Fizeram-no com desleixo;
E nem sequer pressentiram
A presença dos jagunços
Que de Canudos partiram.
Cercadas no acampamento
As praças assim dormiram.*

*Ao amanhecer, porém,
Tudo pareceu normal,
As tropas se dispuseram
A arrancar para o arraial,
Mas um pequeno transtorno
Sobreveio no final.*

*Uma bala emperrara
Na alma de um canhão,
Resistindo aos esforços
Para a sua extração.
Disparar para Canudos
Foi, então, a decisão.*

*De fato o tiro partiu...
E a tropa foi salteada
Pelos jagunços armados
Com varapaus e guiadas,
Com facões de folha larga,
Fueiros de carro e foiçadas.*

*E os soldados, de perto,
Viam pela vez primeira
Daqueles antagonistas
As suas faces trigueiras,
Antes se mostrando esquivos,
Ou velozes, às carreiras.*

*Penetrou nos pelotões
Aquela onda assaltante,
Tomando-se-lhe a frente
Um guerrilheiro possante,
Emergindo do tumulto
Como se fosse um gigante.*

*O gladiador terrível
Deixou viva a sua imagem
Ao abraçar-se ao canhão
Simulando estrangulagem,
Gritando: "Viram, canalhas?
Isto é que é ter coragem!"*

*A guarnição do canhão
Fugiu, então, assustada,
Enquanto a peça rodava
Pelo jagunço apresada;
Era o desastre iminente,
Era a última cartada.*

*E a luta desenrolou-se
Braço a braço, brutalmente,
Sem armas e a punhadas,
Quase surda, loucamente,
Num torvelinho de homens,
Matando-se mutuamente.*

*O canhão foi retomado.
Os jagunços, repelidos,
Num recuo repentino
Correram espavoridos,
Mas não era uma fuga,
Nem pareciam vencidos.*

*Vultos céleres, fugazes,
Indistintos nas galhadas,
Esparsos e intangíveis,
Volviam em fustigadas
Com ferramentas da morte
Desde muito desusadas.*

*Antepondo as suas armas
– Trabucos boca de sino –
Às mannlichers fulminantes,
Proseguiam resistindo
Num duelo a distância,
Monótono quase infindo.*

*Era a guerra de guerrilhas,
Levando ao esgotamento
Completo do adversário,
Num cruel esfalfamento
De algozes enfastiados
De matar sem ter alento.*

*A situação mostrou-se
Num desenhar insanável:
Avançar sobre Canudos
Era a derrota provável;
Permanecer combatendo,
Um desastre inevitável.*

*Escolheu-se a retirada
Como a melhor solução.
A tropa estava faminta
E quase sem munição;
Mais de setenta feridos
Transportava de roldão.*

*A Lagoa do Cipó, (10)
Onde se deu o combate,
Ficou vermelha de sangue,
Sua água escureceu,
Mais de trezentos cadáveres
No local permaneceu.*

*Enquanto isso em Canudos
Muito pânico havia,
O intenso tiroteio
Alarmou em demasia,
Um ataque dos soldados
A população temia.*

*Partiu, então, João Abade
Em reforço aos companheiros
Com seiscentos homens válidos,
Combatentes altaneiros,
Tentando assim evitar
Um ataque traiçoeiro.*

*Mas no local do conflito
As descargas se acirravam;
Os soldados, no entanto,
As armas mal apontavam,
De maneira que os tiros
Para o alto se lançavam.*

*A meio caminho, então,
E inopinadamente,
Foi colhida pelas balas
A coluna combatente,
Balas que vinham do alto
Sem rumo, perdidamente.*

*Ouviam o assovio,
Mas o inimigo não viam,
Os morros eram desnudos,
Tocaias não permitiam,
E as balas incessantes
Sobre a coluna desciam.*

*Pontilhando-a de mortos,
Aqui, ali, de soslaio,
Parecendo uma chuva
Silenciosa de raios,
Estabelecendo o pânico
Provocando desbandalho.*

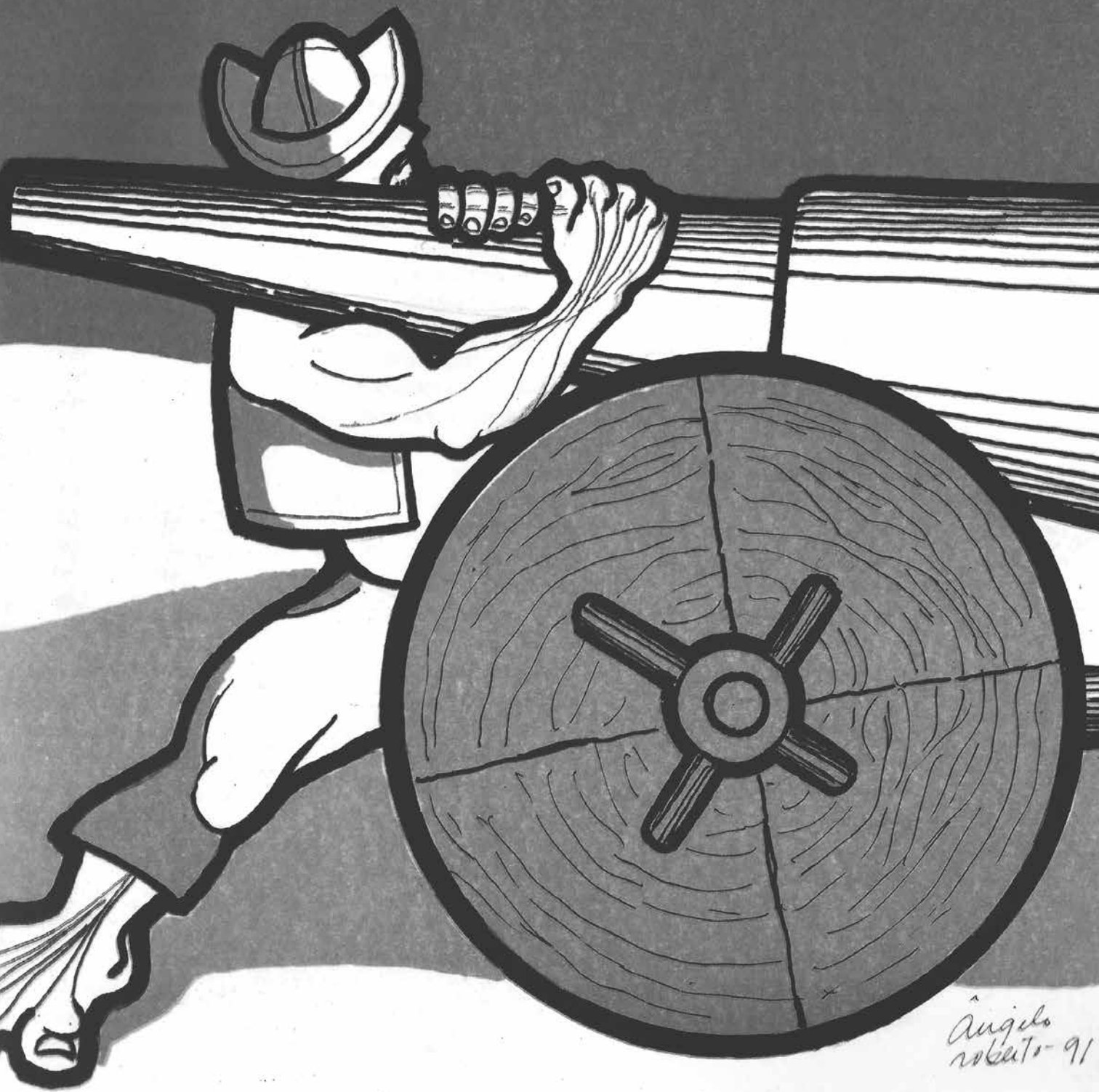
*Missão cumprida, os jagunços
A Canudos retornaram,
Um alarma espantoso
Para o arraial levaram,
Assustando os moradores
No momento em que chegaram.*

*Dispondo de tais engenhos,
O inimigo sorrateiro
Ali estaria em breve
Em ataque derradeiro,
Quebrando desse modo
O encanto do Conselheiro.*

*Por pensar assim, o povo
Ficou tonto de pavor,
Sobraçando suas trouxas,
Os becos atravessou,
Porfiando numa fuga,
À caatinga demandou.*

*Enquanto isso as mulheres
Aos gritos e soluçando,
Numa algazarra terrível,
Mas fascinadas rezando,
Pediam ao Conselheiro
Sua presença, implorando.*

*E ele, na igreja nova,
Chegou sereno e tranquilo,
Subiu nos andaimes altos
Para aguardar o martírio;
Enquanto isso seu povo
Permanecia em delírio.*



Ângelo
roberto-91

*Nesse momento surgiu
O que ninguém esperava:
A auspiciosa notícia
De que a força recuava.
"Milagre!" E a desordem
Em prodígio se tornava.*

*Começara a retirada
Em meio ao sofrimento.
Os soldados já penavam
Dois dias sem alimento,
Cansados e estropiados,
Arrastando o armamento.*

*Mais de setenta feridos
Enfraqueciam as fileiras,
Enquanto isso, na frente,
Com tocaias traiçoeiras,
Cem quilômetros de estrada
Pareciam ratoeiras.*

*Percebendo o movimento,
Os jagunços os seguiram,
Ladeando as colunas,
Os ataques repetiram,
E a lutar sem ter alívio
Os soldados persistiram.*

*Comandava os jagunços,
Com bravura e muito ativo,
O valente Pajeú,
Destemeroso e impulsivo,
Era o tipo completo
Do lutador primitivo.*

*Esse rebelde ardiloso
Dividiu os companheiros
Nas quebradas da caatinga
Num círculo traiçoeiro,
Retendo por algum tempo
A coluna por inteiro.*

*Após um último choque
Pôde o cerco se quebrar,
E a legião de famintos
Começou a desfilar
Por veredas ladeirentas
Com a desordem a reinar.*

*Assim penetrou de novo
No deserto montanhoso
Das gargantas do Cambaio,
O trajeto temeroso
Que antes havia feito
Em terreno perigoso.*

*Os jagunços, no entanto,
Apenas a flanqueavam,
Deixando que agisse a terra,
A arma com que contavam;
Olhavam para a montanha
E os arsenais se espalhavam.*

*Espingardas imprestáveis
Agora eram alavancas
Fazendo rolar as pedras
Sem rumo pelas barrancas,
Caindo sobre a coluna
Em forma de avalanchas.*

*Além do apedrejamento,
Ouviam-se assovios,
Como se a encaçasse
Alguns garotos vadios;
Piores que as descargas,
Brados irônicos mil.*

*A travessia foi lenta.
Em três horas de ameaças
Que pareciam o desfecho
De uma sinistra arruaça;
Até Bendegó de Baixo
A tropa quase fracassa.*

*À meia luz do crepúsculo
Houve o último confronto,
Ao cair daquela noite
Num determinado ponto;
Foi breve, mas temeroso
E rechaçado de pronto.*

*Os jagunços investiram
Atacando a artilharia,
Tentando tomá-la à força,
Mas a metralha varria;
Um total de vinte mortos
Pelo chão então jazia.*

*E os jagunços fugiram
Rolando pelas baixadas;
Estavam findas as horas
De provações redobradas,
Um incidente, porém,
Alegrou a turba armada.*

*Fustigado pelas balas,
Invadiu o acampamento
Rebanho arisco de cabras,
Isto no mesmo momento
Que os sertanejos fugiam,
Causando contentamento.*

*Homens exaustos apostavam
Carreiras c'os animais,
Prefigurando os regalos
De banquetes colossais,
E logo depois comiam,
Parecendo canibais.*

*No dia seguinte, cedo,
Proseguiu a expedição
Pro arraial de Monte Santo,
E lá a população
Recebeu-a em silêncio
Com grande consternação.*

*Não havia homem válido.
Os mesmos que carregavam
Os companheiros feridos,
Sucumbidos claudicavam
Com pés varados de espinhos,
A cada passo sangravam.*

*Usando chapéu de palha,
Alguns com fardas em trapos,
Tragicamente ridículos,
Formatura em simulacro,
Mal velando a nudez
Com capotes em farrapos.*

*Animaram-se à tarde,
Como dantes não se viam,
As encostas do Cambaio,
Pois lentamente desciam
Sertanejos pesarosos
Que os seus mortos conduziam.*

*Volvendo para o arraial,
Uma extensa procissão
Derivava pelas serras
Carregada de emoção,
Ladainhas melancólicas
Cortavam o coração.*

*Apoiavam nos seus ombros
Girais de paus roliços
Amarrados com cipós
E transportavam com isso
Os cadáveres dos mártires,
Selando seus compromissos*

*Nessa procura dos mortos
Um dia foi exaurido.
Os corpos dos lutadores
Em grotas tinham caído,
Ou balouçavam ao vento
Pelos abismos pendidos.*

*Ultimava-se, à tarde,
A piedosa missão,
Seguindo para Canudos
Sob a luz da oração
Aquele cortejo fúnebre
Nas veredas do sertão.*

*Muito baixo no horizonte
Um vermelho sol sumia,
Sobre o dorso da montanha
O último clarão caía,
Iluminando, fugaz,
O préstito que descia.*



*Brilharam as primeiras estrelas.
Rutilando na altura, a cruz resplandecente de Orion
alevantava-se sobre os sertões...*

Euclides da Cunha

Expedição Moreira César

Faminto, quem te há-de alimentar?

Se queres uma fatia de pão

Junta-te a nós, os que à fome vão

Mostrar-te o caminho a caminhar.

Os famintos te hão de alimentar.

Bertolt Brecht

*A derrota fragorosa
Do exército regular
Foi um enorme imprevisto,
Causou muito mal-estar
No governo da Nação
E no meio militar.*

*Para vingar a afronta,
A Canudos seguiria
Um campeador brilhante
E de muita valentia,
Antônio Moreira César,
Coronel de infantaria.*

*De figura diminuta,
Um tórax desfibrado,
Pernas em forma de arco,
Rosto pálido, alongado,
Tinha um olhar mortiço
Pela tristeza velado.*

*Era tenaz, paciente,
Ambicioso e leal,
Impávido, vingativo,
Cruel sem haver igual,
Epiléptico provado,
Este era seu mal.*

*No ano noventa e sete,
Dia três de fevereiro,
Ele foi para a Bahia,
Para Salvador, primeiro,
Atendendo ao convite
Do governo brasileiro.*

*Transportava um batalhão,
Sétimo de Infantaria,
Que ele mesmo comandava
Com apoio de artilharia,
E também um esquadrão,
Nono de Cavalaria.*

*Era o núcleo da brigada,
Três armas constituindo,
Mais três outros batalhões
Com o Nono incluindo,
Comandando o coronel
Pedro Nunes Tamarindo.*

*Recolhida toda a força,
Proseguiu para Queimadas
Mil e trezentos soldados
Em falanges bem armadas,
Quinze milhões de cartuchos,
Canhões, setenta granadas.*

*Depois, para Monte Santo
A tropa então prosseguiu,
Antes de Quirinquinquá
Um fato novo surgiu:
Ataque de epilepsia
Ao comandante atingiu.*

*Fora de caráter tal,
Que seus médicos previam
Uma nova recaída
Em condições que diziam
Simplesmente lastimáveis
Ante o quadro que assistiam.*

*Portanto, Moreira César
Da campanha se abeirava
Condenado pelos médicos
Que ele próprio comandava,
Deliberar sobre isso
Ninguém ali se afoitava.*

*Enquanto isso, em Canudos
A população cresceu,
Em três semanas apenas
Muita gente apareceu,
A notícia da vitória
Muito longe se estendeu.*

*Pelo alto das colinas,
Como nos primeiros tempos,
Apontavam peregrinos,
Seguindo a cada momento
Em demanda ao arraial
Com muitos carregamentos.*

*Traziam todos haveres,
Ou em redes carregando
Alguns parentes enfermos,
Moribundos ansiando
Pelo descanso final
Naquele chão venerando.*

*Viam-se também estranhos
No meio da multidão,
Silenciosos e sós,
Homens duros e de ação,
Capangas e aventureiros,
Criaturas do sertão.*

*Ao apontar da manhã,
Dividiam-se os serviços,
Um entusiasmo forte
Contribuía para isso,
Braços havia de sobra
Dispostos ao sacrifício.*

*Destacavam-se piquetes
Vigilantes e dispersos,
Vinte homens cada um
Em vários pontos de acesso,
Fazendo outros na igreja
Os serviços mais diversos.*

*Os ágeis e ardilosos,
Em missões mais delicadas,
Seguiam para mais longe,
Para o Cumbe e nas estradas,
Indagando em Monte Santo,
Investigando em Queimadas.*

*Partiam então felizes
Pequenos agrupamentos,
Ruidosos nos caminhos,
Carregando instrumentos,
Ajeitando contrabandos,
Adquirindo armamentos.*

*Premunidos de cautelas
Nas montanhas trabalhavam,
Carregavam grossas pedras
E com enxadas cavavam,
Construíam as trincheiras
Para a luta aguardavam.*

*Abriam com rapidez
Cavidades circulares
E as envolviam com pedras
De formações regulares
Numa tática regida
Por princípios seculares.*

*Sobre as veredas cruzavam
Os fogos com esperteza,
Tornando assim travessias
Em perigosas surpresas,
A ressaltar o caráter
Da guerrilha camponesa.*

*Escolhiam-se os arbustos
De mais frondosa ramagem,
Neles faziam girais
Com seus galhos em trançagem,
Ficando os atiradores
Escondido na folhagem.*

*As bigornas trabalhavam
Sempre reparando armas,
Aguçando-se os ferrões,
Temperando folhas largas,
Consertando a fecharia
De garruchas e espingardas.*

*Também faziam a pólvora,
Pois não faltava carvão;
Misturavam com salitre
Que tinham em profusão;
O enxofre necessário
Eles já tinham na mão.*

*Municiar as armas,
Bala é que não faltava,
A goela dos bacamartes
De larga tudo aceitava,
Seixos rolados e pregos
E tudo mais se usava.*

*Combatentes não faltavam;
Chegavam pelas estradas;
A notícia da invasão
Na sua nova escalada
Correra pelo sertão
Como um toque de chamada.*

*Capanga com muitas balas
E o polvorinho cheio,
A garrucha de dois canos
Na cintura de permeio,
Clavinote à bandoleira
E a faca como esteio.*

*Desse modo os recebia
O astuto João Abade,
O “comandante da rua”,
Com superioridade,
Dominando-os na mais
Perfeita conformidade.*

*Mas houve então um momento
De espanto extraordinário
Quando as notícias chegaram
Trazidas por emissários,
Dando conta do armamento
Que portava o adversário.*

*O nome do comandante
Causou também estupor.
Diziam: “É o AntiCristo”
Com sua carga de horror,
A devastação dos lares,
Fogo, sangue, espada e dor.*

*Chamavam “Corta-Cabeças”
O perigoso rival;
Ninguém foi aguardado
Com ansiedade igual,
Por isso só os valentes
Ficaram no arraial.*

*Houve mesmo deserções.
Os piquetes que seguiam
Ao clarear das manhãs,
Vigilantemente agiam,
Não entoavam cantigas
E nas moitas se escondiam.*

*A legião de beatas
Pela caatinga a rezar,
Alentava os combatentes
Até a noite chegar,
Depois ia pra latada,
Continuando a cantar.*

*Nessa hora abeirava-a
Aquele estranha figura,
Vestindo longa camisa
De azulão e sem cintura,
Era Antônio Conselheiro
A amada criatura.*

*A noite descia de todo e o arraial
repousava sob o império do evangelista
humílimo e formidável...*

Euclides da Cunha

Partida de Monte Santo

*Vinte e dois de fevereiro.
A tropa enfim partiu.
Saindo de Monte Santo
Pela estrada assim seguiu
A terceira expedição
Que em Canudos agiu.*

*A vanguarda, em três dias,
Do Cumbe se aproximou;
O comandante, co'a tropa,
Muitas horas se atrasou;
A crise de epilepsia
Novamente o atacou.*

*Na manhã de vinte e quatro,
Foram para Cajazeiras,
Sítio distante do Cumbe (11)
A duas léguas inteiras,
Depois para Serra Branca,
Três léguas na dianteira.*

*A travessia se fez
Penosa e acelerada.
Ao chegar em Serra Branca,
A tropa estava cansada,
Caminhara oito horas
No sol, em marcha forçada.*

*Com a sede a torturá-los
Na marcha para o calvário,
Caminharam mais sete léguas
Para o Sítio do Rosário,
Em busca de novos pousos,
Os expedicionários.*

*Pararam em plena estrada
Numa zona perigosa;
Penetrando na caatinga,
Os rastros em sinuosas
Indicavam sertanejos
Em suas rondas cautelosas.*

*Chegando à Porteira Velha,
Parece que os vanguardeiros
Surpreenderam jagunços
Que deixaram no aceiro
A pistola de dois canos
E um ferrão de vaqueiro.*

*Em Rosário aconteceu
Um incidente expressivo:
Soaram notas de alarma
Sem muita razão e siso,
Pensaram que o inimigo
Surgira de improviso.*

*Houve pânico geral
E muita barulheira,
Praças trôpegas caindo,
Esbarrando-se às carreiras,
Surdas à voz de comando,
Cada uma à sua maneira.*

*E então Moreira César,
Rápido e tresloucado,
Rompeu aforradamente
A galope entre os soldados,
Lançando-se pela estrada,
Mas logo foi alcançado.*

*Felizmente o inimigo
A quem entregar-se-ia
Era um comboio de gêneros
Enviado à revelia
Por um fazendeiro amigo
Morador nas cercanias.*

*Tirante esse incidente,
O mais foi tudo profícuo.
Na manhã de dois de março,
Seguiram para o Angico,
Acampando no curral
De um abandonado sítio.*

*Após deixar o Angico,
Para Pitombas seguiram,
Porém nesse local, meia
Dúzia de tiros partiram
De jagunços tocaiados,
Que logo depois fugiram.*

*Atiraram com firmeza,
Ferindo incontinente
Cerca de sete soldados
E um alferes, mortalmente,
Mas escaparam à réplica
Que se formou prontamente.*

*A metralha dos canhões
Do capitão Salomão
Explodiu no matagal
Dobrando-o até o chão,
Como uma ventania,
Varrendo de roldão.*

*Seguida de uma descarga
Dada por atiradores,
A ala direita do Sétimo
Lançou-se aos opositores
Em carga de baionetas
Na busca dos agressores.*

*Volvidos alguns minutos,
A ala retornaria,
Recebendo da coluna
Vibrações com alegria
– Tanta arma, tanta gente,
Pra tão pouca serventia.*

*O recontro provocou
Entusiasmo geral;
Decidiu-se, então, marchar
Logo contra o arraial;
Esperava-se o combate
E a derrota do rival.*

*Chegaram a Umburanas
No avanço acelerado;
Canudos estava perto,
Podia ser alcançado
Com dois tiros de canhão,
Segundo o rumo indicado.*

*E os tiros foram dados
Em meio a exclamações;
A seguir, em marche-marche,
Partiram os batalhões
Dentro de nuvem pesada
De poeira aos montões.*

*O sol dardejava a prumo,
Quando se viu de repente
Uma vista de Canudos
Aparecendo em frente,
Era o Alto da Favela,
O objetivo presente.*

*Ali estava afinal
Aquela enorme tapera
Que nenhuma expedição
Em tempo algum se houvera
Conseguido ali chegar
Pelo difícil que era.*

*Uma porção de casebres
Numa rede se formavam
Com seus becos estreitíssimos
Que a uma praça davam,
Onde as suas duas igrejas
Vis-a-vis se situavam.*

*O rio Vasa-Barris
Com um fosso a abarcava,
Compacto em roda da praça
O casario se ampliava
Com cinco mil residências,
Uma cidade formava.*

*Para o leste e para o norte
Estendiam-se à beça
Residências isoladas
Com guaritas dispersas,
Avassalando as montanhas
Pelas encostas diversas.*

*Os canhões foram dispostos
Em combate se alinhando,
E abrindo em canhoneio
Todos de vez atirando,
Com o resto da infantaria
O morro ainda galgando.*

*Não havia como errar
Esse alvo desmedido,
Logo voaram pelos ares
Os casebres atingidos,
Principiando os incêndios
No arraial desprotegido.*

*Uma nuvem de poeira
Em breve se enovelou
Completa sobre Canudos,
E não mais se diviso
O resto dos combatentes
Que à Favela chegou.*

*Escutava-se o troar
Solene da artilharia,
Reboando longamente
Pelos ares estrugia,
E a assonância dos ecos
Na montanha refluía.*

*Passados alguns minutos,
Começou-se a notar
As badaladas do sino
Da igreja velha a soar
Convocando, lá em baixo,
Os fiéis para lutar.*

*Luta ainda não houvera.
À parte ataques ligeiros
De flanco na artilharia
Feitos por alguns guerreiros,
Muito pouca resistência
Opunham os guerrilheiros.*

*As forças desenvolveram-se
Pelo espigão inclinado,
Sem que uma só descarga
As tivessem perturbado;
Oitocentas espingardas
Atirando adoidado.*

*Por entre os claros de fumo
Distinguia-se o arraial;
Viam-se grupos dispersos
Correndo pro matagal,
Outros empunhando armas
Numa luta desigual.*

*Uns pareciam em fuga
Demonstrando ansiedade,
Outros, porém, exibiam
Incrível tranquilidade,
Atravessando a praça
Alheios à adversidade.*

*De repente, cem soldados
Começaram a atirar
Sobre um jagunço que vinha
Pela estrada do Uauá,
E o sertanejo, tranquilo,
Nem apressava o andar*

*Às vezes até parava
Num desafio irritante,
Mirando então a força,
Impassível, por instantes,
Surpreendendo os soldados
Esse ser impressionante.*

*A tropa, atabalhoada,
Nervosamente atirava
No ser excepcional
Que lá embaixo passava,
Sendo alvo de um exército,
Porém ninguém acertava.*

*Por um momento sentou-se,
Pareceu bater isqueiro,
Acendendo o cachimbo,
Levantou-se altaneiro,
Encobriu-se lento e lento
Entre os casebres primeiros.*

*Lá embaixo no arraial
Viram-se passar correndo
As derradeiras mulheres
Suas crianças protegendo
Nos muros da igreja nova
As desgraças antevendo.*

*A tropa então desceu
Num estirar coleado
Às vertentes justapostas
Num deslumbrar prateado,
Centenas de baionetas
Naquele mar de soldados.*

*Antônio Moreira César
Pôs então a excluir:
“Vamos tomar o arraial
Sem um tiro a disparar!”
“À baioneta!” – gritou,
E partiram a marchar.*

*Nessa louca arremetida
Os batalhões carregaram
Pra um objetivo único
E logo se frontearam
Trocando entre si as balas
Que aos jagunços destinaram.*

*Enquanto a artilharia,
Podendo bombardear
As igrejas e o centro,
Com os soldados a avançar,
Teve que emudecer
Pra não lhes acertar.*

*O sino da igreja velha
Novamente vibraria,
No ressoar das cornetas
Intensa fuzilaria
Pelos tetos e paredes
Das vivendas irrompia.*

*De dentro da igreja nova
Guerrilheiros adensados
Estrondavam bacamartes,
Atirando unificados,
Criando uma saraivada
De chumbo e seixos rolados.*

*E foi assim que marchou
O Sétimo Batalhão
Até a borda do rio,
Seus soldados em ação,
Vingando a barranca oposta
Sem nenhuma formação.*

*Uns tombavam ali mesmo,
Outros na água rolavam
Arrastados nas correntes
Que de sangue se listravam;
Batidos constantemente
Os soldados atacavam.*

*Três batalhões avançaram
Vencendo dificuldades,
Sétimo e Décimo Sexto,
Que o centro logo invadem;
Nos fundos da igreja nova,
O Nono pela metade.*

*Nesse avançar temerário
A luta se situou,
Depois perdeu o comando
E em conflitos fracionou,
Numa ingloria e tão inútil
Dissipação de valor.*

*Isso era inevitável.
Canudos era formado
De muitos becos estreitos
Cruzando-se em trançados,
Resultando em traiçoeira
Rede para os soldados.*

*Aberto aos agressores,
Atraía-os de estalo;
Era fácil investi-lo,
Batê-lo e dominá-lo,
Varejá-lo e aluí-lo
– Era difícil deixá-lo.*

*Intacto – era frágilimo.
Feito escombros – formidável.
Rendia-se para vencer,
Surpreendendo, incansável,
O próprio conquistador.
Em ruína – inexpugnável.*

*Levado por subalterno,
Um grupo, com muita raça,
Atacou a igreja nova,
Porém teve algumas baixas,
Foram dois oficiais
E certo grupo de praças.*

*Outros foram contornando
Esse núcleo resistente,
Atiraram-se às casas
À margem do rio existentes,
Tomaram e incendiaram,
Prosseguindo mais em frente.*

*E assim nesse prosseguir,
Começou a se esboçar
O gravíssimo perigo
Daquele estranho lugar:
Os pelotões dissolviam-se
Rarefeitos a pugnar.*

*Enredavam-se em vielas,
Muitas esquinas dobravam,
Na mais completa desordem
Ao acaso atiravam,
Dispersos e sem cautela
Os combatentes lutavam.*

*Invadiam assim as casas
Nessa louca turbulência,
Escancarando-as a couce
De armas, com violência,
Encontrando muitas vezes
A segura resistência.*

*Estavam muitas vazias.
Noutras os intrusos viam
Pela frente uma espingarda,
E ali mesmo recebiam
Os tiros à queima-roupa
Que de lá de dentro surgiam.*

*Os companheiros mais próximos
Corriam e ajudavam;
Corpo a corpo, brutalmente,
Pugilatos se formavam,
E os numerosos soldados
Nas casas enfim entravam.*

*Lá dentro, posto de cócoras,
Num canto escuro escondido,
Permanecia tocaiado
O morador repelido
– Que então descarregava-lhes
Um tiro descomedido.*

*E fugia; ou então,
Defendendo tenazmente
O seu paupérrimo lar,
Esperava firmemente
– Sozinho – os inimigos,
Lutando terrivelmente.*

*Eram todas as suas armas
Contra eles empregadas,
Recorrendo à faca e ao tiro,
Cortando-lhes à foiçada,
Atirando-lhes os trastes,
Ferrando-lhes à guiadas.*

*Arrojando-se, afinal,
Ele próprio em bagaços
Num ato de desespero,
Resfolegando de cansaço,
Procurando estrangular
Quem caísse entre seus braços.*

*Pelos cantos as mulheres,
Chorando desatinadas,
Viam baquear no chão
Moído a coronhadas
O lutador temerário,
Ou morto a baionetadas.*

*Quase sempre o soldado,
Depois da casa expugnar,
Não se forrava à ânsia
De em Canudos almoçar;
E bem antes do triunfo,
Começava a saquear.*

*Esquadrinhava giraus,
Pegava carnes de sol,
Cuias cheias de paçoca
E ouricuris nos aiós,
Água fresca e cristalina
A um canto nos bogós.*

*Não havia resistir.
Num minuto a refeição
Completava-se com água;
Às vezes tinha então
Um pós-pasto cruelíssimo:
Um tiro de supetão.*

*Os jagunços o assaltavam.
O conflito revivido,
Invertendo-se os papéis:
Cosido à faca e moído,
O lutador imprudente
Agora no chão caído.*

*Naquela malha de becos
Os soldados se perdiam
Na louca perseguição
Aos jagunços que fugiam,
Porém topavam de súbito
Com outros que não previam.*

*Atônitos estacavam,
Nem faziam pontaria;
Descarregavam as armas,
Renovando a correria,
E recuavam depois
Pra dentro da casaria.*

*Onde então os salteavam
Os jagunços tocaitados;
Estes eram dispersados,
Dispersando mais soldados,
E assim eram os mesmos
Episódios reeditados.*

*Animados na ilusão
De uma vitória alcançada,
De que lhes era sintoma
Essa desordem danada,
Alguns soldados perdiam-se
Na cidadela arrasada.*

*Pra todo lado se viam
Pobres mulheres rezando,
Ou sacudidas das casas
À bala e a fogo, gritando,
Velhos, enfermos e mancos
Pra toda banda clamando.*

*Antônio Moreira César,
Numa margem do rio,
Com seu Estado-Maior
Espantosamente viu
Desaparecer a tropa
No meio do casario.*

*Rolava muita desordem
Lá dentro, ruidosamente,
Em meio a imprecações
E estampidos frequentes
Numa luta braço a braço,
Mostrando-se inconsequente.*

*Grave era a situação.
Fatos não renunciavam
Nos rebeldes o desânimo;
Firmes ainda estavam
Aqueles jagunços que
Na igreja nova atiravam.*

*Mesmo assim a artilharia
Não podia alvejá-la,
Temendo que os canhões
Despejassem suas balas
Entre os próprios companheiros
Que lutavam pra tomá-la.*

*Estalando firmemente,
Sem temer as investidas,
No tumulto da refrega
De longe eram ouvidas
Do sino da igreja velha
As pancadas repetidas.*

*Mas algo se complicava
Nessa luta colossal,
A ação abrangia apenas
A metade do arraial,
A outra metade estava
Na integridade total.*

*E era menos compacta
Essa banda do lugar;
Situava-se em lombada
Difícil de conquistar,
Penosamente obrigando
O inimigo a escalar.*

*Esse lado do arraial
Uma vala funda abriga,
Sendo difícil transpô-la
A exausta tropa inimiga,
Exigindo sacrifícios
Impondo novas fadigas.*

*Por isso, Moreira César
Alertou sua milícia,
E vendo a situação,
Determinou que a polícia
Atacasse aquela parte
E que a cavalaria seguisse-a.*

*Chegando à beira do rio,
Cujas águas respingaram
Com os disparos dos tiros,
Os cavalos refugaram;
Dilacerados à espora,
Um pouco mais avançaram.*

*Até o meio do rio.
Mas foram logo empinando,
Freios tomados nos dentes
Em galões arremessando
Das selas os cavaleiros
E em desordem retornando.*

*Por seu turno a polícia,
Depois de transpor o rio,
Vacilou ao deparar
O grande resvaladio
Daquela vala profunda
Que na frente surgiu.*

*O chefe expedicionário,
Vendo o desastre iminente,
Tomou uma decisão:
“Vou dar brilho àquela gente...”
Depois montou seu cavalo
E partiu incontinenti.*

*Descendo a meia encosta
O cavalo refreou;
Abandonando as rédeas,
Sobre o arção se inclinou
O chefe Moreira César
Depois que um tiro levou.*

*“Não foi nada!” – exclamou
Nesse momento, transido,
Acalmando os companheiros
E mortalmente ferido,
Quando novamente foi
Por outra bala atingido.*

*Fora do combate estava,
Sendo seu substituto
O coronel Tamarindo,
Que, apesar de muito arguto,
Nada podia fazer
Naquele momento abrupto.*

*O combate prosseguia
Em desordem absoluta
Num combate temerário
Sem nenhum plano de luta
Contra aquela barricada
Monstruosa e dissoluta.*

*Tornando-a impenetrável
À medida que arruinavam,
Assim sob seus escombros,
Que as ruas atravancavam,
Sertanejos emboscados
Facilmente deslizavam.*

*Além disso despontava
Contratempo inevitável,
Era a chegada da noite
E a escuridão implacável,
Confundindo os combatentes
Em cansaço intolerável.*

*Mas antes que ela chegasse,
O recuo começou;
O exército repelido,
Para o rio se lançou,
Soldados e oficiais
Fugindo daquele horror.*

*Chamuscados e poentos,
Ao acaso disparando,
Titubeantes em fuga,
Tontos e vociferando,
Fardas em tiras, correndo,
O combate abandonando.*

*Esse alarmante refluxo
Que à esquerda começara,
Logo à extrema direita
Rápido se propagara,
E a linha de combate
Despedaçada rolara.*

*Pela barranca do rio,
Largando suas posições,
Enxurraram na corrente
De repente os pelotões
Sob a hipnose do pânico,
Fugindo aos tropeções.*

*Apisoando feridos,
Afastando rudemente
Os extenuados trôpegos,
Derrubando-os cruelmente,
Ou simplesmente afogando-os
Num desespero crescente.*

*Assim os primeiros grupos
A outra margem atingiram,
Agarrando-se às gramínias,
Outros porém os seguiram,
Embaralhando-se os corpos
Numa enchente se fundiram.*

*Nesse momento o sineiro
O alarma interrompia,
Soando harmoniosamente
A Hora da Ave-Maria...
Com a jagunçada contrita
Em profunda calma.*

*Transposto o rio, os soldados
Eram uma multidão
Alvoroçada, inútil,
E uma preocupação:
Evitar o adversário
Que buscava até então.*

*Porém o morro onde estavam
Era inseguro lugar,
Sujeito a algum assalto
Difícil de rechaçar,
Sendo assim era forçoso
Com urgência abandonar.*

*Na mais completa desordem
Foram pro Alto do Mário;
Cercando a Fazenda Velha,
Formaram um santuário,
Dentro dele agonizava
O chefe expedicionário.*

*A expedição era agora
Uma formação tacanha
De homens e animais
E suas armas de campanha,
Entupindo tristemente
Uma dobra da montanha...*

*Havia chegado a noite.
Não se via o arraial.
Alguns braseiros em chamas,
Uma luz eventual
Bruxuleando nas sombras,
Denunciando o rival.*

*Haviam cessado os tiros.
Nenhuma voz dali subia.
A imponência das igrejas
De longe transparecia
No limiar das estrelas
Que o céu negro difundia.*

*Na placidez da montanha,
Encontravam-se os soldados
Por ali se arrastando
Feridos e estropiados,
Supliciados na sede,
Pelas dores torturados.*

*Nem se podia curá-los
No meio da escuridão,
Onde o fulgar de um fósforo
Era a própria perdição,
Uma sentença de morte
Sem haver apelação*

*Havia falta de médicos
E de um firme comando.
O coronel Tamarindo,
Agora deliberando,
Era o herdeiro forçado
Desse destino nefando.*

*Quando alguém o interpelou
Qual o caminho a seguir,
Com tristeza respondeu:
“É tempo de Murici”,
Logo depois completando:
“Cada um cuide de si”.*

*A esse ditado do Norte,
A única ordem do dia,
Ele nada acrescentava,
Quase nada respondia,
Deixando de incentivar
A tropa que esmorecia.*

*Quedava-se impassível,
Alheio à ansiedade
Crescente de seus soldados
E da oficialidade,
Que tomava providências
Naquela adversidade.*

*Era por demais ridículo
Aquele constrangimento,
Em meio a canhões modernos
E primoroso armamento,
Soldados encurralados
Por matutos turbulentos...*

*Pelo espírito de muitos,
O intento animador
De um poderoso revide
Por um momento passou,
Mas a lógica das coisas
A todos desanimou.*

*Não havia outro recurso
A não ser a retirada.
Juntos, os oficiais
Deram como proclamada
Por ser a solução única
Por todos patenteada.*

*A notícia foi levada
Ao coronel moribundo,
Que reagiu prontamente
Com sentimento profundo,
Não acatando a proposta
Aceita por todo mundo.*

*A princípio muito calmo,
Passou a argumentar:
Mais da metade da tropa
Apta estava a lutar,
Não faltando munição,
Por que então recuar?*

*Depois, tomado de cólera
E de angústia intensa,
Pedi a todos presentes
Que lhe poupassem a ofensa,
Que não o sacrificassem
À essa cobardia imensa...*

*Porém a tropa manteve
A firme resolução;
Revoltado, o coronel
Tomou uma decisão:
Que se fizesse uma ata
Nessa mesma ocasião.*

*Que tudo aquilo que ouvia,
Pudesse ali registrar,
Dando margem a seu protesto
Numa forma lapidar,
Incluindo o abandono
Da carreira militar.*

*A reprimenda do chefe,
Por duas balas ferido,
Não mudou o que a tropa
Já havia decidido,
Reagir nesse momento
Não fazia mais sentido.*

*Abatida pelo golpe
Daquele revés incrível,
Em que baqueara o chefe
Considerado invencível,
O jagunço entroncado
Parecia-lhe intangível.*

*Grande parte dos soldados
Do Nordeste brasileiro
Criara-se ouvindo histórias
De Antônio Conselheiro,
Sua lenda, seus milagres
E a fama de feiticeiro.*

*Já perto da meia-noite
O medo se avolumara;
Um rumor indefinível
A encosta avassalara
Assustando a sentinela
Que súbito despertara.*

*Não se tratava de assalto;
O pior ali estava:
Lá no arraial, invisível,
O inimigo rezava.
Essa placabilidade
Pelo contraste atuava.*

*Essas ladainhas tristes,
Os kyries estropiados
Causavam um burburinho
Pasma entre os soldados.
Como vencer inimigos
Pela fé transfigurados?*

*E logo veio a notícia
Para a tropa emocionada:
Antônio Moreira César
Morrera de madrugada,
Completara-se o transe,
Impunha-se a retirada.*

*Os preparos da partida
Fizeram-se no atropelo
De um tumulto indescritível,
Pois não havia contê-lo;
A retirada era a fuga
Incontida e sem apelo.*

*Logo que os primeiros raios
Da manhã iluminaram,
Praças de todos os corpos
Na vanguarda abalaram,
Ambulâncias e cargueiros
Rápidos os alcançaram.*

*Por último os feridos
Em padiolas levados,
Uma delas carregando
Aquele fardo pesado:
O corpo do inditoso
Comandante malogrado.*

*Seguindo pelas encostas,
Por onde a estrada descia,
A expedição se espalhava
Longamente em travessia,
Sem ordem, sem formaturas;
Não retirava, fugia.*

*Dando as costas ao inimigo,
Parecia confiar
Na rapidez do recuo
Para assim se libertar,
Precipitando-se à toa
Pela estrada a marchar.*

*Apenas a divisão
Do capitão Salomão,
Formando quatro canhões,
Mantivera a posição
Ali no Alto do Mário,
Antepondo-se à açã.*

*Por tropa de infantaria
Muito bem fortalecida,
Essa fração abnegada
Foi rudemente investida
Com vivas entusiásticos
E envolvente arremetida.*

*Nisso, o sino da igreja
Recomeçou a bater,
Levando a população
De Canudos a correr
Para o largo ou pras colinas
Para aquela cena ver.*

*Dando ao trágico do lance
Uma nota galhofeira,
Milhares de assovios
Formaram grande zoeira
Estridente e implacável,
Soando na cordilheira.*

*A divisão de canhões
Replicou por um momento,
E depois, por sua vez,
Começou o deslocamento
Pelo aclive do morro,
Retirando-se a contento.*

*Mas era tarde demais.
Ao longo de toda a estrada,
Até onde a vista dava,
A expedição malograda
Estava de ponta a ponta
Por jagunços flanqueada...*

*E foi uma debandada.
Abandonando armamentos,
Jogando fora as peças
Dos muitos equipamentos,
Arriando as padiolas
Dos feridos em tormentos.*

*Desapertando os cintos
Pra correr desafogados,
Errando pelas caatingas
Em bandos desabalados
Uns oitocentos soldados
Sem chefes, apavorados.*

*Entre os fardos atirados
No pânico dominante,
Ficou à beira da estrada
Em abandono ultrajante
– Tristíssimo pormenor –
O corpo do comandante.*

*Nem sequer o defenderam.
Fugiam dos inimigos,
Que somente adivinhavam
Nos gritos e estampidos,
Gerando medo e tornando
Os batalhões diluídos.*

*Na extrema retaguarda,
Apenas a artilharia,
Parando de quando em quando,
Com seus disparos varria
As caatingas traiçoeiras
E lentamente seguia.*

*De sorte que n'algum tempo
Em torno dela adensou-se
Mais numeroso o inimigo,
Que sobre ela atirou-se,
Avançando e recuando
Como se uma onda fosse.*

*O ataque dos sertanejos
Num círculo se fechava,
Isolando a artilharia
Que de pronto os afrontava,
Arrebentando em descargas
Violentas que os fulminava.*

*As granadas explodindo
No meio do matagal
Causavam grandes incêndios;
Parecia um vendaval,
Que aturdia o jagunço
Com seu barulho infernal.*

*Brados de dor e de cólera
Emolduravam o drama;
Mas o lutador saltando
De esconderijos em chamas,
Dispara sua espingarda
E à resistência conclama.*

*Mesmo assim a artilharia
Mal podia prosseguir,
Um a um os seus soldados
Tombavam ao resistir,
E os animais de tração
Já não podiam seguir.*

*E a bateria parou.
Com os canhões emperrados
Numa volta do caminho,
Ficaram os seus soldados
Em difícil situação,
Agora imobilizados.*

*O coronel Tamarindo
À retaguarda voltou,
E vendo o quadro estupendo
Que ali se deparou,
Toques “meia-volta”, “alto!”
Rapidamente ordenou.*

*Vibraram inutilmente
As cornetas a tocar,
Acelerando a fuga
Numa reação sem par,
Pois nessa toda desordem
Só havia “debandar!”*

*Engatilhando revólveres
No peito dos foragidos,
Debalde os oficiais
Tentavam vê-los contidos,
Porém nada conseguiam,
Estavam todos perdidos.*

*Não se podia contê-los;
Passavam todos correndo.
Correndo de oficiais,
Dos jagunços se escondendo,
Os feridos e enfermos
Se arrastando, sofrendo.*

*Em cima desse tumulto
Se ouviam notas no ar,
Imperceptíveis, inúteis,
De cornetas a tocar.
A infantaria sumira,
Não tinham a quem chamar.*

*Inteiramente sozinho,
Sem uma só ordenança,
O coronel Tamarindo
Viu perder sua esperança,
E pela estrada deserta
Em seu cavalo se lança.*

*Procurava a todo custo,
Ainda pessoalmente,
Interceptar a vanguarda.
E a artilharia valente
Em estado de abandono
Estava completamente.*

*Aí então, sobre ela,
Os jagunços se lançaram,
Atacando os defensores,
A foiçadas os retalharam,
Matando-os junto aos canhões,
Que jamais abandonaram.*

*Consumara-se a catástrofe...
Logo adiante, perdido,
O coronel Tamarindo
Foi mortalmente abatido
No córrego do Angico,
Por uma bala, ferido.*

*“Procurem o Cunha Matos...”
Disse no último momento
Pro engenheiro militar
Alfredo do Nascimento;
Tal ordem dificilmente
Podia ter cumprimento.*

*Anulada e dispersa,
A terceira expedição
Assim desaparecera
Nas caatingas do sertão,
A maioria sem rumo
Errando na imensidão.*

*Por evitar a estrada,
Muitos foram se perdendo,
Entre estes os feridos
Pelo deserto se vendo
Em absoluto abandono,
Agonizando, morrendo.*

*Alguns mais afortunados,
Desviando-se da rota,
Foram bater pelo Cumbe
Ou em regiões remotas,
O resto foi amargar
Em Monte Santo a derrota.*

*Enquanto isso os jagunços
Os despojos recolham;
Muita arma e munição
Por todo lugar jaziam,
De envolta com o armamento,
Dólmans e calças surgiam.*

*A tropa assim se despira
Diante do adversário!
Na distância que medeia
De Canudos a Rosário,
Desarrumado, ao ar livre,
Havia um arsenal vário.*

*Os jagunços recolheram
Todo aquele arsenal.
Levaram os quatro Krupps (12)
Para dentro do arraial;
A terceira expedição
Lhes fora providencial.*

*As mannlichers e comblains,
Modernas e fulminantes,
Substituíram as armas
Velhas, morosas de antes,
Só não vestindo as fardas
Tidas como ultrajantes.*

*Armas e munições
Foram todas coletadas.
Cadáveres de soldados,
Em rudeza exacerbada,
Prontamente incinerados
E as cabeças cortadas.*

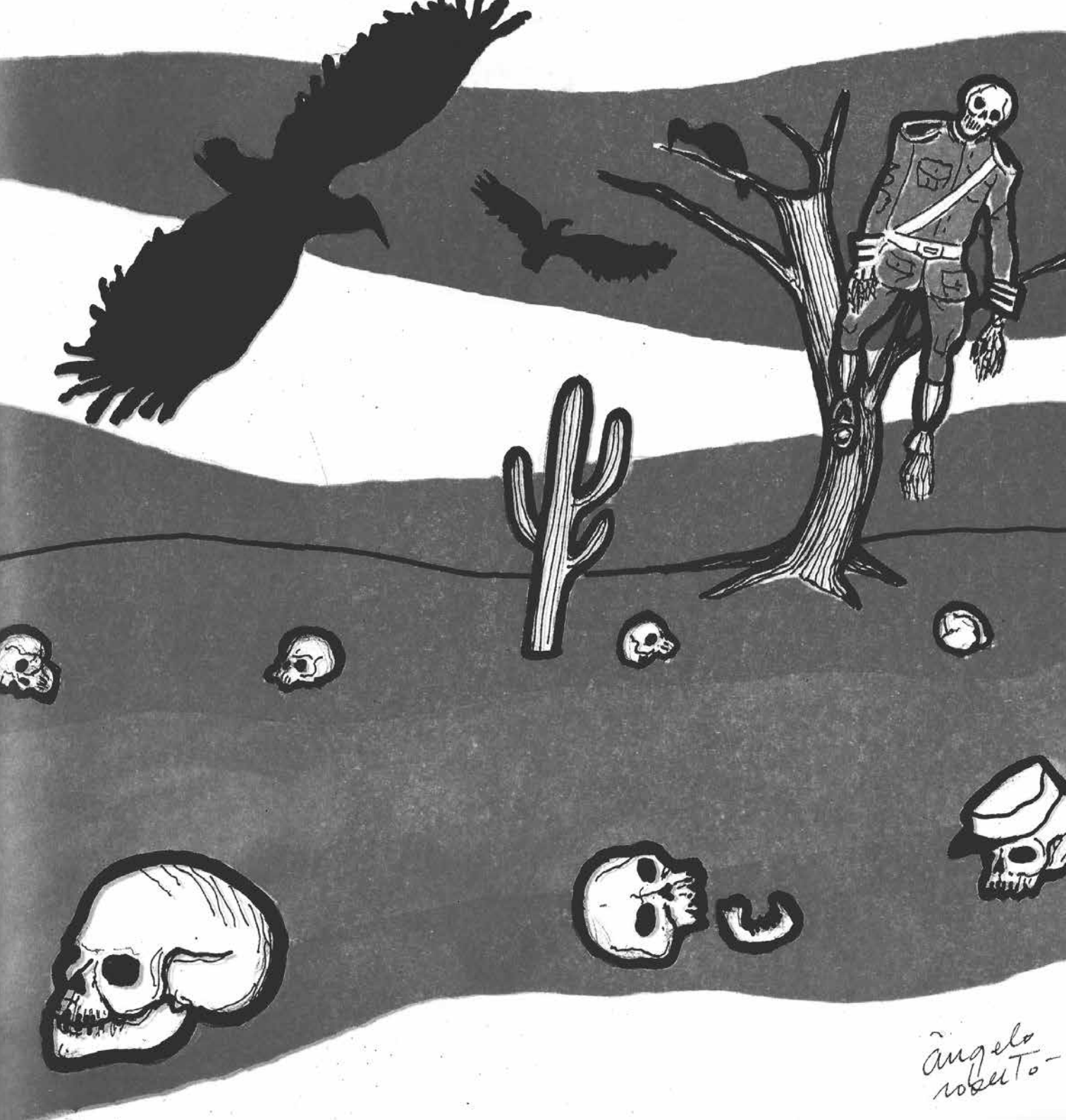
*Alinharam-nas depois
Nas duas bordas da estrada,
Fronteando face a face,
Regularmente espaçadas,
Numa encenação macabra
Sinistramente ensaiada.*

*Por sobre arbustos mais altos,
Qual lúgubres florações,
Dependuraram selins,
Os quepes e os cinturões,
Os cantis e as mochilas,
Restos de farda aos montões.*

*Um pormenor escabroso
A uma banda surgindo,
Completava a encenação:
Empalado (13) e se esvaindo,
Num galho seco, o corpo
Do coronel Tamarindo.*

*Era um ser assombroso...
Como um manequim terrível,
Braços e pernas pendidos
Feito uma visão incrível,
Assim balouçava ao vento
Naquele galho flexível.*

*Quando três meses mais tarde
Novos expedicionários
Seguiram para Canudos,
Viram o mesmo cenário
Tétrico e extraordinário
Armado pelo adversário.*



Angelo
roberto-

[...] renques de caveiras branqueando nas orlas do caminho, rodeadas de velhos trapos, esgarçados nos ramos dos arbustos e, de uma banda – mudo protagonista de um drama formidável – o espectro do velho comandante...

Euclides da Cunha

Quarta expedição

*Quem, ó vítima, te há-de vingar?
Tu, espancado pelos bandidos,
Junta-te às fileiras dos feridos.
Somos nós, com nosso soluçar,
Camarada, que te havemos de vingar.*

Bertolt Brecht

*Foi um desastre maior
A nova desse revés.
Essa quarta expedição
Organizou-se através
De comoção nacional
Ante fatos tão cruéis.*

*Foi a princípio o espanto;
Depois o desvairamento
Geral da opinião
Ante o acontecimento,
Sem encontrar a razão
Para aquele esmagamento.*

*Uma força numerosa,
Muito bem aparelhada,
Com chefe de tal quilate,
Poderia ser derrotada
Por tabaréus turbulentos
Com armas ultrapassadas?*

*Pra sucesso de tal monta
Havia uma explicação:
Nos distúrbios sertanejos
Havia conspiração
Contra a nascente República,
A nova instituição.*

*Em risco estava a República,
Anunciavam os jornais;
Era o grito dominante
Em todas as capitais,
A partir da federal
Até as estaduais.*

*Diziam em grandes letras
Que era a Monarquia
Querendo a restauração,
E por trás disso se via
O exército imperialista
Que em armas se batia.*

*Mentindo, anunciavam,
Sem temer contestação,
Que um general austríaco
Comandava a insurreição!
Calúnias iguais a esta
Havia em profusão.*

*Certas mentiras heroicas
Chegavam a afirmar
Que o coronel Tamarindo
Conseguira se salvar;
Dizia que ele estava
Ferido em Massacará.*

*E assim Salomão da Rocha
Tornou-se herói nacional
Através de morte trágica
Em combate desigual,
Defendendo a artilharia
Com sua guarnição leal.*

*A história do cabo Roque
Trouxe nacional conforto;
Guardando Moreira César,
De joelhos junto ao corpo,
Até a hora final
Batera-se por um morto.*

*A cena maravilhosa,
Fortemente colorida
Pela verve popular,
Foi também esclarecida
Quando surgiu em Queimadas
O pretense herói... com vida.*

*A este desapontamento
Juntavam-se outros mais.
Agravando-se a catástrofe,
As tropas oficiais
Somavam trezentos mortos
Ou quase isto, aliás.*

*O desejo da vingança
Estava em toda mensagem.
Ao mesmo tempo que aos mortos
Se prestavam homenagens,
Formavam-se batalhões
Pra revidar o ultraje.*

*Para o comando da luta
Decidiu-se convidar
Um militar de renome,
General Artur Oscar,
Que era o comandante
De um distrito militar.*

*Convergindo pra Bahia,
As tropas assim formadas
Eram imediatamente
Deslocadas pra Queimadas,
Uma base provisória
De operações programadas.*

*Formaram duas colunas
Compostas de seis brigadas,
Pelo general Barbosa
Uma delas comandada,
E ao general Savaget
A outra foi confiada.*

*A coluna Savaget
Seguiu para Aracaju,
Enquanto pra Monte Santo
Foi o general Artur
Com a primeira coluna,
Cortando de norte a sul.*

*Cada coluna compunha-se
Só de soldados, três mil;
E todos se concentravam
Na preparação febril
Da expedição que iria
De encontro ao jagunço hostil.*

*Entre os caminhos que iam
A Canudos demandar,
Dois tinham sido trilhados
– Cambaio e Massacará –
Por outras expedições
Que foram ali lutar.*

*Afora esses dois caminhos,
Restava o de Calumbi,
Mas evitou-se o rumo
Da expedição por ali,
Preferindo os contrafortes
Da serra do Aracati.*

*A marcha para Canudos,
Partindo de Monte Santo,
Foi penosa como as outras,
Sem confrontos, no entanto;
Só na fazenda Rosário
Houve um momento de espanto.*

*O inimigo apareceu,
Mas célere, fugitivo,
Tendo à frente Pajeú.
Tinha como objetivo
Fazer reconhecimento
Em um ataque furtivo.*

*Um rápido tiroteio
À tropa submeteu,
Flanqueando-a velozmente
Logo desapareceu;
Surgindo mais adiante,
Com a vanguarda se bateu.*

*Passou, então, num relance
Com poucos atiradores.
Sem se poder distingui-los,
Fugiram os agressores,
Deixando um prisioneiro
Ferido com os invasores.*

*Os soldados acamparam
Nesse sítio do Rosário,
Ao general Savaget
Foi enviado emissário,
E a tropa logo seguiu
Para o Rancho do Vigário.*

*O emissário reiterava
Compromisso anterior
De, a vinte e sete de junho,
Conforme se acertou,
Encontrar-se em Canudos
O exército invasor.*

*Chegando a data aprazada,
As brigadas abalaram;
Ao longe, desguarnecido,
O comboio até deixaram,
E em quase dez quilômetros
Lentamente se estiraram.*

*Mais uma vez os jagunços
Atacaram de surpresa.
Foi mais sério o ataque;
Um combate, com certeza;
A tropa ficou em alvo,
Mas replicou com firmeza.*

*Desse ponto até Canudos,
Piquetes se sucediam
Armados por Pajeú,
E sobre as tropas agiam,
Fustigando-as tenazmente,
Ao mesmo tempo sumiam.*

*Chegando ao sítio Pitombas,
A cruel recordação:
Velhos molambos de fardas
Espalhados pelo chão
Com fragmentos de ossadas
Provocando assombração.*

*À margem esquerda da estrada,
Enfiado num espeto,
Dentro de um fardamento,
Ali estava o esqueleto
Do coronel Tamarindo
Balançando em galho seco.*

*Estava decapitado;
Tinha os braços pendidos;
Aos pés o crânio e as botas.
Com luvas pretas vestidos,
Brancos dedos esqueléticos
Rompiam pontos píuidos.*

*E da borda do caminho,
Ao fundo das matas pardas,
Espalhavam-se esqueletos,
Vestidos de rotas fardas,
Estirados pelo chão
Numa encenação bastarda.*

*Ou ainda sobre arbustos,
Desequilibradamente,
Oscilando sob o vento,
Dando-lhes, singularmente,
Um movimento de espectros
De assustar qualquer vivente.*

*A encenação demoníaca
Assombrara os soldados,
Que mal viam o cenário,
Pois eram aferrodados
Pelo inimigo, de esguelha,
Em ataques prolongados.*

*Quando chegaram ao Angico,
Por volta do meio-dia,
Aproximada, iminente,
A batalha parecia;
Da vanguarda à retaguarda
Só tiroteio se ouvia.*

*A tropa assim prosseguiu
Até que a noite chegou;
Para o Alto da Favela
Ela se direcionou;
Repelindo ataque sério,
A montanha escalou.*

*Então desencadeou-se
Um combate violento.
O inimigo encafurnado
E nas trincheiras atento
Rompeu em fuzilaria
Nutrida e sem dar alento.*

*Era desesperadora
Aquela situação.
Os batalhões atacados,
Em difícil posição,
Surpreendidos fizeram-se
Atônita multidão.*

*Isso fora um ardil.
Os expedicionários,
Na ânsia perseguidora
Contra o adversário,
Caíram na armadilha
Com seus feitos contrários.*

*Dispersos na frente, em fuga,
Os jagunços os levavam
Por trilhas desconhecidas,
E assim os orientavam
Com aquele guia terrível
– Pajeú – que não contavam...*

*E tombaram na tocaia,
Inquietos e assombrados,
Desorientadamente,
Centenares de soldados,
Tropeçando e baqueando
C'os tiros, atordoados.*

*Por não poder arriscar
Um passo na região,
Alvejavam as encostas
Tentando uma solução.
A réplica era inútil,
Gastavam balas em vão.*

*Os jagunços despejavam
Sem riscos suas descargas,
De cócoras ou deitados
Naquelas trincheiras largas,
Em cujas bordas cobriam
Os canos das espingardas.*

*A tropa, imobilizada,
No cerco permaneceu,
Até que ao fim de uma hora
O ataque amorteceu,
E afinal cessou de vez
Na trégua que sucedeu.*

*Pôde a tropa, enfim, mover-se
Formando um acampamento,
Recolocando batalhões
Nesse amplo movimento,
E até hospital de sangue
Instalou-se a contento.*

*Para lá se arrastaram
Cinquenta e cinco feridos;
Com vinte mortos esparsos,
Que não foram removidos,
Somavam setenta e cinco
O número dos caídos.*

*O exército adormeceu
Guardado por sentinelas,
Naquela promiscuidade
Em que tudo se nivela,
Perto do Alto do Mário,
Ali mesmo na Favela.*



*Porém era enganadora
Toda aquela placidez;
A tropa estava isolada
Pelo cerco que lhe fez,
Conseguindo seu intento,
O exército camponês.*

*Na manhã de vinte e oito,
Em posição dominante,
Os oficiais e praças
Viam ali adiante
A “caverna dos bandidos”,
No dizer do comandante.*

*Tratava-se de Canudos.
Estava fortificada.
Trincheiras a protegem
Seguras de lado a lado;
Nas torres da igreja nova
Quedavam-se os rebeldes.*

*Às seis horas da manhã,
Numerosos combatentes
Aglomeravam-se em volta
Dos canhões, tranquilamente,
Desejando ver Canudos
Destruída totalmente.*

*Era mais uma ilusão
Rapidamente desfeita...
Partiu o primeiro tiro
Do Krupp da extrema direita,
Despertando a jagunçada
Que adormecera na espreita.*

*Então desencadeou-se
Violenta chuva de balas,
Descendo daqueles morros,
Vinda das planícies ralas,
Com um sibilo de notas
Horrível e sem escalas.*

*O general João Barbosa
Por sua vez afirmou
Que durante cinco anos
Ele não presenciou
Na Guerra do Paraguai
Um semelhante clamor.*

*Rolante, violentíssima,
A descarga convergia,
Deflagrando os morros
Sobre a tropa se abatia
Como um rastilho único
Dizimando a artilharia.*

*De oficiais, a metade,
De soldados, às dezenas,
Tombaram nesse ataque,
Encorajados, apenas,
Pelo coronel Olímpio,
De uma bravura serena.*

*Este velho oficial
Continuou impassível
No meio da guarnição
Rarefeita. Irreprimível,
Circulava entre canhões
Numa valentia incrível.*

*Vibraram-se os alarmas.
E assim indistintamente,
Sem uma direção fixa
Ou comando, prontamente
Quase três mil espingardas
Dispararam num repente.*

*Os pelotões atiravam
A esmo, sem pontarias,
Contra o inimigo sinistro
Que em toda parte surgia
E num torvelinho louco
A coluna comprimia.*

*Esta, porém, no tumulto,
Começou a avançar
Com sua terceira brigada
No flanco esquerdo a marchar,
Visando a Fazenda Velha
Com o inimigo a atirar.*

*Quase cem metros depois
Da posição primitiva,
A vanguarda dissolveu-se
Numa grande defensiva
De simples atiradores
Sem ação objetiva.*

*Tomou-lhe a dianteira,
Após ter descavalgado,
O coronel Thompson Flores,
Tentando desesperado
Dar ordem à linha de fogo,
Quando então foi baleado.*

*Morreu o coronel Flores,
Que foi substituído
Pelo major Cunha Matos,
Logo depois abatido
Por um projétil certo
Pouco depois de assumido.*

*Passou-se então o comando
Ao major Carlos Mesquita,
Que também, por sua vez,
Teria a mesma desdita,
Assumindo um capitão
A situação aflita.*

*No Sétimo Batalhão
Concentrou-se a desgraça:
Tombaram em meia hora,
Naquela grande arruaça,
Nove de seus oficiais
E cento e quatorze praças!*

*Reduzira-se a um terço.
Dissolvia-se à bala.
Num ritmo inflexível,
A assustadoras escalas,
As graduações dos chefes
Iam-se tornando ralas.*

*Então o Décimo Quarto
Batalhão de Infantaria,
Ao abalar em reforço,
Seu comandante perdia
– Major Pereira de Melo –
Quando a montanha descia.*

*Assumiu um capitão
– Martiniano Oliveira –,
Logo logo baleado,
Assumindo a dianteira
O capitão Souza Campos,
Morto da mesma maneira.*

*Seguiu o Décimo Quarto
Tendo como comandante
Simplesmente um tenente;
E a mortandade reinante
Alastrava-se nas linhas
Com mais uma agravante.*

*Ao final de duas horas
Que o combate durava,
Viu-se que, subitamente,
A munição se esgotava;
Além disso, a artilharia
O último tiro dava.*

*Pelo quartel general
Começaram a chegar
Os reclamos insistentes
Num crescendo sem parar:
Que fossem municidados
Os batalhões, sem faltar.*

*À retaguarda seguiu,
Para o comboio apressar,
O capitão Costa e Silva,
Mas teve de retornar
Ao percorrer um quilômetro,
Porque não pôde passar.*

*Por última tentativa,
Pelo desespero até,
Um emissário seguiu,
Cuidadosamente, a pé
Pelas caatingas, em busca
Da Coluna Savaget.*

*Toda a Primeira Coluna
Estava aprisionada.
Por incrível que pareça,
No meio dessa enrascada,
Não havia como sair
Da posição conquistada.*

*O general comandante,
Diante da situação,
Com a Segunda Coluna
Tentou a conexão,
No intento de receber
Reforço de munição.*

*Para isso enviou
Força de cavalaria,
Porém aquele piquete
Rápido retornaria
Barrado pelo inimigo
Em meio à fuzilaria.*

A Coluna Savaget

*Partindo de Aracaju,
Setenta léguas marchou
A Coluna Savaget,
Até que se aproximou
Dos limites de Canudos,
Vindo pelo interior.*

*Dois mil e trezentos homens,
Incluindo dois canhões,
Dia dezesseis de junho
Reunindo os batalhões,
Marcharam assim unidos
Pro local de operações.*

*Em vinte e cinco de junho,
Chegou a Cocorobó
A vanguarda dessa força
Em situação melhor,
Porém sempre vigiada
Com jagunços ao redor.*

*Um esquadrão de lanceiros,
Que descobrira o inimigo,
Abeirou-se galopando
De seus grosseiros abrigos
E vira-os de relance,
Desafiando o perigo.*

*Retornara à toda rédea
– A tiros foi repellido –,
Perdendo, assim, dois soldados
Que lá ficaram feridos,
Determinando o ataque
Num tiroteio nutrido.*

*Os jagunços sustentaram
O combate, com valor;
Audaciosos, tenazes,
Ninguém o pé arredou,
Aceitando com firmeza
A luta que se formou.*

*Renhida fuzilaria
Partia da cidadela
Causando baixas na tropa,
Chovendo balas sobre ela,
Reproduzindo episódios
Do Cambaio e da Favela.*

*Por duas horas seguidas
Ficou a 5ª Brigada
No rio Vasa-Barris,
Numa das margens, parada,
Afrontando o tiroteio
A que fora obrigada.*

*Com seus oito batalhões
Magnificamente armados,
A Coluna Savaget
Era um bando de soldados
Numa luta desigual,
Inúteis, manietados.*

*O general Savaget
Aquilatou com firmeza
A conjuntura gravíssima,
Decidindo com presteza
Fortalecer a vanguarda
E preparar a defesa.*

*Reagir a todo custo
Era o alvitre do momento.
Para assim neutralizar
O cruel fuzilamento,
Destacou-se um dos canhões,
Preparando o lançamento.*

*Bombardeou-se a montanha.
As granadas explodindo
Batiam em cheio os flancos,
Estilhaçando e zunindo,
Arrebentando os rochedos,
As trincheiras demolindo.*

*Mas foi contraproducente.
Os jagunços revidaram
Em réplica violentíssima;
Sobre a vanguarda causaram
Baixas em crescente número
Que súbito a rarearam.*

*Em linha de dois quilômetros
O resto da expedição,
Estirada em colunas,
Quedava-se sem ação,
Imóvel pra retaguarda
Em grave situação.*

*Após três horas de fogo,
Os soldados não haviam
Conquistado nem um palmo
Do terreno em que agiam.
Isso era quase um revés,
Era o que todos temiam.*

*Há quase quinhentos metros
Desse imenso santuário
– Mesmo nas vertentes nuas –,
Nenhum expedicionário
Conseguiu vislumbrar
O aguerrido adversário.*

*Os morros mais elevados
Figuravam-se desertos
Com acidentes de estrutura
Por alguns cactos cobertos,
Batia-os de chapa o sol
Ardente num céu aberto.*

*E desse desolamento,
Das encostas irrompia,
Abalando-a, ininterrupta,
Cerrada fuzilaria,
Parecendo divisão
Inteira de infantaria.*

*Jagunços eram duzentos
Ou podiam ser dois mil;
O certo nunca se soube,
Quantidade não se viu,
Tolhido no indecifrável
Que o enigmático assumiu.*

*Às tropas encurraladas
Uma solução restou:
Avançar sobre as colinas.
Proposta que apresentou
O coronel Carlos Teles
E o general adotou.*

*Foi um lance admirável
O episódio da campanha.
Avançando a um só tempo,
Numa percussão tamanha,
Mil e seiscentas baionetas
De encontro a uma montanha.*

*Os jagunços não contavam
Com este movimento ousado,
E pela primeira vez
Se viam desnorteados,
A deslocar suas milícias
Foram então obrigados.*

*Por centenaes de metros
Uma linha luminosa
Fulgurante se estirou
Como uma sinuosa,
Começando a subir
Pela encosta pedregosa.*

*Pouco depois infletiu
Na encosta se envesgando;
Torcida, fragmentou-se
E, se desarticulando,
Enfrentou os sertanejos
Que a iam golpeando.*

*Partiam-na por sua vez
Os acidentes da terra;
A linha de assalto, rota,
Trilhando a senda da guerra,
Distribuiu-se revolta
Pelos pendores da serra...*

*O coronel Carlos Teles
Perdeu nessa ocasião
O cavalo que montava,
Abatido em plena ação
Por uma bala certa
No meio da confusão.*

*Trocando de montaria,
Lançou-se valentemente
Sobre as trincheiras mais próximas,
Procurando os resistentes
E reunindo as frações
Dispersa de combatentes.*

*Encontraram-nas vazias.
Os jagunços recuavam
Na tática costumeira,
Pra diante deslizavam
Impondo novas fadigas
Aos soldados que avançavam.*

*A breve trecho, porém,
De um ponto altaneiro
Via-se a 4ª Brigada
Naquele desfiladeiro
Escalando suas vertentes
Em grande despenhadeiro.*

*Dali tombavam os mortos,
Como também os feridos;
Alguns até a garganta,
Onde lutavam partidos
Artilharia e lanceiros
Pelos jagunços contidos.*

*Nas vertentes da esquerda
Lutava a 5ª Brigada
De modo tumultuário,
Perdida na escalada,
Sem nenhuma formatura,
Bastante fragmentada.*

*Entre morros, sem vantagem,
Cinco batalhões agiam,
Em quatro horas de luta
Muitos feridos surgiam
Errantes pelas encostas,
Por entre mortos desciam.*

*Embaixo, no vale estreito,
Sem donos e disparados,
Relinchando de pavor,
Cavalos desnorteados
Do esquadrão de lanceiros
Surgiam de todo lado.*

*Nessa enorme confusão
Que ali se estabelecia,
O Trigésimo Primeiro
Batalhão de Infantaria
Terminou por alcançar
Trincheiras elevadas.*

*Jagunços entrincheirados
Fugiram retrocedendo,
Dispersos nas cumeadas,
Pelos declives correndo,
Porém sobraçando as armas
E assim desaparecendo.*

*Os soldados alcançaram-nos.
Revigorada a investida
Num movimento pra frente,
Duas brigadas decididas,
Ali no desfiladeiro,
Juntavam-se confundidas.*

*A jagunçada, em desordem,
Após primeiro fugir,
Volveu, como sempre, ao mesmo
Incansável resistir,
Recebendo os vencedores
A tiros, longe dali.*

*O general Savaget
Foi ferido e desmontado
Com um ajudante de ordens
E alguns do piquete armado,
Na coluna à retaguarda,
Por jagunços tocados.*

*Como sempre, aos sertanejos
Não se podia esmagar;
Batidos, não se rendiam,
Vencidos e a ameaçar,
Fugiam e trucidavam,
Ressurgindo sem cessar.*

*À tarde, acampadas as forças,
As perdas verificaram:
Quase cento e oitenta homens
– As baixas que se contaram –,
Dos quais vinte e sete mortos
Nos combates que travaram.*

*Depois a marcha se fez
Num combate permanente;
Todo o dia vinte e seis
Despendeu-se lentamente
Numa breve travessia,
Lutando penosamente.*

*No dia subsequente,
A coluna penetrava
Nos subúrbios de Canudos
E de novo se empenhava
Em combate muito sério
À medida que avançava.*

*U'a carga de baionetas
De novo, então, adotou-se,
Lançada impetuosamente
Pelas encostas galgou-se,
Porém no alto das colinas
Um cenário apresentou-se.*

*Colinas em profusão
Ali, por todos os lados,
Se espalhavam por quilômetros
Pelo terreno rugado,
Pontilhadas de casebres
E de jagunços armados.*

*A peleja renhidíssima
Travara-se à ilharga,
Irrrompendo dos casebres,
Convergiam mil descargas,
Dizimando duramente
Três batalhões de vanguarda.*

*U'a companhia de um desses,
Logo no início da ação,
Foi totalmente esmagada
Num choque contra um bolsão
Defendido por jagunços
Com garra e decisão.*

*A citada companhia
Perdeu logo o comandante.
A seguir, dois subalternos,
Conseguindo ir avante
Às ordens de um sargento,
Rarefeita e claudicante.*

*Diante dessa resistência,
Decidiu-se reforçar
Com mais quatro batalhões
A brigada a lutar,
Fazendo mil baionetas
No conflito se empenhar.*

*Os jagunços recuaram
Manobrando lentamente,
Sumindo de uma coluna,
Surgindo noutra na frente,
Conduzindo o adversário
Ao cansaço permanente.*

*Assim volviam os jagunços
À tática invariável,
Confundindo o adversário,
Tornando-o mais vulnerável
Nas cargas de baionetas,
Nessa luta formidável.*

*Arrojados contra os morros,
Os expedicionários,
Em pelotões, alcançavam
Nos seus lances temerários
Os altos, não encontrando
Nem um só adversário.*

*Começaram a perder,
Além de muitos soldados,
Oficiais do Exército
Altamente graduados;
Nesse combate mortífero
Muitos foram trucidados.*

*Um tenente-coronel
Tombara morto em ação.
O tenente-coronel
Virgínio Napoleão
Foi retirado ferido,
Assim como um capitão.*

*Nesse mesmo dia, à noite,
O combate enfim cessou;
No empardecer do crepúsculo
Ao longe se divisou
As torres da igreja nova
E a coluna se alegrou.*

*O objetivo da marcha
Estava enfim atingido.
Mas a Segunda Coluna
Relacionava perdidos
Cento e quarenta e oito homens
Entre mortos e feridos.*

*Se às perdas anteriores
Formos mais estas somar,
Trezentas e vinte e sete
São as baixas a contar
Do sítio Cocorobó
Até aquele lugar.*

*Era o dia vinte e sete
E de longe se ouvia
O cerrado canhoneio
Que intenso recrudescia,
Era a Primeira Coluna
Que deste modo agia.*

*Este o dia combinado
Das colunas se encontrar.
Cumprira-se o itinerário.
E agora, ao se aproximar,
Sonhavam com o sucesso
Da campanha ao se juntar.*

*Já no dia vinte e oito,
Tendo avançado cedo,
Fez a Segunda Coluna,
No platô de alguns rochedos,
Sua base de apoio
E bombardeou sem medo.*

*Preparou-se pro assalto
Impondo-se ao inimigo;
A despeito de suas perdas
E dos constantes perigos,
Trazia a esperança
De uma vitória consigo.*

*Olhos fixos na Favela,
A Segunda, ainda inteira,
Esperava ver descendo
Os batalhões da Primeira
Pelas vertentes do norte,
Seguros e à cavaleira.*

*Para surpresa geral,
Surgiu no acampamento
Um sertanejo a pé,
Com certo acautelamento,
Dizendo que a Primeira
Reclamava acudimento.*

*A notícia parecia
Manobra do adversário,
O homem ficou retido
Até que um novo emissário
Confirmasse a notícia
– Um alferes honorário.*

*Sendo esta confirmada,
Partiu imediatamente
O general Savaget
Conduzindo a sua gente,
Salvando a outra coluna
Cercada completamente.*

*Todo o plano da campanha
Findou-se de cabo a rabo,
Anulando totalmente
Um esforço do diabo
Em marchas pelo Rosário
E pelo Geremoabo.*

*Pois fora franco o revés;
E não iludiu a História,
Mesmo que a ordem-do-dia
Afirmasse tão simplória:
“Uma página de horrores,
Mas perfumada de glória”.*

*O exército vitorioso,
Cercado e comprimido,
Era uma aglomeração
Perfeita de foragidos
Velando aquele insucesso
Com os alentos perdidos.*

*Reunidas as colunas
Na posição conquistada,
Não podiam ensaiar
Um passo fora pra nada
Que não fossem duramente
Pelo inimigo atacadas.*

*Circulavam-nas os mais
Originais dos vencidos,
Enleando-as no círculo
De um assédio indefinido,
Impedindo deserções
Com fiscais atrevidos.*

*Até a bravura agora
Era-lhes obrigatória.
Em seus recontros estéreis
Ou duvidosas vitórias,
Permaneciam unidas
Pela pressão vexatória.*

*Por todo lado o desastre.
Eram cinco mil soldados;
Ao todo quase mil vítimas,
Fora os estropiados;
Sem-número de famintos
E muitos acovardados.*

*Estes sob a emoção
Dos morticínios recentes
E vendo ali estirada,
Insepulta, muita gente
Que fora seus companheiros
Pela manhã – combatentes.*

*Lançados por toda parte
No meio da confusão,
Estavam os oficiais
De toda graduação,
Inclusive Thompson Flores,
Souza Campos e Tristão.*

*Nestor Vilar, capitão,
Em um combate sangrento
Caiu com mais de dois terços
– Num incrível sucumbimento –
De oficiais artilheiros
Do Segundo Regimento.*

*No grotão de uma garganta,
Oitocentos baleados
Punham no tumulto a nota
Triste dos desesperados
Através de sofrimentos
Atrozes e irreparados.*

*Aquela prega do solo
Transformada em hospital,
Significava o golpe
– Sua imagem material –
Que sofrera a expedição
Nesse revés colossal.*

*Amedrontavam-se os fortes.
Afinal, não se explicava
Um semelhante desfecho;
Nada as perdas compensava
Nesse plano de campanha
Que ora desmoronava.*

*Nas duas colunas unidas
E de fato triunfantes,
Apagaram-se as linhas
De ordem do dia retumbantes;
Imobilizadas estavam
Numa impotência alarmante.*

*Apesar de ali no centro
Daquelas operações,
Não podiam dar um passo
Em qualquer das direções,
Nem pra frente nem pra trás,
Tolhidas nas suas ações.*

*Um ou outro seu soldado
Revidava disparando
À toa a arma pros ares;
Outros no chão se estirando,
Permaneciam inúteis
A espingarda abraçando.*

*Enquanto isso, os jagunços
Não cessavam de atacar,
E aproveitando a noite,
Seu fulgurante luar,
Deitavam em pontarias
Num incessante matar.*

*Pois estavam bem armados.
A tropa lhes entregou
Um comboio de munições
De inestimável valor
– Quatrocentos mil cartuchos –,
E assim lhes iniciou.*

*Em vinte e oito de junho,
Se a memória não me falha,
Iniciou-se à noite
Uma crônica batalha
Até o fim da campanha
Marcada por represálias.*

*Regimen de privações
A tropa iria viver.
Já no dia vinte e nove,
Logo ao amanhecer,
A alimentação das praças
Começou a enfraquecer.*

*E naquele mesmo dia
Bois mansos são abatidos;
Aqueles que até lá
Já haviam conduzido
O Withworth 32
Esse canhão desmedido.*

*Outras tarefas penosas
Se haviam constituído:
A ordenação de brigadas
Com batalhões dissolvidos,
Enterrar mortos, curar
Centenares de feridos.*

*Porém a desesperança
Não dominara as ações,
De sorte que nos espíritos
Repletos de ilusões
Confiava-se na força
De dezenove canhões.*

*E assim o primeiro tiro
De canhão aconteceu;
Como pedrada em colmeia
Sobre Canudos bateu,
E a réplica dos jagunços
Logo logo sucedeu.*

*Em descargas violentas,
Varreram o acampamento,
Provocando nos soldados
Geral atordoamento,
Num tirotear a esmo
Sem nenhum comedimento.*

*Por outro lado, anulou-se
O efeito do canhoneio;
As granadas explodindo
Dentro das casas, em cheio,
Reduziam os estragos
No emaranhado dos esteios.*

*Por isso, a igreja nova
Foi o alvo mais visado.
Ali estavam jagunços
Muito bem entrincheirados
Por trás das paredes mestras
Ou nas torres engrimpados.*

*O Withworth 32,
Esse colossal canhão,
Não acertou um só tiro
Durante toda a ação,
Devido ao açodamento
Da nervosa guarnição.*

*Era uma nevrose doída.
Rodeavam-no, ofegantes,
Sem-número de lutadores
Numa ânsia impressionante
Na busca da correção
Das trajetórias errantes.*

*O médico Alfredo Gama,
Também querendo apontar,
Liberou gases da peça
No ato de obturar,
Fazendo um barril de pólvora
Explodir ao incendiar.*

*Morreu o citado médico
E o segundo tenente
Odilon Coriolano
Naquele grave incidente,
E também algumas praças
Que ali estavam presentes.*

*É natural que a refrega
Não rendesse nenhum fruto,
Traduzindo o bombardeio,
Inofensivo e bruto,
Numa salva imponente
À coragem dos matutos.*

*Ao cair daquela noite
Nada se adiantaria.
Só a descarga dos jagunços
Francamente indicaria
Iniludível aos combatentes
O cerco que os prendia.*

*Brigada ou batalhão,
Até mesmo companhia,
Em cargas de baioneta
Varar o cerco podia,
Mas quando estancasse a marcha,
Cercado logo se via.*

*Como uma sucuri
Na sua luta constante,
Exaurindo por completo,
À força, o touro pujante,
Liberando e repuxando
Num vai e vem fugitante.*

*Todo aquele bombardeio
Resultou desperdiçado;
Na madrugada de trinta
Foi novamente atacado
O acampamento da tropa
Por tiros de todo lado.*

*Os jagunços rechaçados,
Logo logo retornavam,
Num ritmo intermitente
Atacavam, recuavam,
Qual movimento de ondas,
Na montanha se chocavam.*

*A estadia na Favela
Tornou-se inconveniente;
Além de acumular baixas
Quase que diariamente,
Desmoralizava a tropa
Assim perigosamente.*

*Em breve, um esgotamento
Completo de munições
Conduziria as colunas
A duras situações.
Mas, muito pior seria
Recuar das posições.*

*Sugeriu-se então a única
Medida forçada e urgente:
Atacar o arraial,
Já, imediatamente.
Mas o general em chefe
Repeliu-a prontamente.*

*Pois acreditando que
De Monte Santo chegasse
Gêneros alimentícios,
Determinou que esperasse,
Pois tinha gente importante
Que disso lhe afiançasse.*

*Aguardaria o comboio;
E só depois de três dias
De ração completa, a tropa
Em ação investiria,
Caindo sobre Canudos
E o cerco se romperia.*

*Mas não havia comboio.
Isso ficou constatado
No dia trinta de junho,
Quando então foi procurado
Pelo coronel Medeiros
E nada foi encontrado.*

*A brigada de Medeiros,
Após aguardar nas Baixas,
Segue para Monte Santo
Em longa e arriscada marcha
Na busca desse comboio
E lá também nada acha.*

*Enquanto isso os exércitos
Com cerca de seis mil homens,
Que desde suas partidas
Praticamente não comem,
Passam então a sofrer
Com os aguilhões da fome.*

*Os soldados decidiram,
Sem satisfação a dar,
Isolados ou em grupos,
Caçadas realizar,
Roubando milho nas roças
E gados a arrebanhar.*

*Era o último recurso.
A partir de dois de julho,
Farinha e sal, nada mais
– Um verdadeiro bagulho –,
Só havia pra doentes,
Daí o esforço hercúleo.*

*Em caçadas perigosas
Ia o soldado faminto,
Perdendo-se nas chapadas
Com cartucheiras no cinto,
Premunido de resguardo,
Levado pelo instinto.*

*E desse modo atufava-se
No bravio das moiteiras,
Rompendo a galhada inflexa
Das fechadas capoeiras,
Olhos e ouvidos atentos
Às ciladas traiçoeiras.*

*Às vezes um esforço vão.
Volvia ao acampamento,
À noite, de mãos vazias
Em completo abatimento;
Os outros, mais infelizes,
Perdiam-se ao relento.*

*Ou mortos n'alguma luta
Feroz, mas ignorada,
Enfrentando os jagunços
Com suas tocaias armadas,
Imprevistas e certas,
Por isso não evitadas.*

*Porém essas aventuras,
Através de restrições,
Foram regulamentadas
Por meio de batalhões
Escalados pras caçadas,
Em busca de provisões.*

*Eram sortidas de praças,
De armas, porém, inglórias,
Triste avançar de bandeiras,
Sem clarins e sem vitórias,
Pela maninhez dos ermos,
Pelos monturos da História.*

*Os corpos em diligências
Escoavam-se nos claros,
Batiam-se longo tempo
A esmo em duelos raros,
Recebendo meia dúzia
De tiros de adversários.*

*Voltavam tristes e exaustos.
Só o esquadrão de lanceiros
Apresava algum gado
Fazendo-se de vaqueiros
– Mais ou menos dez cabeças –,
Lutando o dia inteiro.*

*Era um paliativo
E assim insuficiente;
Carne cozida sem sal,
Sem nenhum ingrediente,
Tornava-se intragável,
Repugnava muita gente.*

*Pequenas roças de milho,
Mandioca ou feijão,
Atenuavam um pouco
Essa alimentação,
Mas não havia atender
Diante da precisão.*

*Buscaram-se outros meios
Na flora, logo encontrados:
Batatas de umbuzeiros,
Cocos, xique-xique assado.
Alguns, de mandioca brava,
Morreram envenenados.*

*Para complicar, finalmente,
A própria água faltava.
Nos regatos da Umburanas,
De bruços sempre tombava
Um soldado sequioso
Quando um tiro levava.*

*Depois de 7 de julho
Cessou o fornecimento
De gêneros aos doentes,
Que, além desse sofrimento,
Passaram a esmolar
Dos amigos, alimento.*

*À medida que esses fatos
Mais e mais se agravavam,
Surgiam, por consequência,
Outros que preocupavam,
Como ordem e disciplina
Que aos poucos se relaxavam.*

*Surgiam irreprimíveis
Uns murmúrios afrontosos,
Porém fingiam-se surdos
Os oficiais nervosos,
Não os podendo calar
Em transe tão perigosos.*

*Por um contraste irritante,
Adversários batidos
Afiguravam-se fartos,
Muito bem abastecidos,
Pois nos comboios assaltados
Só armamento era escolhido.*

*Ao seguir até às Baixas,
Um dia a 5ª Brigada
Encontrou algumas malas
Com carne seca esturrada,
Farinha, café e açúcar
Pelas fogueiras queimadas.*

*Era assim o traço firme
Daquela altivez selvagem
Do jagunço, que na luta
Se arrojava com coragem,
Pois nem mesmo abastados
Dessa maneira reagem.*

*Esses guerrilheiros rudes,
Numa incrível resistência,
Proseguiam ostentando
Refinada abstinência,
Enquanto que os soldados
Sucumbiam na impotência.*

*Além disso, a persistência
No ataque ao acampamento
Tornara-se inaturável,
Um verdadeiro tormento
Com suas investidas súbitas,
Variáveis no momento.*

*Soavam-se os clarins.
Toda a tropa em fileiras,
Sem subdivisões táticas,
Em completa desordeira,
Batia-se nervosamente,
Cambaleando, às carreiras.*

*Repelidos, os jagunços,
Às calmas anteriores,
Caíam de improviso
Sobre os triunfadores;
Não cessavam os ataques
Duros, ameaçadores.*

*Mas a dois passos ficava,
Ali, sinistro, o inimigo;
E de minuto em minuto,
Como se fosse um castigo,
Sempre surgia uma bala
Denunciando o perigo.*

*Assim pontilhando as linhas,
Indo e vindo devagar,
Esses projéteis esparsos,
Assoviando no ar,
Escolhiam suas vítimas,
Dizimando-as sem cessar.*

*E iam assim os dias
Nesse ritmo sem escalas
De refregas furiosas
Sempre a intermediá-las
Com reticências de calma
Pontilhadas de balas...*

*Os assaltos, mais das vezes,
Contra toda a expectativa,
Não cessavam de repente,
Surgindo assim formas vivas
Num crescendo aterrador
De batalhas expressivas.*

*Num deles, a 1º de julho,
Os jagunços penetraram
Em cheio o acampamento
E a “matadeira” alcançaram,
O Withworth 32,
Conforme o apelidaram.*

*O ódio votado aos canhões,
Que, na ação do dia a dia,
Demoliam os seus templos,
Logo os arrebataria
À façanha inverossímil
Que a todos assombraria.*

*Alcançando a “matadeira”,
Visando a sua captura
Ou a sua destruição,
Eram onze na aventura,
Guiados por Macambira (14)
Nesse ato de bravura.*

*Ante o grupo diminuto,
Formaram-se os batalhões
Dando cargas de baionetas
Parecendo legiões,
E assim baquearam todos,
Menos um, nas confusões.*

*O destemor do jagunço
Dia a dia se avultava.
Num constringir vagaroso
Sua ação se destacava
Em trincheiras circulando
A tropa que acampava.*

*Corpos que eram destacados
Para tomar e demolir
Esses entrincheiramentos,
Tomavam-nos, e a seguir
Demoliam-nos facilmente,
Não havendo descumprir.*

*Tornavam com poucas baixas,
Mas no dia subsequente,
Sempre e cada vez mais próximos,
Ameaçadoramente,
Surgiam novas trincheiras
Em quantidade crescente.*

*Assim se empregava o dia.
A noite era reservada
Para enterramento dos mortos,
Cuja carga carregada
Nessa missão perigosa
Às vezes era aumentada.*

*Não raro o carregador,
Quando um tiro o atingia,
Baqueava entre cadáveres
E deste modo caía
Dentro da vala comum
Que co'as próprias mãos abria.*

*Uma semana depois
Da ocupação da montanha,
É natural que o desânimo
Tivesse extensão tamanha,
Afrouxando toda a linha
Numa formação tacanha.*

*Até mesmo a artilharia,
Notando desperdiçados
Os constantes canhoneios,
Dava, em dias combinados,
Dois ou três tiros diários,
Longamente espaçados.*

*Terrível monotonia...
Sucessão de mesmas cenas
No mesmo cenário pobre,
Dando a sensação, apenas,
De um imobilismo no tempo
E uma placidez serena.*

*Porém, ao cair da noite,
Do arraial ascendia
Ressoando tristemente
O toque da Ave-Maria.
Na quietude dos ermos
Pelas montanhas se ouvia.*

*Os canhões então bramiam.
Sobre o humilde campanário
Cruzavam-se as granadas
Destruindo o santuário,
Com as vozes suavíssimas
Ecoando no cenário.*

*O sineiro impassível
Não claudicava um segundo
No intervalo consagrado.
Com sentimento profundo,
Não perdia uma nota,
Comovia todo mundo.*

*A missão religiosa
Assim era anunciada.
Apenas extintos os ecos
Da última badalada,
O mesmo sino dobrava
Convidando à luta armada.*

*Corria um listrão de chamas
Pelas torres das igrejas,
Caía feito um rastilho
Na tapera sertaneja,
Alastrando pela praça
Numa fúria malfazeja.*

*A réplica violenta
Caía estrepitosamente,
De súbito, sobre a tropa,
E um silêncio consequente
Descia sobre os dois corpos,
Amortecedoramente.*

*Então, sons misteriosos
Pelas paredes coavam;
Dos templos meio em ruínas
Os soldados escutavam
A cadência melancólica
Das rezas que entoavam...*

*Tanta resignação
Causava impaciência,
Impressionava a tropa,
Que, na sua impotência,
Temia o adversário
Aliado da Providência.*

*Surgiam as deserções.
Vinte praças fugiriam
No dia nove de julho;
Outras as imitariam;
Se afundando no deserto,
Aos riscos enfrentariam.*

*Eram deserções heroicas,
Preferindo a morte certa,
Enfrentando o jagunço
Em luta franca e aberta,
Àquela agonia lenta
Numa paragem deserta.*

*Falava-se em retirada,
Porém era inexequível.
O boato cochichado
Penetrava intangível
Nas fileiras de um exército
Cuja fuga era impossível.*

*Se por acaso a tentasse,
Carregando a artilharia
Com seu tardo movimento,
Ambulâncias, montarias
E mil e tantos feridos,
A catástrofe seria.*

*No dia 11 de julho,
Surgiu, porém, um vaqueiro,
Escortado por três praças
Do esquadrão de lanceiros,
Trazendo ofício enviado
Pelo coronel Medeiros.*

*Notificava sua vinda
E forças requisitava
Pra proteção necessária
Do comboio que puxava,
Causando um choque galvânico
Na expedição que ansiava.*

*De ponta a ponta correu
A notícia empolgando,
Numa alegria imensa
Com os clarins ressoando,
Formando as bandas dos corpos
E os hinos entoando...*

*O corpulento vaqueiro,
De perneira e gibão,
Portando ao modo de lança
A guiada de ferrão,
Parecia cavaleiro
Medieval do sertão.*

*Olhava surpreendido
O movimento febril
Daqueles corpos mirrados
Aos gritos e abraços mil
Ao turbilhonar em roda,
Coisa que ele nunca viu.*

*A torrente ruidosa
Das aclamações rolou
Até o hospital de sangue,
Onde os gemidos de dor
De doente e moribundo
Em vivas se transmudou.*

*Nesse momento, o Nordeste,
Soprando rijo, ruflava
As bandeiras ondulantes,
Sobre o arraial atirava
Sons e brados baralhados,
Cuja mistura ecoava.*

O assalto

*No dia 13 de julho,
O comboio ali chegou,
E no dia subsequente
O assalto se combinou;
Uma salva de canhão
A nova comemorou.*

*Salva de vinte e um tiros
De grande ferocidade
Despejada sobre Canudos
Em grande festividade.
Dia 14 de julho:
Data da Humanidade. (15)*

*Nesse dia, em Paris,
Há mais de duzentos anos,
Um grupo de sonhadores
Definia em grandes planos
Utopias maravilhosas
Pelos direitos humanos...*

*O ataque contra o arraial
Era mais do que urgente,
O comboio que chegara,
Pequeno e deficiente,
Breve esgotar-se-ia
Na situação presente.*

*Delineou-se o ataque.
Ficariam na Favela
Uns mil e quinhentos homens
Sob o comando e tutela
Do general Savaget,
Guardando essa cidadela.*

*Toda a Primeira Coluna
Iria na frente comandada
Pelo general Barbosa;
A seguir, em suas pegadas,
Cavalaria e dois Krupps
Sete e meia polegadas.*

*A Segunda seguiria
Acompanhando a Primeira,
Fechando-lhe a retaguarda,
Cobrindo-a inteira;
Na ação, mais de três mil homens
Descendo das cordilheiras.*

*Despertava triste a terra.
As aves espavoridas
Já tinham abandonado
Aquelas pragas varridas
Por balas, há quase um mês,
Que não lhes davam guarida.*

*A tropa desceu marchando,
Olhando para o Levante;
Seguiu pro Vasa-Barris
No rumo de sua vazante,
Realizando um seguro
Movimento contornante.*

*Era 18 de julho.
Ainda alta a madrugada.
Rangendo emperradamente
Na vereda mal gradada,
Apenas os dois canhões
Perturbavam a parada.*

*Sete horas da manhã.
Chegando ao Vasa-Barris,
A vanguarda recebeu
Os primeiros projetis
Vindos do inimigo oculto,
Revelando seus ardis.*

*A vanguarda reagiu
Replicando sem parar,
Até que o grosso da tropa
Conseguisse ali chegar;
Abeirando-se do rio,
Puderam atravessar.*

*Toda a Primeira Coluna
Penetrava reunida
A arena do combate,
Tendo a frente investida
Por uma fuzilaria
Do inimigo, bem nutrida.*

*Instalou-se um princípio
De confusão nas fileiras,
Com seções e batalhões
E companhias inteiras
Mergulhando em torcicolos
Numa grande desordeira.*

*Sem notar os companheiros,
Supunham que avançavam,
Nessa marcha tortuosa
Muitas vezes esbarravam
Com seções e companhias
Que céleres recuavam.*

*Quando a Segunda Coluna
Conseguiu se aproximar,
Meia hora já passada,
As baixas a registrar
Eram em número sensível
Difíceis de explicar.*

*Às forças auxiliares,
Que ali estavam chegando
Sob uma fuzilaria
E o tumulto deparando,
Não havia adaptar-se
A um plano de comando.*

*O coronel Carlos Teles
Da sua parte dizia
Que naquela ocasião
Uma solução havia:
“Avançar e carregar...”
E dela não se fugia.*

*Oito horas da manhã,
Avançaram, carregaram.
Porém foi de efeito lúgubre
– Dez batalhões despencaram
Pelas montanhas abaixo
E as baixadas atulharam.*

*Ladeiras depois galgaram,
Topos de morro coalhando,
E desceram-nos de novo
Nas planícies se espriando
Ruidosamente em tropel
Como ondas se quebrando.*

*Os jagunços invisíveis
Em roda os fulminavam,
Recuando algumas vezes,
Outras vezes os cercavam,
Sem poder conjeturar-se,
Seus ataques não cessavam.*

*Os soldados começaram
Desde logo a conquistar
Bravamente o terreno
E as trincheiras alcançar,
Expulsando os lutadores,
Fazendo-os recuar.*

*As bordas dessas trincheiras,
Pisavam frequentemente,
Encontrando alguns cartuchos
Detonados e ardentes,
Delatando-lhes a fuga
Do adversário, recente.*

*Nessa marcha desabrida,
O esquadrão de lanceiros
Deu de chofre numa encosta
Com oitenta guerrilheiros
Tocaiados num curral,
Atacando sorrateiros.*

*Dispersou-os a pontações
Numa violenta luta,
Subiu depois à galope
Por uma ladeira abrupta,
Perseguindo, sem parar,
Aquela fração matuta.*

*De inopino, à sua frente,
O arraial apareceu
Há quase trezentos metros
Numa volta que se deu
Num dilatado platô
Que em planície se estendeu.*

*No auge desse combate,
Brigadas de infantaria
Chegavam de atropelo,
E a luta se estenderia
Assim às primeiras casas
Esparsas que ali havia.*

*Naquela iminência, a tropa,
Exposta completamente
Ao ângulo das igrejas,
Recebeu em toda a frente
Tremenda fuzilaria
De maneira convergente.*

*As brigadas, entretanto,
Avançaram mesmo assim,
Mas incoerentemente
Num torvelinho sem fim,
Com paralisações súbitas
De consequências ruins.*

*Cada soldado levava
Em suas patronas guardados
Cento e cinquenta cartuchos,
E se viam obrigados
A gastar em pouco tempo,
Sentindo-se desarmados.*

*De modo que se tornou
Necessária a parada
De batalhões em combate
Para abrir à machadadas
Cunhetes de munições
Que seriam rateadas.*

*Além disso, completando
Os tiroteios nutridos
Que irrompiam no arraial,
Guerrilheiros atrevidos
Afrontavam-se de perto
Com o assaltante aguerrido.*

*Paredes de cada casa
Se rachavam em seteiras,
Delas partindo as descargas
Esparsas, porém certeiras,
Alvejando à queima-roupa
A tropa em suas fileiras.*

*Raros francoatiradores
Tolhiam pelo rigor
Preciso das pontarias
O exército invasor;
Di-lo episódio expressivo
Que a todos encabulou.*

*Foi no último arranco
Daquela louca investida,
Quando em planura desnuda
Foram as seções batidas
Por atirador oculto
De coragem desmedida.*

*Arremeteu-se ao acaso
Na direção do umbuzeiro
Que ali aparecia
Fronde e ainda altaneiro
– Ele era única árvore
Que havia no tabuleiro.*

*Dali partiam os tiros
Rápidos e sucessivos,
Feitos por um homem único
Entrincheirado e agressivo,
Batendo a tropa de frente,
Inexorável e furtivo.*

*Vararam-na; desfalcaram-na;
Um a um derrubando
De maneira inflexível
Quem se ia aproximando,
Abrindo claros visíveis,
Muitas baixas provocando.*

*Outros, no entanto, teimaram
Correndo na direção
Da árvore solitária,
Com ânsia e sofreguidão,
Em campo plano e limpo
Sem nenhuma ondulação.*

*E a alguns passos dela viram,
Numa cova circular,
Ressurgir à flor do chão,
De modo espetacular,
Rosto bronzeado e duro
Do inimigo singular.*

*Pulando daquele fojo
O jagunço escorregou
Pelo viés da encosta,
Mas a arma não largou,
Desaparecendo embaixo
Pelas grotas que encontrou.*

*Na trincheira soterrada
Foram encontrados vazios
Mais de trezentos cartuchos;
E a tropa assim viu
Que esse caçador feroz
Largo tempo ali agiu.*

*Outras por ali havia
Pelo solo salpintando,
Em todas os mesmos restos
De munições revelando
A estadia mais recente
De um guerrilheiro, lutando.*

*Sob os pés do invasor
O chão assim explodia;
O jagunço, recuando,
Adiante se acolhia
Noutros esconderijos,
Recomeçando a porfia.*

*E aquelas novas trincheiras
Logo logo arrebetavam
Em violentas descargas,
Até que as abandonavam
Céleres seus lutadores
E no arraial se concentravam.*

*Às dez horas da manhã
Canudos foi alcançado
Nos seus primeiros redutos
Para o leste situados,
E os soldados abrigaram-se
Nos casebres conquistados.*

*A maioria, porém,
Alcançou na avançada
Os fundos da igreja velha
Sob descargas cerradas,
Completando a arremetida
A 5ª e a 6ª brigadas.*

*Aquilo foi para a tropa
Seu ímpeto derradeiro;
A partir desse momento,
Estacada por inteiro,
Nem um passo à frente deu
Naquele fragor guerreiro.*

*Conquistara um subúrbio
Diminuto, na verdade,
E sentiu-se impotente
Naquela adversidade
Para ultimar a ação
Na mais curta brevidade.*

*A retaguarda coalhada
De gente ferida e morta
Dava assim a emocionante
Impressão de uma derrota,
Pois as baixas avultavam
Em ritmo digno de nota.*

*De repente os dois canhões
Por entre a tropa passaram,
Impelidos e a pulso
Na batalha se empenharam
Sobranceiros às igrejas
E a atirar começaram.*

*Lá no Alto da Favela,
Dentro de uma cerração,
Coroadas de fumaça,
Baterias de canhão
Estrondavam em tormenta,
Dando cobertura à ação.*

*Mas, batido por granadas
Que tombavam mergulhantes,
Ou pelas fuzilarias
Cerradas dos assaltantes,
O arraial recrudesciu
Em réplica incessante.*

*Lá das bandas de Canudos,
As balas irradiando
Atingiam os soldados,
Um sem-número varando
Pelos tabiques das casas
E lá dentro os matando.*

*A 5ª e a 6ª brigadas,
Rudemente combatidas
A partir da igreja nova,
Pareciam envolvidas
Num fuzilamento em massa,
Deixando-as aturdidas.*

*Nesse transe perigoso
Começou-se a reclamar
A vinda do comandante,
General Artur Oscar;
Este apareceu a pé
Não se fazendo esperar.*

*Chegando ali encontrou
Já feridos gravemente
O coronel Carlos Teles
E outro oficial de frente,
Capitão Antônio Sales,
Tombados recentemente.*

*A rápida conferência
Assim se realizou
Dentro de um casebre exíguo,
E em sua volta se instalou
A desordem e o tumulto,
Que se generalizou.*

*Eram vibrações de tiros,
Um tropear de carreiras,
Vozes graves de comando,
Imprecações, gemedeiras,
Brados de cólera e dor
– Uma grande barulheira.*

*Nos batalhões em desordem
Cada um se defendia,
Ou em grupos combatentes
Que o acaso reunia,
Fazendo uma seleção
Natural na valentia.*

*Desconhecendo o destino
Dos seus demais companheiros,
Soldados desesperados
Tornavam-se guerrilheiros,
Agindo por conta própria
Como heroicos bandoleiros.*

*Ao reduzir a batalha
À área estreita onde atuavam,
Essas frações combatentes
Os casebres atulhavam,
Abrindo em suas paredes
Rasgos por onde atiravam.*

*Negaceando em esquinas
Com o inimigo a dois passos,
Enleados nas vielas
Quase em luta braço a braço,
Os assaltantes, aos poucos,
Iam perdendo o seu espaço.*

*Torturados pela sede,
Famintos e agonizados,
Penetravam nas vivendas
Desesperados soldados,
Percorrendo tateantes
Os seus cômodos minguados.*

*Buscando moringa d'água
Ou um prato de farinha,
Não viam o morador
Que na penumbra se atinha,
Disparando à queima-roupa
Do jeito que lhe convinha.*

*Esses soldados possantes,
Que vinham resfolegando
De luta de quatro horas,
Terminavam baqueando,
Alguns mortos por mulheres
Frágeis de olhar miserando.*

*Algumas valiam homens.
Nos seus delírios de fúria,
Megeras de faces murchas
Sucumbiam sem lamúrias
Enfrentando os invasores,
Repelindo aquela injúria.*

*Mesmo quando juguladas,
Não fraqueavam, morriam
Naquele estertor de feras;
Sobre o inimigo cuspiam
Um esconjuro doloroso,
Trágico, o quanto podiam.*

*O general comandante,
No meio da confusão,
Resolveu que se guardasse
Conquistada a posição;
Não havia escolher-se
Uma outra solução.*

*A expedição outra vez
Obrigou-se a estacar
Em situação difícil,
Tornando-se a encravar,
Sendo impossível o recuo
E não podendo avançar.*

*A tropa imobilizou-se
Num subúrbio do arraial.
Canudos, propriamente,
– Sua feição original –
Não fora ainda atingida,
Continuava integral.*

*A bárbara cidadela
Ali estava na frente,
Sem muros, inexpugnável,
Ameaçadoramente,
Com suas milhares de portas,
Seus becos e sua gente.*

*Feito o esforço temerário,
Não havia ultrapassá-lo;
A linha mais avançada,
Entalada num gargalo,
Firmou-se definitiva
Naquele raro intervalo.*

*O resto do dia e à noite
Construíram-se trincheiras,
Reforçando à tábua e pedras
Paredes e cumeeiras
Ou buscando proteção
Às tocaias traiçoeiras.*

*Esses trabalhos impunham
Cuidado considerável;
Os expedicionários,
Na labuta incansável,
Protegiam-se do inimigo
Que os vigiava implacável.*

*Cada frestão de parede,
Um olhar indagador,
Um cano de espingarda;
Cada passo do invasor
Fora do ângulo de uma esquina
Era a morte como penhor.*

*Começou-se a sentir
Situação paralela
Àquela anterior
Lá no Alto da Favela,
Mas agora a esperança
De vitória era singela.*

*O jagunço ali estava
Seguro no seu espaço,
Desafiando um choque
Com armas ou braço a braço,
Acolhido no mesmo teto,
Agora, ao lado, a dois passos.*

*O regimen primitivo
Não se modificaria,
Pois logo ao entardecer
Na igreja velha batia
O sino anunciando,
Calmamente, a Ave-Maria.*

*Logo após a elegia,
Este ar contrito pesa:
No seio da igreja nova
A população reveza,
Ressoando um salmear
Melancólico de rezas...*



*No entanto, a expedição,
Entre mortos e feridos,
Tivera quase mil baixas,
Fora os que haviam caído
Em lutas anteriores
Ou que se tinham perdido.*

*Reduzia-se a passos largos.
Impressionava, ademais,
O avultamento das baixas
De praças e oficiais,
Inclusos três comandantes
De tropas especiais.*

*Com desassombro incrível,
Numa escala ascendente,
Malbaratavam suas vidas
Alferes e tenentes,
Dando vivas à República,
Morrendo valentemente.*

*Haviam dado à refrega
Um traço de heroicidade
Antigo e muito próprio
Das lides da média idade,
Todo o estado emocional
Da militar mocidade.*

*Os que eram abatidos
À entrada do arraial,
Medalhas de bronze tinham
Com efígie do marechal,
De Floriano Peixoto
Presidente imperial.*

*Uma paralisação
Temporária e calculada
Impunha-se inevitável,
Além de recomendada,
Cingindo-se na defesa
Da posição ocupada.*

*O chefe da expedição,
General Artur Oscar,
Sentindo o estado das coisas,
Pedi corpo auxiliar
De quase cinco mil homens
Para a luta reforçar.*

*Porém, nas ordens do dia,
Fartamente anunciadas,
A cidadela estava
Oficialmente cercada,
Mas, de fato, a expedição
É que estava sitiada.*

*Ao sul, o Alto da Favela
Com os feridos e doentes;
O deserto impenetrável
Para o norte e o nascente;
No oeste o arraial
Fechava-se-lhe na frente.*

*Figuravam-se de novo,
Fortemente guarnecidos
Por sertanejos armados,
Os morros antes varridos
À carga de baionetas
Por soldados aguerridos.*

*A travessia no campo
Pela tropa conquistado
Tornou-se problema sério
Para todos seus soldados,
Tombando até os feridos
Novamente baleados.*

*Por outro lado, o invasor,
Que em seu poder já mantinha
Breve trecho do arraial,
Copiava linha a linha
A reclusão dos jagunços
Que antes a observar vinha.*

*Como estes, apinhava-se
Pelos casebres ardentes,
Jazendo horas esquecidas
Numa espreita permanente,
Em guerrilhas de tocaias
Pura e escandalosamente.*

*Com as vistas no casario,
Disparando as espingardas
Todas a um só tempo
– Cem ou duzentas descargas! –
Num vulto ou trapo qualquer
Ao longe ou à sua ilharga.*

*A cada, u'a mão de farinha,
E um boi para um batalhão.
Do comboio salvador
Era a última ração,
Mas difícil era preparar
Essa escassa refeição.*

*Qualquer fumo branqueando
No teto de uma choupana
Era um chamariz de balas!
À noite, u'a pequena chama
Punha fogo a rastilhos
De descargas doidivas.*

*Os sertanejos sabiam
Que podiam fulminar,
Dentro dos casebres frágeis
Sem ter medo de errar,
Os moradores intrusos
Que ousavam se abrigar.*

*Diante disso, os soldados,
Para não ser atingidos,
Reforçaram as paredes,
Ficando mais garantidos
– E assim os vitoriosos
Tocaiavam os vencidos...*

*A iminência de um desastre
Sentia-se, todavia;
E essa preocupação
Ninguém mais a escondia,
Dominando os espíritos,
Impondo-se dia a dia.*

*O inimigo habituado
A uma luta regular,
Por certo não deixaria
Esse momento passar;
Partiria pra desforra
Na hora de se vingar.*

*Mas os jagunços não eram
Nessa luta preparados;
Chamavam-nos de “inimigos”,
“Bandidos famigerados”,
E eles só defendiam
Seus lares violentados.*

*Quando os que os ameaçavam
Distantes permaneciam,
Cercavam-nos de ciladas
E os seus passos impediam,
Até que um dia a couce d’armas
Suas portas arrombariam.*

*Aventou-se-lhes então,
Como único expediente,
A resistência a pé firme
Na defesa do eloquente
Compromisso da desforra
Que nutria aquela gente.*

*Casa por casa, Canudos
Conquistada seria.
Até a igreja nova,
Toda a expedição iria
Despender três meses em
Cem metros de travessia.*

*Terminara o ataque,
Mas a luta prosseguiu
Interminável, monótona,
Aterradora, hostil,
Com a mesma intercadência
Que na Favela se viu.*

*De minuto a minuto,
Tiros o espaço sulcavam;
Tiroteio pelas linhas
Furiosamente se alastravam;
Combates de quarto de hora
Repentinos se travavam.*

*Esses súbitos assaltos,
Com repousos intermeados,
Traduziam uma inversão
De papéis determinados,
Pois os assaltantes eram,
Via de regra, os assaltados.*

*Noite velha, muitas vezes,
O armistício se quebrando,
Um foguetão se elevava
Asperamente chiando,
Feito um rasgão no escuro
De um firmamento estrelando.*

*Sob a sua luz fugaz,
Podiam então ser vistas
As cimalthas das igrejas
Orladas de gente arisca,
Recomeçando os combates
Fulgurantes de faíscas.*

*Outras vezes, o jagunço
Às claras acometia,
E, desassombradamente,
Logo ao romper do dia,
Em plena manhã ardente,
Corajosamente agia.*

*Em 24 de julho
Cai ferido mortalmente
O impetuoso Pajeú
Entre muitos combatentes
Do lado da expedição,
Dentre eles um tenente.*

*Os fatos porém chegavam
Totalmente baralhados
Às capitais da República
E de todos os Estados;
Estardalhaço que não
Podia ser evitado.*

*Negrejava novamente
Pelo horizonte político,
Atroado de tormentas,
O eterno espantalho mítico
Da restauração monárquica
Naquele momento crítico.*

*Depois do dia dezoito
A ansiedade cresceu,
O entoar de vitórias
Finalmente arrefeceu;
A convicção da derrota
A todos emudeceu.*

*Apesar disso, exclamavam
Telegramas emitidos
Da zona de operações,
Sem fazer nenhum sentido:
"Bandidos encurralados!"
"Fanáticos abatidos!"*

*Mais verídico, porém,
E em direção ao litoral,
Começou logo a seguir
Extenso documental,
Desde o dia 27,
Sobre o desastre real.*

*No meio desse clamor,
Decidiu-se incontinenti,
Sem muito tempo a perder,
Que a remoção dos doentes
E inúmeros feridos
Pra Monte Santo era urgente.*

*Assim, a primeira leva
Logo logo partiria
Fortemente protegida
Por praças de infantaria
Até o sítio Juá,
Em zona de calmaria.*

*Então, lastimavelmente,
Começou a derivar
O refluxo da campanha
No seu longo caminhar
Em direção à Favela
Onde vai-se concentrar.*

*Dali, porém, abalaram,
Em seus inúmeros bandos,
Todos os desfalecidos
E inúteis se transportando
Diária e penosamente,
Pelo sertão se afundando.*

*Em giraus de paus roliços
Ou redes de caroá,
lam os enfermos mais graves,
E outros a cavalgar
Seus cavalos imprestáveis
Ou em carroças a apinhar.*

*Grande maioria a pé
Pela ermada região,
lam quase sem recursos,
Exaustos de provação
– Era a entrada do estio,
Da seca, flagelação.*

*Sugadas pelos sóis, árvores
Murchavam a paisagem,
Espindo-se dia a dia
Das flores e das folhagens
Que alastravam pelo solo
Anunciando a estiagem.*

*Do implacável céu sem nuvens
A luz crua e deslumbrante
Irrompia assim de chofre
Nesses dias escaldantes
Sem auroras, sem crepúsculos,
Sem transições relevantes.*

*Deprimiam-se as cacimbas
Com seus níveis mais baixos;
Esgotavam-se os leitos
Dos efêmeros riachos;
Do chão rachado e poento
Elevava-se o fogacho.*

*O clima se extremava
De forma variadíssima:
Os dias eram queimosos,
Mas as noites frigidíssimas.
Um verdadeiro deserto
De paisagem puríssima.*

*As marchas realizavam-se,
Sem risco de interromper,
No começo da manhã
Ou logo ao entardecer,
Quando o calor inclemente
Resolvía enfim ceder.*

*Fora disso, as caravanas,
Via de regra, estacionavam
À beira dos cursos d'água,
Que em poças se transformavam,
Nas sombras das baraúnas,
E por ali acampavam.*

*Mal refeitas suas forças,
Reatavam caminhada,
Progredindo assim em ordem,
Em grupos fragmentadas,
Se estendendo nos caminhos,
Pelos sertões espalhadas.*

*Avantajavam-se rápidos
Os fortes ou bem montados,
Cortando pra Monte Santo,
Escoteiros e apressados,
Deixando atrás inúmeros
Companheiros retardados.*

*Acompanhavam-nos, logo,
Os oficiais feridos
Transportados por soldados
E em redes conduzidos;
Outros iam vagarosos
Pelas trilhas dissolvidos.*

*Choupanas pobres, vazias,
Em vários trechos surgiam,
Deixadas pelos vaqueiros
Que dessa guerra fugiam,
Ou os sertanejos pobres
Que pra Canudos seguiam.*

*Eram logo invadidas,
Tumultuariamente,
Expulsando outros hóspedes:
Raposas e repelentes
Morcegos esvoaçando
Desequilibradamente.*

*Armavam-se algumas redes
Naqueles quartos brejeiros,
Na saleta sem soalho
Nas árvores do terreiro,
Os cavalos amarravam
Nas cercas e nos madeiros.*

*Nessa quietude breve,
Uma ideia empolgante
Salteava-os então
De maneira alarmante
– Um assalto dos jagunços
Naquele transe humilhante.*

*Viam-se depauperados,
Inermes e repulsivos,
Quase lívidos de fome,
Pobres trambolhos passivos
Com temores infantis
Num deserto opressivo.*

*Até valentes tinham
Sobressaltos de pavor
Ante as coisas mais vulgares,
Ou ao mais vago rumor
Pelas chapadas longínquas,
Que a imaginação criou.*

*O estalido seco e forte
De vagens de caatingueira
Soava feito espoletas
Em percussão verdadeira,
Dando a ilusão de descargas
Noturnas e traiçoeiras.*

*Ao amanhecer do dia,
O pavor se atenuava;
Quietos, rigidamente,
Às vezes ali ficava
Um grupo de companheiros
Que a morte os libertava.*

*Nem sequer os enterravam.
Outros, porém, fraqueavam
Depois dos primeiros passos
E exaustos se debruçavam
Pelas curvas do caminho;
Pela sua falta não davam.*

*E assim desapareciam
Eternamente esquecidos;
Morriam agonizando
Pelas veredas perdidos,
No absoluto abandono
Que é próprio dos desvalidos.*

*Dias, semanas e meses,
Os viandantes passando
Viam aqueles cadáveres
Com o braço à frente arqueando,
Parecendo combatentes
Fatigados descansando.*

*Porém não se decompunham.
A atmosfera escaldosa
Conservava-lhes os corpos,
Tornando assim pavorosas
As múmias pelos caminhos
Com suas fardas andrajosas...*

*Os foragidos olhavam
Esse cenário terrível
Com o pensamento exclusivo
No abandono irreduzível
Do sertão maninho e bruto
No menor tempo possível.*

*Usando alpercatas duras
Ou camisas de algodão,
Muitos de chapéu de couro,
Essa incrível procissão
Parecia retirantes
Fugindo da privação.*

*Nessa marcha pesarosa
Seguiam pra Monte Santo;
Alcançando-o, porém,
Volviam ao desencanto:
Era ainda o deserto
Morto e vazio, portanto.*

*É que o povo do lugar,
Fugindo amedrontado,
Se embrenhara na caatinga
Correndo pra todo lado,
Com o medo por igual
Do jagunço e do soldado.*

*Porém este ao chegar,
Fugia da parceria
Incômoda dos morcegos
Nas casas de moradia,
Acampando pela praça
Única que ali havia.*

*Cada um por sua conta,
Logo cedo, no outro dia,
Largava para Queimadas,
Renovando a travessia;
Eram mais dezesseis léguas
De provação e agonia.*

*Eram seis ou oito dias
Sob o mormaço crestado.
E o caminho assim ermou-se
Até esse povoado
– A população fugira
Receando o soldado.*

*A caravana, formando
Bandos ameaçadores,
Espalhava seus estragos
Com gritos arrasadores
De angústias irrefreáveis,
Assustando os moradores.*

*Abeiravam-se das casas
Num incondicional
Rogo à hospitalidade
Do sertanejo leal,
De onde deriva a existência
Pobre deste pessoal.*

*Eram pedidos coléricos
Em meio a intimações,
Depois o assalto franco
Àquelas habitações,
Fazendo saltar portas,
Consumando invasões.*

*Tomando tições de fogo,
As casas incendiavam,
Depois, na caatinga seca,
As fagulhas se espalhavam
Carregadas pelos ventos
– Novos incêndios geravam.*

*Rolando pelas quebradas,
As encostas circulando,
Repentinamente acesas,
Os morros avassalando,
Crepitavam as queimadas
Por muitas léguas lavrando.*

*Agora estavam salvos
Esses maus e miserandos
Que o ódio e a piedade
Continuavam inspirando,
Rudemente vitimados,
Brutalmente vitimando.*

*Pouco a pouco e exaustos
A Queimadas chegariam,
Alguns quase moribundos
Os trens superlotariam,
Pela estrada de ferro,
Para a Bahia desciam.*

*Aguardava-os, então,
Ansiosa e natural,
Uma curiosidade,
Pois chegavam afinal
Como vítimas primeiras
Daquela luta brutal.*

*A multidão desbordando
Do terminal da Calçada,
Ia até a Jequitaia,
E assistia calada
O heroísmo infeliz
Da expedição destruçãda.*

*Era um desfilar cruel.
Oficiais e soldados
Vinham todos, indistintos,
Pela miséria fardados,
Causando muita emoção
Esses pobres desfibrados.*

*Suas calças em fiapos
Assemelhavam-se a tangas.
Camisas estraçalhadas
Aos farrapos e sem mangas,
Dólmans, capotes em tiras
E miseráveis capangas.*

*Coxeando se arrastavam
Fracos e penosamente,
Dando ao conjunto um traço
De miséria comovente,
Pelo escavado das faces,
Pela atitude pungente.*

*Naqueles corpos cansados,
Combalidos e varados
De balas e de espinhos
E por golpes retalhados,
Via-se a feição do combate
Real por eles travado.*

*A capital da Bahia
Transformou-se em grande lar;
As comissões patrióticas
Surgiram sem mais tardar,
A fim de, espontaneamente,
Donativos encontrar.*

*Naqueles dias, o povo
Invadia os hospitais
Em massa e em silêncio
Em visitas fraternais
Socorrendo os feridos,
Consolando os demais.*

*Diante daquele quadro,
Deixava-se o hospital
Levando na mente clara
Uma certeza de que
Nunca houve em nosso tempo
Uma luta mais brutal.*

*Num contraste inexplicável
E bastante interessante,
Pairava geral, intenso,
Um entusiasmo vibrante,
Consagrando esses mártires
Como heróis triunfantes.*

*Os dias se sucediam
Numa movimentação
De multidão ruidosa
Toda em comemoração,
Turbilhonando nas ruas
Em discorde expansão.*

*Sobre essa agitação
Chegavam diariamente
Pormenores que a acirravam,
Pois era surpreendente
A extensão do desastre,
Aritmeticamente.*

*Até 25 de junho,
Quando entrou em ação,
Até o 10 de agosto,
Contou-se com precisão:
Duas mil e quarenta e nove
Baixas teve a expedição. (16)*

*E o desastre progredia
Num saldo médio diário
De oitenta homens tombados;
Porém extraordinários
Pareciam os recursos
A dispor o adversário.*

*Desbordando de Canudos,
A insurreição se espraiava
Pelos lados de um triângulo
Que, para se inscrever, dava
Cinquenta mil baionetas;
Portanto, se alastrava.*

*Partindo de Monte Santo,
Os comboios reforçados
Por poderosas brigadas
Eram sempre assaltados,
Com dispersão de cargueiros
Pelos tiros espantados.*

*Nos recontros sucessivos
Começou-se a enxergar,
Por fim, uma variante
De jagunço a auxiliar,
Porém com outros intuítos
Capazes de perturbar.*

*Entre os claros das galhadas
Viam-se nos guerrilheiros
Brilhos de botões de fardas
E um vermelho passageiro...
Era o desertor faminto
Atacando os companheiros.*

Novos reforços: A Brigada Girard

*Insulada no deserto,
Batida e derrotada,
A expedição precisava
Ser de muito reforçada,
A fim de não sucumbir
Diante da jagunçada.*

*Atendendo ao comandante,
General Artur Oscar,
O governo organizou
U'a brigada auxiliar,
Tendo à frente o general
Miguel Maria Girard.*

*Mil e quarenta e duas praças,
Sessenta e oito oficiais,
Todos bem apetrechados
Com armas especiais,
Quase um milhão de cartuchos
Levavam nos embornais.*

*Desde o Rio de Janeiro,
Por seu chefe comandada,
Foi a 31 de julho
Pra cidade de Queimadas,
E no dia 3 de agosto
Prossiguiu na caminhada.*

*Seguiu para Monte Santo
Um coronel liderando,
No dia 10 de agosto,
Pra Canudos abalando,
Já ia debilitada
Com um major no comando.*

*Atacou um doenceiro
Que era pura covardia,
Deixando um coronel
E oficiais na Bahia,
Mais adiante um general
Em Queimadas ficaria.*

*Com ele uns oficiais
E um tenente-coronel.
Chegando a Monte Santo,
O doenceiro cruel
Derrubou oficiais
E mais outro coronel.*

*Decompunha-se na estrada.
Ao partir para o sertão,
Aquele força encontrara
Feridos em profusão,
Levando o medo da guerra
À mais nova expedição.*

*Com três dias de viagem,
As privações começaram,
Vendo assim diminuídos
Os víveres que levaram
E que foram repartidos
Com os feridos que encontraram.*

*Chegando a Monte Santo
Exausta e esmorecida,
Partiu então pra Canudos
Inteira e despida
Do aparato hierárquico
De quando foi concebida*

*Penando pelos caminhos,
Chegou ao Aracati,
Recebendo um comboio
Estacionado ali
Pra levar para Canudos
No seu lento progredir.*

*Dizimava-a a varíola.
Quase que diariamente
Volviam a Monte Santo
Dois ou três homens doentes,
Seguindo para o hospital,
Num caso sem precedente.*

*No dia 15 de agosto,
Foi no Rancho do Vigário
Violentamente atacada
Pelo seu adversário,
Em violenta descarga
Num combate sangüinário.*

*Atacaram-na de rijo
Os ferozes guerrilheiros,
Fazendo então dispersar,
Espavoridos, os cargueiros,
Com a boiada estourando,
Criando caos por inteiro*

*De uma centena de bois
Que a brigada comboiava,
Restaram apenas onze;
E a guerrilha atacava
Novamente no Angico
A tropa que dispersava.*

*Desde Queimadas a marcha
Foi difícil e morosa,
Mas ao chegar a Canudos
Em situação penosa,
Deram-lhe incontinenti
O apelido de "Mimosa".*

*Esse ataque, na Bahia,
Com as proporções devidas,
Teve a conotação
De uma batalha perdida,
Fazendo o governo agir
Com a presteza requerida.*

*Diante da ineficácia
Dos reforços enviados,
Formou-se uma divisão
De batalhões dispersados
Numa mobilização
Rápida pelos Estados.*

*Para dominar a crise,
Decidiu-se enviar
O secretário de Estado,
Um astuto militar,
O marechal Bittencourt,
Homem frio e singular.*

*Este seguiu em agosto
Pra base de operações,
Ao tempo em que no país,
Dos mais distantes rincões,
Abalavam lutadores
Pra novas expedições.*

*Eram quase três mil homens,
Estando ali incluídos
Trezentos oficiais
Em brigadas repartidos,
Com batalhões desfalcados
E de tudo desprovidos.*

*O ministro Bittencourt,
Com sua frieza blindada,
Percebeu as exigências
Da luta que era travada,
Tomando uma decisão
Vital nessa escalada.*

*O que era necessário,
Absoluto e certo,
Não era vencer jagunços,
Era vencer o deserto,
Organizar os comboios,
Tornar o caminho aberto.*

*Já no final de agosto,
Estruturou-se, portanto,
Uma linha de comboios
Ligando de canto a canto
A tropa em operações
À vila de Monte Santo.*

*Mil burros valiam,
Nessa grave emergência,
Por mais de dez mil heróis.
A luta na sua essência
Precisava de tropeiros
E muita eficiência.*

*Por outro lado, a guerra
Não podia delongar-se;
No máximo mais dois meses,
E que de três não passasse,
Pois seria a derrota
Se além disso ultrapassasse.*

*Começavam em novembro,
Em quantidades notáveis,
Sobre toda aquela zona
As chuvas inexoráveis,
E delas decorreriam
Consequências insanáveis.*

*Do seu leito, então seco,
Surgiria transbordando
O rio Vasa-Barris,
Intransponível, cortando
Toda comunicação,
Com suas águas rolando.*

*Quando o turbilhão das águas
Rápido se extinguisse,
Com a mesma brevidade
Com que banha as planícies,
Despontariam entraves
Muito graves e difíceis.*

*Das lagoas e banhados
Surgiria impaludismo
Disseminando nos ares
Milhares de organismos,
Que atacariam a tropa,
Agravando o imobilismo.*

*Portanto era necessário
Liquidar essa pendência,
E antes da estação chuvosa
Garantir subsistência
A cerca de oito mil homens
Com a máxima urgência.*

*Foi o ministro da Guerra
Pra cidade de Queimadas;
Desde já o aguardavam
As brigadas da chamada
“Divisão Auxiliar” (17)
Em Monte Santo escaladas.*

*Assim estavam dispostos
Os elementos que haviam
Para o desenlace próximo;
Pra Canudos seguiriam
Os comboios regulares
Que se organizariam.*

*E em começo de setembro
O tempo permitiria
Reanimar a expedição
Que em quarenta e tantos dias
Presa aos flancos do arraial
Inútil se agitaria.*

*Nas descargas improvisas,
Violentas, instantâneas,
Sempre em horas incertas,
A mesma calma estranha
Recortada de alarmas
E de apatia tamanha.*

*Combates ora mortíferos
Rareando as fileiras,
Ora ruidosos e longos,
Porém numa tal maneira
Que se gastavam mil balas
A esmo, sem estribeiras.*

*Existência aleatória
Com alguns terços de ração,
Dividindo-se um boi
Por inteiro batalhão
E um litro de farinha
Por esquadra ou esquadrão.*

*Os comboios raros, incertos
E escassos iam chegando;
As cargas pelos caminhos
Em parte se extraviando,
Com o perigo da fome
De novo se aproximando.*

*Protegidos nas trincheiras
Pouco temiam o inimigo,
Nas tendas por trás dos morros
Consistiam os perigos
Apenas para os incautos
Que saíam dos abrigos.*

*Das torres da igreja nova
As tropas não escapavam
À pontaria certa
Daqueles que as ocupavam
No fragor dos canhoneios
E não as abandonavam.*

*Em consequência, o revide
Foi de fato formidando,
Com o canhão a detonar
Pelos ares estrondando,
Atingindo a igreja velha,
O teto esfarelado.*

*Provocando a derrubada
Dos restos do campanário,
Fazendo saltar aos ares
O sino do santuário (18)
Com estridentes badaladas
De alarme tumultuário*

*Mas, tirante esse incidente,
Fora perdida a jornada:
Quebrara-se uma peça
Da arma famigerada,
Fazendo-a emudecer
E nunca mais ser usada.*

*Oito soldados tombaram,
E não se pôde conter
Violenta fuzilaria
Fechada, de estarrecer,
Que entrou pela noite a dentro
Até o amanhecer.*

*Após ligeiro armistício,
Prolongou-se pelo dia,
Vitimando mais soldados,
Aquela fuzilaria,
Numa escala inflexível
Que à tropa esgotaria.*

*Em quatro dias apenas,
Vinte soldados tombaram,
Sem falar em outros seis
Que logo se acovardaram
E, aproveitando o tumulto,
Francamente desertaram.*

*Em breve a situação,
Que era desesperadora,
Mudou, com novos esforços,
Enquanto avassaladora
Seguia pelos caminhos
A Divisão salvadora.*

Nova fase da luta

*Quem, ó perdido, há-de ousar?
Os que dizem “não” à humilhação.
Reforcem a mais sólida união
Com os que, sofrendo e a lutar,
Hoje mesmo nos querem libertar.*

Bertolt Brecht

*Iam chegando a Queimadas
Esses novos combatentes,
Recebendo as notícias
Animadoras, recentes,
Do campo de operações,
Com entusiasmo crescente.*

*Não mais houvera desastres.
Apesar dos tiroteios
Incessantes e diários,
Guardavam-se no bloqueio
As posições conquistadas
Pelos mais difíceis meios.*

*A tropa antes formada
Pela Brigada Girard
E o batalhão paulista
Em tempo pôde chegar,
Preenchendo os vazios
Da expedição a lutar.*

*Este importante reforço
Coincidia com lampejo
De evidente desalento
Da parte dos sertanejos
Que se sentiam tocados
Por destino malfazejo.*

*Com a sua serenidade,
Não batia, pois caíra,
O sino da igreja velha;
Também mais não se ouvira
Ladainhas melancólicas
Nos intervalos da ira.*

*Começavam a cessar
Os ataques atrevidos;
E à noite o arraial,
Totalmente escurecido,
Mergulhava em silêncio
Absoluto e compungido.*

*E pela primeira vez,
Prisioneiros se via
Em tantos meses de guerra;
Entre eles não surgia
Um único homem feito
Ou de alguma serventia.*

*Meia dúzia de mulheres
Tendo ao colo crianças
Seguidas de outras maiores,
Filhos da desesperança,
De idade seis a dez anos
Que escaparam da matança.*

*Um espetáculo triste.
Passaram pelo arraial
Entre compactas alas
De ansioso pessoal,
Em que se apertavam fardas
De soldado a general.*

*Um desses pobres pequenos,
Franzino e cambaleante,
Trazia a cabeça oculta
Num quepe largo e oscilante,
Fazendo as pessoas rirem
Daquela cena ultrajante.*

*A criança alçou o rosto,
Procurou localizá-las;
Os risos se extinguíram,
Perderam até a fala:
A boca era chaga aberta
De lado a lado por bala.*

*Mas o ministro da Guerra
Proseguiu em comitiva
Pra base de operações
Com a missão exclusiva
De abastecer os soldados
E organizar a ofensiva.*

*Chegando a Monte Santo,
Tratou imediatamente
De organizar os comboios
Que, quase diariamente,
Ligavam a Canudos
Num vai e vem permanente.*

*Um comboio que seguia,
Valia por batalhões,
Era batalha vencida,
Acendia ilusões,
Dava alentos de vitórias
Àquelas expedições.*

*De feito, o mês de setembro
Começara auspicioso,
Pois logo, no dia 4,
Um jagunço valoroso (19)
Fora abatido em Canudos;
Di-lo gesto afetuoso.*

*Tombara junto às igrejas;
E foi tal o açodamento
Ao levarem o cadáver,
Que a ação naquele momento
Delatava-lhe o prestígio
Sem nenhum comedimento.*

*A 6, sucesso maior:
Uma após outra caíram
As torres da igreja nova,
Com tiros que a atingiram
Logo após um bombardeio
Que os canhões infligiram.*

*Tinham afinal caído.
E ao vê-las assim tombando
Com jagunços agarrados
Pelo chão se espatifando,
O exército inteiro aclamou
Com o tiroteio cessando.*

*Terminou desse modo
O encanto do inimigo.
A queda das torres brancas
Expunha-lhe ao perigo,
Deprimia o arraial,
Deixava-o ao desabrigo*

*A tropa ficou assim
Livres daquelas seteiras,
De onde era fulminada
Pelo alto e à cavaleira,
Reduzindo totalmente
Ângulos mortos das trincheiras.*

*Desde 18 de julho,
Peritos atiradores,
Do alto dos campanários,
Impunham aos invasores,
Quando transpunham o rio,
Ataques demolidores.*

*Sobreveio outro desastre
No dia subsequente.
Desde muito entrincheirados,
Guerrilheiros renitentes,
No sítio Fazenda Velha,
Detinham os contingentes.*

*Atacando a artilharia,
Detinham a ampliação
Do cerco naquela banda
Em dois meses de ação,
A despeito da tormenta
De disparos de canhão.*

*No dia 7, porém,
Por volta das vinte horas,
Eles foram suplantados,
De improvisado e sem demora,
Em violenta refrega
De menos de meia hora.*

*Esparcos e perseguidos,
Os jagunços rechaçados
Fugiram em disparada
Para o morro dos Pelados,
Tombando ali no rio,
Entrando no povoado.*

*Expugnada a posição,
O cerco se ampliaria,
Outras ações estratégicas
O assédio completaria;
Prefigurava-se próximo
O fim daquela agonia.*

*Enquanto isso, partia
De Monte Santo a marchar
Aquela tão esperada
Divisão Auxiliar
Em direção a Canudos,
Com um temor singular:*

*Medo de não encontrar
Jagunços a combater,
Quase tudo liquidado
Sem combate a oferecer,
Com a frustração da batalha
Fazendo-a retroceder.*

*Há seis léguas de Canudos,
No sítio Suçuarana,
Já se ouviam os tiros
Dessa enorme tribuzana;
Galgando o morro, caíram
No vale das Umburanas.*

*E o arraial de Canudos
Surgiu assim de surpresa
A cerca de dois quilômetros
Lá embaixo, sem defesa,
Devorado por incêndios,
No meio da aspereza.*

*Lá estavam as igrejas
Totalmente destruídas;
A nova sem as torres,
De alto a baixo fendida,
A velha sem a fachada,
Em ruínas, denegrida.*

*Haviam chegado a tempo.
Entraram no acampamento
Ovantes, em belo aprumo,
De candidatos atentos
À História e procurando
O pleito sanguinolento..*

*O acampamento mudara;
Era como um arraial
À ilharga de Canudos,
Sem o aspecto original
De aparência revolta
E pobreza colossal.*

*Dali se descortinava,
Avassalando colinas,
Babilônia de casebres,
Muitos deles em ruínas
– Cinco mil e duzentas casas
Locadas sem disciplina.*

*Porém quem observasse,
Quando uma trégua havia,
Não lograva distinguir
Vulto ou sombra fugidia,
Nem mesmo um rumor fugaz
Em Canudos se ouvia.*

*Mas bastava que um disparo
Atroasse a qualquer hora,
Pra que dali refluisse
O revide sem demora
Do jagunço encantado,
Com o vigor de outrora.*

*Apesar de enfraquecidos,
Eram valentes, no entanto;
Mas, mulheres e crianças
Recolhidas no seu canto,
Punham no fragor a nota
Comovedora do pranto.*

*Dias antes, um obus (20)
Da Favela procedeu
Atingindo um casario,
E dele logo ascendeu
Longo e indefinível choro
Que a todos comoveu.*

*Bloqueados duplamente
Entre choros e bramidos,
Entre lágrimas e balas,
Estavam assim perdidos
Os rebeldes de Canudos,
Praticamente vencidos.*

*Mas o bloqueio completo,
E com extenso claro ao norte,
Não reduzira o jagunço.
Deixando-o à própria sorte,
Havia outros recursos
Pra lhe servir de suporte*

*Os caminhos para a Várzea
Da Ema e para o Uauá
Estavam todos abertos,
Podendo ali entrar
Pequenos fornecimentos
E homens para lutar.*

*Em último caso, eram
Um escape à salvação;
Mal seria perseguida
Ali a população
Que demandasse ao deserto
Fugindo daquele chão.*

*Não o fez, porém; embora
Sentisse em torno acrescida
A força do adversário
Cada vez mais atrevida,
Anunciando que a luta
Estava quase perdida.*

*O comando guerrilheiro
Em combates sucumbira;
Pajeú no mês de julho,
João Abade e Macambira,
José Venâncio e outros
Heróis dos dias da ira.*

*Restava, porém, Pedrão,
Herói de Cocorobó,
E ainda Joaquim Norberto
– Tudo indica era só –;
A situação tendia
Cada vez para o pior.*

*Por outro lado, também
Reduziam-se os mantimentos
E os combatentes válidos,
Enquanto havia aumento
De mulheres e crianças,
De velhos e aleijamentos.*

*A maioria imprestável.
Seu movimento tolhia
A ação dos homens válidos
E os recursos reduzia,
Complicando ainda mais
O quadro de agonia.*

*Poderia até fugir,
Pouco a pouco se escoar
Nas veredas que restavam
E da morte escapar,
Deixando desafogados
Os que podiam lutar.*

*Contudo não o fizera.
Seres frágeis e abatidos
Devotaram-se ao jejum
Em prol dos heróis queridos
Que na luta os defendiam,
Num gesto nunca entendido.*

*A vida no arraial
Tornou-se então atroz;
Seiscentos prisioneiros
Revelaram-na após
Na miséria e na magreza
De uma maneira feroz.*

*Dias de angústias incríveis
Foram ali suportados
Quando os caminhos da vida
Não se encontravam fechados,
E somente os que fugiram
Puderam ter relatado.*

*A 22 de setembro,
Faleceu o Conselheiro
Dentro do templo em ruínas,
Prostrando-se por inteiro
E de modo requintado
No seu jejum costumeiro.*

*Vendo tombar as igrejas,
Arrombado o santuário,
Santos feitos estilhaços
Por armas do adversário,
Começou ele a morrer
Combalido e solitário.*

*Por Antônio Beatinho
Foi ele ali encontrado;
Estava rígido e frio,
Tendo ao peito aconchegado
Um crucifixo de prata
E o rosto à terra colado.*

*Ora, este acontecimento,
Contra o que era de se esperar,
Reanimou a insurreição,
Pois passou-se a acreditar
Naquela história fantástica
Que vamos aqui narrar.*

*Em viagem para o céu,
O Conselheiro partira,
Direto à Providência
Num ato se dirigira,
Nessa hora junto a Deus
De tudo se prevenira.*

*Assim é que os soldados,
Ainda quando caíssem
Nas maiores aperturas,
Impossível é que saíssem
Do lugar em que se achavam,
Mesmo que livres se vissem.*

*Estavam todos chumbados,
Presos às suas trincheiras;
Ali permaneceria
A expedição por inteira
Para a expiação suprema
Dos crimes que cometera.*

*O profeta volveria,
Muito em breve, entre um milhão
De arcanjos em revoada,
Fulminando a expedição,
E o Dia de Juízo
Começaria então...*

*Desoprimidos os crentes;
Mas nenhum deles notou
Que um grupo saiu em tempo, (21)
Da morte assim escapou,
Pois no dia 24
A situação mudou.*

*Alguns batalhões de linha,
Logo ao alvorecer,
Assaltaram um subúrbio
Que faltava guarnecer,
Completando assim o cerco
Que o arraial iria ter.*

*Os jagunços não contavam
Que eles fossem até lá;
Era um ponto bem distante
E difícil de atacar,
Por isso desguarnecido
E fácil de expugnar.*

*Via-se ali um subúrbio
Novo, as “Casas Vermelhas”,
Em construções mais corretas
Cobertas até de telhas,
Em nova disposição
Unidas e em parelhas.*

*E por ser as mais remotas,
Muitas delas se atulhavam
De mulheres e crianças
Que, desse modo, criavam
Emergência desastrosa
Pros rebeldes que lutavam.*

*Caiu-lhes em cima a força.
Seguindo o leito do rio,
Varejou-as em minutos;
E aos guerrilheiros tolheu
Aquela imensa balbúrdia
Do medroso mulherio.*

*Entretanto não cederam
Desde logo a posição.
Recuaram resistindo,
E nessa perseguição
Os soldados se embrenharam
Naquela povoação.*

*Tomando a ofensiva,
As cenas reeditavam,
Pelos tabiques das casas
Espingardas enfiavam,
Atirando para dentro
E depois as arrombavam.*

*Ateavam-lhes incêndios.
Porém, destacadamente,
Surgia a resistência
De um ou outro residente,
Jogando alto a vida
Em ato surpreendente.*

*No momento em que a porta
Da choupana escancarou,
Um deles a esposa e a filha
Para o lado atirou,
Abatendo num revide
O primeiro invasor.*

*Circulado por soldados,
Logo logo baqueou
Sangrando a cutiladas,
Contorcendo-se de dor,
“Pelo menos matei um...”
– Com essa frase expirou.*

*Outro episódio medonho:
Em um cômodo invadido,
Numa magreza extrema,
Um pobre velho caído
Procurava disparar
Uma arma, já rendido.*

*Não podendo segurá-la,
A custo a levantava,
Sem forças nos braços frouxos
Logo a descair deixava,
Provocando gargalhadas
Na tropa que ali estava.*

*Mas a resistência heroica
Daquele povo sofrido
Cortou o passo da tropa,
Impondo-lhe alguns feridos
E cerca de trezentos mortos
Nos choques ali havidos.*

*Além disso, o jagunço
Recuava e não fugia;
Ficava ali na frente
Tateando a pontaria
Sem deixar terreno neutro,
Colado e na vigia.*

*Essa refrega pro norte
Alarmava o acampamento.
A cena era realíssima
Naquele palco cinzento
Iluminado de incêndios,
Sinistramente cruento.*

*Os bandos estonteados
De mulheres e crianças
Corriam de norte a sul
Fugindo dessa matança,
Entalados nos escombros,
Em busca de segurança.*

*Surgiram aclamações
De dentro da cerração;
Os jagunços recuavam
Em meio à perseguição;
Canudos fora cercada,
Morria a insurreição.*

Últimos dias

Nenhum ou todos. Tudo ou nada.

Não se salva o homem só.

Às armas ou ao pó.

Nenhum ou todos. Tudo ou nada.

Bertolt Brecht

*Um fato extraordinário
A seguir aconteceu:
O jagunço derrotado
Súbito revivesceu
Com um incrível vigor
Que a todos estarreceu.*

*Os combatentes, que desde
O começo o enfrentavam,
Ainda o desconheciam,
Mas agora começavam
A vê-lo assim heroico,
E por isso se assustavam.*

*Haviam-no visto, até
Esse dia, astucioso
No enredo das tocaias;
Indomável, perigoso
Na repulsa aos ataques
Do inimigo poderoso.*

*A constrição de milhares
De baionetas lhe dera,
De novo, a iniciativa
Nos combates que houvera
Desde o dia vinte e três
Dessa triste primavera.*

*Sulcando todos os pontos,
O jagunço, no estertor,
A cercadura do sítio
Batia estonteador,
Atacando uma a uma
As trincheiras do invasor.*

*Era uma onda revolta.
Repelida por tranqueiras (22)
Avançadas pelo leste,
Refluía numa esteira
Fulgurante de descargas
Para o Cambaio, ligeira.*

*Nas encostas que ali descem
A onda se arrebeitava,
Recebendo em cheio a réplica
Da tropa que ali estava,
E rolava envesgando,
Para o norte se lançava.*

*Dentro do Vasa-Barris
Ia-se despedaçar
De encontro a paliçadas
Que a faziam represar,
E, vertiginosamente,
Ao sul ia retornar.*

*Viam-na ondular, célere,
Furiosa e possante
Por dentro do arraial
Com sua força de antes,
Atravessando-o, e logo
Tornando-se marulhante.*

*Às vezes esse ciclone
Parava subitamente;
Um silêncio absoluto,
Surgindo assim de repente,
Descia sobre os dois campos
Numa trégua impaciente.*

*Os sitiantes deixavam
Até mesmo a formatura,
Repousando alguns minutos
Tão breves naquela agrura,
Quando um estampido surgia,
Recomeçando a loucura.*

*Partia da igreja nova.
Sobre as paredes rachadas,
Guerrilheiros erradios
Cruzavam-se em disparada,
Mal firmes sobre os escombros
Em rondas desesperadas.*

*Tombavam-lhes logo em cima
As granadas dos canhões,
Obrigando-os a descer,
Sob fortes explosões,
Em despenhos e resvalos,
Dos sagrados paredões.*

*Sumiam nos pardieiros
Próximos ao santuário,
Ressurgindo de repente
Nas linhas do adversário,
Repetindo a rotação
Dos assaltos temerários.*

*Os que antes desdenhavam
Do sertanejo entaipado
Naqueles pobres casebres,
Viam-se agora assombrados
Com a reação do jagunço,
Como em dias passados.*

*Cessaram os desafios.
O fato determinava
Que não soassem cornetas.
Alarma não precisava,
Porque o jagunço
Eloquentemente dava.*



Angelo
roberto-9

*Despovoaram-se os morros.
Terminou o fanfarrar
Dos que ali se propunham
A tiros desafiar.
Valentes de muita fama
Puderam se acautelar.*

*Os comboios que apontavam
Na estrada do Calumbi
Eram logo alvejados,
Vindo os feridos cair
À entrada do acampamento
Não muito longe dali.*

*Em certas ocasiões,
Quando tiroteio havia,
Pairava sobre as barracas
Forte uivar de ventania;
Eram tiros de mannlicher
Ou de comblain que se ouvia.*

*Projéteis de toda espécie
A estrondar resvalando
Por sobre o hospital de sangue
Os enfermos despertando,
Na farmácia militar
Os vidros despedaçando.*

*Já no dia vinte e quatro,
Alguns poucos prisioneiros
Surgiram no acampamento,
Sendo estes os primeiros
– Meia dúzia de crianças,
Mulheres e alguns guerreiros.*

*Um, suspenso entre praças,
Vinha meio desmaiado,
Tendo diagonalmente
Sobre o peito desenhado,
Num recalque forte, o sabre
Que o havia vitimado.*

*Outro, um velho curiboca
Que, antes desesperado,
Não vingara disparar
A arma sobre os soldados,
Parecia um claudicante
Cadáver desenterrado.*

*Ferido, havia meses,
Por estilhas de granada,
No ventre tinha dois furos
De bordas cicatrizadas,
Por onde se extravasavam
As tripas avermelhadas.*

*A voz, num regougo opresso,
Morria-lhe na garganta.
Nem sequer o interrogaram.
Na sombra de uma barranca
Continuou na agonia,
Naquela miséria tanta.*

*Porém algumas mulheres
Fizeram revelações:
Sentia-se no arraial,
Da fome os seus grilhões.
E não iam mais além
Aquelas informações.*

*Preso um jagunço válido
E capaz de aguentar
O peso da espingarda,
Não havia consultar;
Degolava-se; estripava-se;
O fato era vulgar.*

*Uma corda de sedenho
No pescoço lhe passavam,
Dobrando-lhe a cabeça
Deste modo o jugulavam;
E assim exposta a garganta,
Francamente o degolavam.*

*Não raro o assassino,
Na sua sofreguidão,
Fugia aos preparativos;
Mais expedito era então
O processo de varar
A vítima a facão.*

*Por meio de golpe único
Entrando no baixo ventre.
Um destripamento rápido...
E havia até valentes
Que por essas covardias
Ansiavam loucamente.*

*Mas antes disso impunham
À vítima um preceito
– Que desse um viva à República –
Poucas vezes satisfeito;
E assim requintavam-se
No genocídio perfeito.*

*Porém, ao gênero humano
Uma concessão se fez:
As mulheres e crianças
Tiveram a sua vez,
Pois não foram trucidadas
Nesse mar de malvadez.*



Angelo
roberto-71

*Era preciso, no entanto,
Que não fossem perigosas
Como aquela quarentona
Desenvolta e corajosa
Que respondia “sei não!”
Ou “e eu sei?”, bem jocosa.*

*Dizia que os sitiantes,
Mercê da força divina,
Não poderiam voltar,
Cumpririam triste sina
Tateando à toa, cegos,
Perdidos nas colinas...*

*Essa mulher desabrida,
Essa bruxa agourenta,
Esse demônio de anáguas
Que os soldados enfrenta
Foi logo executada
Numa degola cruenta.*

*Perdoavam-se as tímidas,
Em geral consideradas
Trambolhos no acampamento,
Pra lá e pra cá jogadas;
As bruacas imprestáveis
Que não serviam pra nada.*

*Era o caso de uma velha
Pelas tendas a esmolar,
Tentando matar a fome
De dois netos a chorar,
Que, apesar de seus dez anos,
Voltaram a engatinhar.*

*E a avó desatinada
Corria a acalentá-los,
Aconchegando seus corpos
Com camisas em frangalhos,
Provocando nos mais duros
Corações, fortes abalos.*

*A degolação, por isso,
Era infinitamente
Uma solução mais prática,
Dizia-se nuamente.
O que fazer com essa gente
Que se mostrava inocente?*

*Isso não era campanha,
Isso era charqueada;
Em vez da ação das leis,
A vingança declarada;
O incêndio e a faca
Na repressão desalmada.*

*Naqueles ares pairava
Moreira César queimado;
E devia-se queimar.
Tamarindo degolado;
Devia-se degolar.
Dente por dente, o legado.*

*Ademais, não havia temer-se o juízo
tremendo do futuro.*

A História não iria até ali.

*O sertão é o homízio. Quem lhe rompe as trilhas,
ao divisar à beira da estrada a cruz sobre a cova
do assassinado, não indaga do crime.*

Tira o chapéu e passa.

Euclides da Cunha

Aperta-se o cerco

*A derrota de Canudos
Figurava-se iminente;
A parte do arraial
Em poder de sua gente
Reduzia-se agora
A um terço tão somente.*

*Mesmo assim, ao investir
Dois batalhões do Pará,
E o Trigésimo Sétimo
Principiando a lutar,
Foram vigorosamente
Barrados no atacar.*

*Na ânsia desapoderada,
Apesar de bem nutridos,
Bem armados e dispostos,
Foram, contudo, vencidos
Pelo jagunço faminto
De ânimo enfraquecido.*

*Apertara-se o cerco,
Aumentou a constrição,
Mas cerca de oitenta homens
Tombaram em plena ação,
Inclusive um coronel
E também um capitão.*

*A população cercada
Lentamente recuou,
Se amoitando nos casebres
– Quinhentos, o que restou –
Pelos fundos da igreja,
Nesta área se concentrou.*

*Apesar de tudo, a praça
Vazia continuava,
Pois tomar aquelas casas
Ninguém ainda ousava,
Com receio do jagunço,
Que a resistência pregava.*

*Ao dispor a sua gente
Para a morte inexorável,
Pretendia delongar
O desfecho inevitável,
Tomando certas medidas
Para uma luta infundável.*

*Para o último reduto
A guerrilha seguiria,
Uma escavação bem larga
Junto à igreja ela abriria
– Túmulo dos indomáveis –,
Onde se sepultaria.*

*Torturados pela sede,
Os jagunços, de momento,
Transformaram o combate
Num mortal divertimento,
Atirando loucamente
Sem rumo e sem alento.*

*Os que na igreja nova
Estavam encurralados,
Varejavam as montanhas;
Outros na frente postados
Tolhiam os batalhões
No casario entranhados.*

*Às vezes realizavam-se
Uns episódios brutais,
Que colhiam de surpresa
Soldados e oficiais
Nesse transe doloroso
Da luta nos seus finais.*

*Assim é que num casebre
Tenazmente defendido,
Os soldados depararam,
Após tê-lo invadido,
Com seis ou oito cadáveres
Uns sobre os outros caídos.*

*Apesar daquele quadro,
Não se impressionaram,
Pelos cômodos escuros
Velozes enveredaram,
Sem perceber a tempo
O ato que praticaram.*

*Daquela pilha sinistra
De trapos sanguinolentos
Começou à queima-roupa
Rápido fuzilamento,
Provocando nos soldados
Um grande atordoamento.*

*Pelas costas e pela frente
Dois tiros lhes detonou,
Logo saltando e fugindo,
Fantástico lutador
Que na trincheira de mortos
Deu combate ao invasor.*

*O lento avançar do assédio
Paralisou novamente.
Esta era a última vez
Que o vencido, certamente,
Aquilo conseguiria
No seu estertor valente.*

*Ademais, desnecessária
Se fazia outra escalada;
Bastava que conservassem
As posições conquistadas,
Destruídas as cacimbas
E as saídas fechadas.*

*Pensava-se que Canudos
Em dois dias cairia,
Mas a resistência
U'a semana duraria,
Malgrado a terrível sede
Que seu povo sofreria.*

*Assim é que aquele círculo
Maciço de batalhões
Começou a ser partido
Pelas constantes ações
Dos sertanejos, à noite,
Atacando posições.*

*Na noite de 26,
Quatro ataques violentos;
Mais dezoito, a 27;
A partir deste momento,
Um único, prolongado,
Diário e em seguimento.*

*Não era um caminho à fuga
Que visavam alcançar;
Empenhando-se ao sul,
Pretendiam conquistar
Por um momento as cacimbas
E a sua sede aplacar.*

*Por um lado se batia
O grosso dos companheiros,
Atraindo pro arraial
Um exército inteiro,
Enquanto iam pro rio
Uns poucos aventureiros.*

*Alguns valentes, sem armas,
As borrachas carregando
Até à borda do rio,
Cautelosamente andando,
Abeiravam-se das poças
Pelo leito salpintando.*

*Cheias as vasilhas de couro,
Volviam todos correndo
Com as cargas preciosas;
Mas este artil foi perdendo
A eficácia e terminou
O inimigo percebendo.*

*Assim é que os soldados,
Com seus tiros convergentes,
Acertavam o jagunço
Na cacimba, facilmente,
Varrendo o chão à bala
Em torno dele e na frente.*

*De maneira implacável
Os que avançavam caíam;
Alguns, antes que chegassem
Às ipueiras, morriam;
Outros ainda de bruços
Quando a água bebiam.*

*Outros, trazendo os bogós
Repletos nos braços fortes,
Rompiam nos tiroteios,
Afrontando-se com a morte
Nas trilhas do desespero,
Onde só valia a sorte.*

*Alguns usando de ardis,
Deixavam que se atreguasse
A repulsa mais mortífera
E os soldados descuidassem,
Mas estes ali ficavam
Na espera que retornassem.*

*E divisavam de fato,
Pouco tempo transcorrido,
Alguns vultos indistintos
No escuro diluídos
Na barranca ali fronteira,
Resvalando escondidos.*

*Deitavam nas pontarias,
Deixavam se aproximar
Dessa ceva monstruosa,
Aos estagnados chegar,
E lampejava o fulgor
Das descargas a matar.*

*Eram assim fulminados.
Percebiam-se adiante,
No avanço de quinze metros,
Os gritos dilacerantes
De cólera e de dor
Do jagunço agonizante.*

*Pelas beiras das cacimbas
Dois ou três corpos caídos;
Outros, sem nenhum resguardo,
Corriam espavoridos;
Alguns quase moribundos
Em cambaleios, feridos.*

*Às vezes um escapava
Em meio a correrias
Com uma porção de água
Que hecatombes valia;
Na busca dos companheiros,
Nos escombros se perdia.*

*Percebia-se, contudo,
Hora à hora a exaustão.
Durante o dia, Canudos
Vivia a estagnação
Do bloqueio, em silêncio,
Às vezes sem uma ação.*

*Pra todo lado escombros.
Cadáveres espalhados
Com a face para os céus
Ou de braços, encristados,
Caídos sobre as madeiras
E outros incinerados.*

*Mas um trecho ainda estava,
À direita e adiante
Da praça do arraial,
Nas mãos de seus habitantes;
Era o último reduto
Considerado importante.*

*Nesse núcleo de casebres
– Mais ou menos quatrocentos –
Comprimia-se o jagunço
No seu encurralamento,
No aguardo da hora trágica
Do completo esmagamento.*

*No dia 1º de outubro
O ataque começou;
Quarenta e oito minutos
O canhoneio durou;
O ataque foi ligeiro,
Mas de efeito arrasador.*

*Era preciso fazer
Uma completa limpeza,
A fim de que não surgissem
Mais dolorosas surpresas;
A carga sobre as ruínas
Seria sem incertezas.*

*Fizeram-se as ruínas.
Via-se a transmutação
Desse trecho torturado:
Tetos em demolição
Esmagando os moradores
E incêndios em profusão.*

*Os escombros das igrejas
As granadas atingiam,
Saltavam em ricochetes,
Nos paredões se batiam,
Em silvos assustadores
Sobre o arraial caíam.*

*Arrebentavam nos ares;
Sobre a praça arrebentavam,
Demoliam coberturas
Que de barro se formavam,
Explodiam destroçando
Os becos que encontravam.*

*Entretanto, nenhum grito
Irreprimível de dor
No meio daquele inferno
Por acaso se notou,
Nem um vulto fugidio
Por ali se observou.*

*E quando por fim cessou
O fragor dos estampidos,
A quietude incrível
No casario destruído
Fazia supor que o povo
Havia dali fugido.*

*Após um breve silêncio,
Um clarim então vibrou
No alto da Fazenda Velha.
O assalto principiou.
Era a última investida
Do exército agressor.*

*Mas se desarticulou
Após dar uns poucos passos,
Num claro desequilíbrio
Que parecia embaraço
– O jagunço despertara
Do aparente fracasso.*

*Como sempre de improviso,
Surpreendedoramente,
O passo do invasor
Cortou gloriosamente;
Baquearam seus soldados,
Surpresos, teatralmente.*

*Alguns caíram de bruços
Como que se defendendo,
Outros se distanciaram
Pra frente se arremetendo,
Erradios alguns grupos
Viam-se entrebatendo*

*Descargas à queima-roupa
Partiam do adversário
Através dos grossos muros
Do fundo do santuário,
Imobilizando a tropa
Num lance extraordinário.*

*Os seus movimentos táticos
Então se modificaram;
Da igreja, as brigadas
Rápidas se afastaram;
E após se dividir,
Nas vielas penetraram.*

*Viu-se por mais de uma hora
Os combates prosseguindo;
Viu-se também as brigadas
No casario sumindo
Em meio aos estampidos
E aos clamores dali vindos.*

*Contra o que era de se esperar,
Contudo permaneceu
O jagunço invisível.
Nem um só apareceu,
Nem em direção à praça
A correr se escafedeu.*

*Mas o jagunço batido
Devia ir recuando
De encontro às baionetas,
Nelas se precipitando;
Era esse o objetivo
Que se vinha procurando.*

*Falhou tudo por completo.
O malogro assim valia
Por um inteiro revés,
Pois a tropa se aturdiu,
Parava, se entrincheirava,
Opunha-se ao que previa.*

*Quedava na defensiva
Diante da resistência
Que não era esperada,
E o jagunço, em consequência,
Desbordando dos casebres
Batia-lhe sem clemência.*

*Apenas a igreja nova
Havia sido tomada.
Esse sucesso, porém,
Resultou em quase nada,
Além de um grande tumulto
De praças embaralhadas.*

*Por seu turno, a trabucada
Dos valentes guerrilheiros
Estrepitava feroz,
Provocando um barulheiro
Contínuo, ensurdecedor
E um grande fumaceiro.*

*A praça, onde devia
Aparecer repelido
O inimigo fustigado,
À baioneta tangido,
Permanecia deserta
Numa inversão de sentido.*

*Reforçou-se então o ataque
Com o 5º da Bahia,
Para ver se essa incrível
Situação mudaria.
Dessa maneira o jagunço
Contra o jagunço investia.*

*Num serpear rapidíssimo
O batalhão avançou,
As duzentas baionetas
Um elo forte formou;
E ao cercar o baluarte,
Nos escombros mergulhou...*

*Mas aquele fragmento
Revolto do povoado
Absorvera o reforço
Que foi pra ali enviado,
E logo a seguir mais quatro
Batalhões foram lançados.*

*As forças dos assaltantes
Desse modo duplicaram;
Da batalha invisível
Os clamores se elevaram;
Na latada da igreja
Os incêndios se ampliaram.*

*Enquanto isso, a praça
Vazia continuava.
Após três horas de luta,
A matança se avultava.
Dois mil homens em combate
Efeito algum provocava.*

*Pouco antes das nove horas,
Alentou-se a ilusão
Repentina da vitória
No avanço de um batalhão
Que hasteou a bandeira
No alto de um paredão.*

*Muitos vivas à República
Ouviram-se de repente;
As cornetas, às dezenas,
Ecoaram estridentes,
E a praça pela primeira
Vez se encheu de combatentes.*

*Essa manifestação
Fez o combate cessar;
Surpreendido, o jagunço
Deixava de atacar;
Afinal, a cruelíssima
Luta ia terminar...*

*Quando então os generais
Desceram para a latada,
Receberam rijamente
As balas da jagunçada,
Que esvaziou a praça
Numa grande vassourada.*

*Volvendo de improviso,
Correndo para as trincheiras,
Para os pontos abrigados,
Agachados à esgueiras,
Aqueles triunfadores
Fugiam da ratoeira.*

*Eram, sem dúvida alguma,
Registrados nos anais
Memorados pela História,
Os seus mais originais
E excêntricos vencedores
Entre todos os demais*

*Não lhes bastavam, portanto,
Todo aquele armamento,
A fome, a sede, as ruínas,
Incêndios, degolamentos,
Cem dias de canhoneio
E o total esmagamento.*

*Outras medidas se impunham.
Toda a psicologia
Dessa guerra, o sertanejo
Impunemente invertia.
A sucessão de revezes
Somente o robustecia.*

*O ajudante de ordens
Do comandante geral
Conduziu do acampamento
Um verdadeiro arsenal
De bombas de dinamite
Para o ataque final.*

*Cessaram fuzilarias.
E sobre as linhas desceu
Inquietante silêncio;
Mas logo depois correu
Um rugido arrasador
Que a terra estremeceu.*

*Ecoaram pelos ares
Fortíssimas explosões;
Despegados das igrejas
Tombaram os paredões;
Irreprimidas soaram
Centenas de exclamações.*

*As traves e cumeeiras
Zuniam em estilhaços,
Como foguetes cortando
Pra toda banda o espaço
Que se encheu de poeira,
De fumo e de bagaço.*

*Canudos se arreventou.
Pareceu tudo acabado.
Pelos becos, batalhões
Mantinhm-se embolados,
Fora da zona mortífera,
Esperando o resultado.*

*Estavam se preparando
Para o acometimento,
Mas não o executaram
Naquele justo momento;
Pelo contrário, saltaram
Para os entrancheamentos.*

*Pois violentas descargas,
Que não se compreendia
Como eram feitas daquele
Braseiro, que ali ardia,
Fizeram os assaltantes
Recuar em tropelias.*

*Adiante atordoava-os
Assonância indescritível
De gritos e imprecações,
Choros e lamentos, num nível
De até lhes causar espanto
Naquele transe terrível.*

*Nas habitações em fogo
Viam-se sombras cruzando;
Eram mulheres fugindo,
Carregando e arrastando
Crianças e, às carreiras,
No casario se entranhando.*

*Algumas delas, porém,
Em desespero crescente,
Lançavam-se ao fogaréu
Com seus filhos inocentes,
Consumando um suicídio
Cruel, coletivamente.*

*E nesse cenário horrendo,
Esparsos, sem se ocultar,
Os últimos defensores
Do arraial, sem se entregar,
Saltavam sobre os braseiros,
Dominantes a lutar.*

*Por dentro da fumarada
Seus perfis se distinguiam;
Junto das linhas de fogo
Sinistros apareciam
Bustos nus e chamuscados,
Pois a morte não temiam.*

*Vinham matar os soldados
Em suas próprias trincheiras,
E eles, esmorecidos,
Sentiam a perda inteira
Das cargas, da dinamite,
Dos tiros, da “matadeira”.*

*O desânimo tolhia
A unidade de ação,
Com os toques das cornetas
Criando mais confusão;
Não havia obedecê-los
Naquela situação.*

*Numa mesma companhia
As seções ora avançavam,
(Recuavam muitas vezes)
Ora se imobilizavam,
Quando não se dividiam
Ou até se misturavam.*

*Aproveitando o tumulto,
O jagunço fuzilava
A salvo e sem piedade
O soldado que encontrava
Pela zona perigosa,
Que mais e mais se alastrava.*

*Pra muito além das trincheiras
Baqueavam combatentes;
Fora da área de luta
Caíam inteiramente,
Como naqueles maus dias
De um assédio bem recente.*

*Vendo um pelotão em marcha,
O capitão Aguiar
Tentou um "Viva a República!"
Para o ataque animar,
Mas caiu varado à bala
Sem a frase terminar.*

*Henrique Severiano,
Outro major comandante,
Teve idêntico destino
Num lance impressionante,
Ao salvar uma criança
Em chamas, agonizante.*

*Foi o único exemplo
Que houve de heroísmo
Nessa jornada feroz,
Onde nunca o ser humano
Teve um gesto carinhoso
Face ao obscurantismo.*

*As baixas se avultavam.
Uma triste procissão
De redes e padiolas
Em vagarosa ascensão
Derivava lá de baixo
Com feridos de montão.*

*Para o hospital de sangue
Já havia ali chegado
Mais de trezentos feridos,
Mortos ou estropiados,
A uma hora da tarde
Desse dia amargurado.*

*Mas a alpendrada de couro
Abrigada entre colinas
Não comportava as vítimas
Daquela carnificina
Que ansiosas procuravam
Recursos da Medicina.*

*Jaziam ali também,
No chão duro, enrijecidos,
Os corpos de oficiais
Pelo sol forte batidos,
Estando o do coronel
Tupi Caldas incluído.*

*Enquanto isso, a réplica
Feroz dos adversários
Parecia não ceder
No seu furor legendário
Atirando-se com ânimo
No combate aos seus contrários.*

*Os batalhões e brigadas
– Vagas de metal e flama –
Rolavam se arrebetando,
Encenando inútil drama,
De encontro àquelas represas
Intransponíveis de chama.*

*As bombas de dinamite
Estouravam de momento
(Noventa só nesse dia)
E mais o derramamento
De latas de querosene
Com incêndios violentos.*

*Mas de nada adiantavam
Tais recursos desumanos;
O assalto paralisou-se,
Pois fracassaram os planos;
O fantasma da derrota
Descia sobre os tiranos.*

*Que se viam isolados
Nas posições primitivas,
Recebendo saraivadas
De descargas explosivas
Provindas dos guerrilheiros
Que estavam na ofensiva.*

*Aquilo tudo era incrível!
Sobre os morros artilhados,
Varejando o acampamento,
Ouviam-se os sibilados
Das balas dos canudenses
Por ali acantonados.*

*O combate fora estéril
E além de tudo cruento.
Só lutadores a tropa
Perdeu mais de quinhentos,
Sem resultado algum
Que lhe desse valimento.*

*Como sempre a vibração
Da batalha amortecera,
Atenuando os tiroteios,
Obrigando, a noite inteira,
A tropa a velar, com medo
Da investida guerrilheira.*

*Entretanto piorara
As condições no arraial,
Com as últimas cacimbas
Tomadas já no final,
Com os braseiros enormes
Numa obstrução total.*

*Na madrugada de 2,
A tropa triunfadora
Fatigada despertara
Com a mais desafiadora
E mais firme das descargas
Que lhe foi conhecedora.*

Nesse dia...

[...].

Notas de im Diário (23)

Chegam à uma hora em grande número novos prisioneiros – sintoma claro de enfraquecimento entre o rebeldes. Eram esperados. Agitara-se pouco depois do meio-dia uma bandeira branca no centro dos últimos casebres e os ataques cessaram imediatamente do nosso lado. Rendiam-se afinal. Entretanto não soaram os clarins. Um grande silêncio avassalou as linhas e o acampamento.

A bandeira, um trapo nervosamente agitado, desapareceu; e, logo depois, dois sertanejos, saindo de um atravancamento impenetrável, se apresentaram ao comandante de um dos batalhões. Foram logo conduzidos à presença do comandante em chefe, na Comissão de Engenharia.

Um deles era Antônio, o ‘Beatinho’, acólito e auxiliar do Conselheiro. Mulato claro e alto, excessivamente pálido e magro, ereto e busto adelgado. Levantava com altivez de resignado, a fronte. A barba rala e curta emoldurava-lhe o rosto pequeno animado de olhos inteligentes e límpidos. Vestia camisa de azulão e, a exemplo do chefe da grei, arrimava-se a um bordão a que se esteava, andando. Veio com outro companheiro, entre algumas praças, seguido de um séquito de curiosos.

Ao chegar à presença do general, tirou tranquilamente o gorro azul, de listras e bordas brancas, de linho; e quedou-se correto, esperando a primeira palavra do triunfador.

Não foi perdida uma sílaba do diálogo prontamente travado.

– Que é você?

– Saiba o seu doutor general que sou Antônio Beato e eu mesmo vim por

meu pé me entregar porque a gente não tem mais opinião e não aguenta mais.

E rodava lentamente o gorro nas mãos, lançando sobre os circunstantes um olhar sereno.

– Bem. E o Conselheiro?

– O nosso bom Conselheiro está no céu...

Explicou então que aquele, agravando-se antigo ferimento, que recebera de um estilhaço de granada atingindo-o quando em certa ocasião passava da igreja para o Santuário, morrera a 22 de setembro, de uma disenteria, uma ‘caminheira’ – expressão horrendamente cômica que pôs repentinamente um burburinho de risos irreprimidos naquele lance doloroso e grave.

O beato não os percebeu. Fingiu, talvez, não os perceber. Quedou imóvel, face impenetrável e tranquila, de frecha sobre o general, olhar a um tempo humilde e firme. O diálogo prosseguiu:

– E os homens estão dispostos a se entregar?

– Batalhei com uma porção deles para virem e não vieram porque há um bando lá que não querem. São de muita opinião. Mas não aguentam mais. Quase tudo mete a cabeça no chão de necessidade. Quase tudo está seco de sede...

– E não podes trazê-los?

– Posso não. Eles estavam em tempo de me atirar quando saí...

– Já viu quanta gente aí está, toda bem armada e bem disposta?

– Eu fiquei espantado!

A resposta foi sincera, ou admiravelmente calculada. O rosto do alta-reiro desmanchou-se numa expressão incisiva e rápida, de espanto.

– Pois bem. A sua gente não pode resistir, nem fugir. Volte para lá e diga aos homens que se entreguem. Não morrerão. Garanto-lhes a vida. Serão entregues ao governo da República. E diga-lhes que o governo da República é bom para

todos os brasileiros. Que se entreguem. Mas sem condições. Não aceito a mais pequena condição...

O Beatinho, porém, recusava-se, obstinado, à missão. Temia os próprios companheiros. Apresentava as melhores razões para não ir.

Nessa ocasião interveio o outro prisioneiro, que até então permanecia mudo.

Viu-se, pela primeira vez, um jagunço bem nutrido e destacando-se do tipo uniforme dos sertanejos. Chamava-se Bernabé José de Carvalho e era um chefe de segunda linha.

Tinha o tipo flamengo, lembrando talvez, o que não era exagerada conjetura, a ascendência de holandeses que tão longos anos por aqueles territórios do norte trataram com o indígena.

Brilhavam-lhe, varonis, os olhos azuis e grandes; o cabelo alourado revestia-lhe, basto, a cabeça chata e enérgica.

Apresentou logo como credencial o mostrar-se duma linhagem superior. Não era um matuto largado. Era casado com uma sobrinha do capitão Pedro Celeste, de Bom Conselho...

Depois contraveio, num desgarre desabusado, insistindo com o Beatinho recalcitrante:

– Vamos, homem! Vamos embora... Eu falo uma fala com eles... Deixe tudo comigo. Vamos!

O efeito da comissão, porém, foi de todo em todo inesperado. O Beatinho voltou, passada uma hora, seguido de umas trezentas mulheres e crianças e meia dúzia de velhos imprestáveis. Parecia que os jagunços realizavam com maestria sem par o seu último ardil. Com efeito, viam-se libertos daquela multidão inútil, concorrente aos escassos recursos que acaso possuíam, e podiam, agora, mais folgadoamente delongar o combate.

O Beatinho dera – quem sabe? – um golpe de mestre. Consumado diplomata, do mesmo passo poupava às chamas e às balas tantos entes miserandos e aliviara o resto dos companheiros daqueles trambolhos prejudiciais.

A crítica dos acontecimentos indica que aquilo foi, talvez, uma cilada. Nem a exclui a circunstância de ter voltado o asceta ardiloso que a engendrara. Era uma condição favorável, adrede e astuciosamente aventurada como prova iniludível da boa fé com que agira. Mesmo que assim não considerassem, alentava-o uma aspiração de todo admissível: fazer o último sacrifício em prol da crença comum: devotar-se, volvendo ao acampamento, à sagração do martírio, que desejava, por ventura, ardentemente, com o misticismo doentio de um iluminado. Não há interpretar de outra maneira o fato, esclarecido, ademais, pelo proceder do outro parlamentar que não voltara, permanecendo entre os lutadores, instruindo-os, sem dúvida, da disposição das forças sitiadas.

A entrada dos prisioneiros foi comovedora. Vinha solene; na frente o Beatinho, teso, o torso desfibrado, olhos presos no chão, e com o passo cadente e tardo exercitado desde muito nas lentas procissões que compartira. O longo cajado oscilava-lhe à mão direita, isocronamente, feito enorme batuta, compassando a marcha verdadeiramente fúnebre. A um de fundo, a fila extensa, tracejando ondulada curva pelo pendor da colina, seguia na direção do acampamento, passando ao lado do quartel da Primeira Coluna e acumulando-se, cem metros adiante, em repugnante congérie de corpos repulsivos em andrajos.

Os combatentes contemplavam-nos entristecidos. Surpreendiam-se; como-viam-se. O arraial, in extremis, punha-lhes adiante, naquele armistício transitório, uma legião desarmada, mutilada, faminta e claudicante, num assalto mais duro que o das trincheiras em fogo. Custava-lhes admitir que toda aquela gente inútil e frágil saísse tão numerosa ainda dos casebres bombardeados durante

três meses. Contemplando-lhes os rostos baços, os arcabouços esmirrados e sujos, cujos molambos em tiras não encobriam lanhos, escaras e escalavros – a vitória tão longamente apeteçada decaía de súbito. Repugnava aquele triunfo. Envergonhava. Era, com efeito, contraproducente compensação a luxuosos gastos de combate, de reveses e de milhares de vidas, o apresamento daquela caqueirada humana – ao mesmo passo angulhenta e sinistra, entre trágica e imunda, passando-lhes pelos olhos, num longo enxurro de carcaças e molambos...

Nem um rosto viril, nem um braço capaz de suspender uma arma, nem um peito resfolegante de campeador domado: mulheres, sem-número de mulheres, velhas espectrais, moças envelhecidas, velhas e moças indistintas na mesma fealdade, escaveiradas e sujas, filhos escanchados nos quadris desnalgados, filhos encarapitados às costas, filhos suspensos aos peitos murchos, filhos arrastados pelos braços, passando; crianças, sem-número de crianças; velhos; sem-número de velhos; raros homens, enfermos opilados, faces túmidas e mortas, de cera, bustos dobrados, andar cambaleante.

Pormenorizava-se. Um velho absolutamente alquebrado, soerguido por alguns companheiros, perturbava o cortejo. Vinha contrafeito. Forçava por se livrar e volver atrás os passos. Voltava-se, braços trêmulos e agitados, para o arraial onde deixara certo os filhos robustos, na última refrega. E chorava. Era o único que chorava. Os demais prosseguiram impassíveis. Rígidos anciãos, aquele desfecho cruento, culminando-lhes a velhice, era um episódio somenos entre os tranSES da vida nos sertões. Alguns respeitosaMente se desbarretavam ao passar pelos grupos curiosos. Destacou-se, por momentos, um octogenário. Não se lhe dobrava o tronco; marchava devagar e de quando em quando parava. Considerava por instantes a igreja e reatava a marcha; para estacar outra vez, dados alguns passos, voltar-se lançando novo olhar ao templo em ruínas e prosseguir,

intermitentemente, à medida que se escoavam pelos seus dedos as contas de um rosário. Rezava. Era um crente. Aguardava talvez ainda o grande milagre prometido...

Alguns enfermos graves vinham carregados. Caídos logo aos primeiros passos, passavam, suspensos pelas pernas e pelos braços, entre quatro praças. Não gemiam, não estortegavam; lá se iam imóveis e mudos, olhos muito abertos e muito fixos, feito mortos. Aos lados, desorientadamente, procurando os pais que ali estavam entre os bandos ou lá em baixo mortos, adolescentes franzinos, chorando, clamando, correndo. Os menores vinham às costas dos soldados agarados às grenhas despenteadas há três meses daqueles valentes que havia meia hora ainda jogavam a vida nas trincheiras e ali estavam, agora, resolvendo, desastradamente, canhestras amas secas, o problema difícil de carregar uma criança. Uma megera assustadora, bruxa rebarbativa e magra – a velha mais hedionda talvez desses sertões – a única que alevantava a cabeça espalhando sobre os espectadores, como faúlhas, olhares ameaçadores; e nervosa e agitante, ágil apesar da idade, tendo sobre as espáduas de todo despidas, emaranhados, os cabelos brancos e cheios de terra –, rompia, em andar sacudido, pelos grupos miserandos, atraindo a atenção geral. Tinha nos braços finos uma menina, neta, bisneta, tataraneta talvez.

E essa criança horrorizava. A sua face esquerda fora arrancada, havia tempos, por um estilhaço de granada; de sorte que os ossos dos maxilares se destacavam alvíssimos, entre os bordos vermelhos da ferida cicatrizada... A face direita sorria. E era apavorante aquele riso incompleto e dolorosíssimo aformoseando uma face e extinguindo-se na outra, no vácuo de um gilvaz.

Aquela velha carregava a criação mais monstruosa da campanha. Lá se foi com o seu andar agitante, de atáxica, seguindo a extensa fila de infelizes...

Esta parara adiante, a um lado das tendas do esquadrão de cavalaria,

represando entre as quatro linhas de um quadrado. Via-se, então, pela primeira vez, em globo, a população de Canudos; e, à parte as variantes impressas pelo sofrer diversamente suportado, sobressaía um traço de uniformidade rara nas linhas fisionômicas mais características. Raro um branco ou um negro puro. Um ar de família em todos delatando, iniludível, a fusão perfeita de três raças.

Predominava o pálido lídimo, misto de cafre, português e tapuia – faces bronzeadas, cabelos corredios e duros ou anelados, troncos deselegantes; e aqui, e ali, um perfil corretíssimo recordando o elemento superior da mestiçagem. Em roda, vitoriosos, díspares e desunidos, o branco, o negro, o cafuz e o mulato proteiformes com todas as gradações de cor... Um contraste: a raça forte e íntegra abatida dentro de um quadrado de indefinidos e pusilânimes. Quebrara-se de todo a luta. Humilhava-se. Do ajuntamento miserando partiam pedidos flébeis e lamurientos, de esmola... Devoravam-no a fome e a sede de muitos dias.

O fim

*O comandante geral
Concedeu naquele dia
Um armistício de horas,
Que só teve a serventia
De afastar prisioneiros
De onde se combatia.*

*Ao cair daquela tarde,
Estavam os guerrilheiros
Desafogados de tudo,
Mas deixaram que primeiro
Fosse esgotada a trégua
Pra começar o brigueiro.*

*Foi quando se anunciou
O fim numa intimativa:
Tiros de pólvora seca
Com outro de bala viva.
E os jagunços atacaram
Com sua força primitiva.*

*A noite de 2 entrou
Assim, ruidosamente,
Sulcada de tiroteios
Vivos e resplandecentes,
Mostrando que os jagunços
Resistiam bravamente.*

*O que houve a 3 e a 4
Não há o que relatar, (24)
A luta vinha perdendo
Seu caráter militar,
E inteiramente, ao cabo,
Passou a degenerar.*

*Foram-se os últimos traços
Do inútil formalismo
– Movimentos combinados,
Restos de militarismo –
De um exército sem farda
Chafurdado no abismo.*

*Sabia-se de uma coisa:
Os jagunços não podiam
Resistir por muitas horas.
Alguns soldados se haviam
Abeirado do reduto
E pasmados descreviam.*

*A cava quadrangular
Com mais de metro de fundo,
Ao lado da igreja nova,
Parecia o fim do mundo.
Ali vinte lutadores
Famintos, nauseabundos,*

*Rotos, medonhos de ver-se,
Pareciam decididos
Ao suicídio terrível,
Teatralmente escolhido,
Na trincheira de cadáveres
Que haviam construído.*

*De efeito ali estaria
Alguns já de muitos dias,
Em maior número, os mortos,
Em pilha que formaria
Um quadrado assombroso
Onde o grupo resistia.*

*Mesmo assim inda lutavam
Com vantagem relativa;
Paravam o adversário
Na sua iniciativa,
Indicando que em Canudos
A guerrilha estava viva.*

*Os que mais se aproximaram,
Ficaram ali tombados,
Retransidos de horror
A aumentar, por outro lado,
Essa trincheira sinistra
De corpos esmigalhados.*

*Uma trincheira de pus
E de sangue argamassada,
A vencer os exageros
Da mais cruel e ousada
Das idealizações,
Estava ali implantada.*

*Eram terríveis os lances,
Difíceis de imaginar,
Porque os que lá chegaram
Não conseguiram voltar,
Tragados pela voragem
Desse espantoso lugar.*

*Foi assim que o arraial
Caiu ao entardecer
Do dia 5 de outubro,
Vindo então a falecer
Seus últimos defensores
– Quatro apenas, podem crer!*

*Dia 6, continuou
A destruição cruenta,
Desmanchando-se um total
De cinco mil e duzentas
Casas, que foram contadas,
E a História não inventa.*

*Antes do amanhecer
Daquele trágico dia,
A comissão escolhida
Um cadáver descobria:
O de Antônio Conselheiro,
Que num casebre jazia.*

*Desenterraram o corpo
Assim cuidadosamente,
Cortaram sua cabeça
Horrenda, jeitosamente,
Trazendo pro litoral
"Para estudos", certamente.*

*Mas duas perguntas ficam
Para os interessados:
Por que os prisioneiros,
À expedição confiados,
Nunca mais apareceram?
Foram degolados?*

*E entre eles aquele
Que à tropa se entregou,
O Antônio Beatinho,
Que desde a manhã de 3
Nunca mais se encontrou;
Afinal, que fim levou? (25)*

Última página

Fechemos este livro.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram.

Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-lo. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos.

Vimos como quem vinga uma montanha altíssima. No alto, a par de uma perspectiva maior, a vertigem...

Euclides da Cunha

Notas

- (1) *Euclides da Cunha. In: Os sertões.*
Edmundo Muniz. In: A guerra social de Canudos
- (2) *Edmundo Muniz. In: opus cit.*
- (3) *Generais Artur Oscar, João da Silva Barbosa, Cláudio do Amaral Savaget,*
Carlos Eugênio e Miguel Maria Girard.
- (4) *Edmundo Muniz. In: opus cit.*
- (5) *Os poetas da época assim se expressavam:*

*“Sahiu D. Pedro Segundo
Para o reino de Lisboa
Acabosse a Monarquia
O Brasil ficou à-toa!”*

*“D. Sebastião já chegou
E traz muito regimento
Acabando com o civil
E fazendo o casamento.”*

*“Garantidos pela lei
Aquelles malvados estão
Nós temos a lei de Deus
Elles têm a lei do cão!”*

*“O Anti-Christo nasceu
Para o Brasil governar
Mas ahi está o Conselheiro
Pra delle nos livrar!”*

- (6) *Antônio Conselheiro jamais ameaçou a República. Num dos seus discursos ele dizia:*
- “Conquanto em algumas ocasiões proferisse palavras excessivamente rígidas, combatendo a maldita República, repreendendo os vícios e movendo o coração ao santo temor de Deus, todavia não concebam que eu movesse o mínimo desejo de macular sua reputação.”*
- E acrescentava: “Se porém (os criticados, os republicanos) se acham ressentidos de mim, peço que me perdoem por amor de Deus.” (Edmundo Muniz. In: op. cit.).*
- (7) *Coronel João Evangelista Pereira de Mello.*
- (8) *Comblain: arma moderna da época.*
- (9) *“[...] A força que combateu em Uauá, a partir daí, saqueou todo o povoado, havendo soldados que chegaram a Juazeiro com um e mais contos de réis, e não contentes com isso incendiaram a cidade.” (Declarações do governador Luiz Viana, citadas por Edmundo Muniz em A guerra social de Canudos).*
- (10) *Hoje é conhecida como Lagoa do Sangue.*
- (11) *O Cumbe hoje chama-se Euclides da Cunha.*
- (12) *Krupp: marca de canhão.*
- (13) *Empalado: espetado pelo ânus por uma estaca aguda.*
- (14) *Joaquim Macambira, filho do velho Macambira.*
- (15) *14 de julho de 1789: queda da Bastilha na Revolução Francesa.*
- (16) *“Detalhavam-nas os mapas oficiais:*
- ‘No total entrava a 1ª Coluna com 1.171 homens e a 2ª com 878. Discriminada mente eram estes os Algarismos:*

1ª Coluna – Artilharia: 9 oficiais e 47 praças feridos; 2 oficiais e 12 praças mortos. Ala de Cavalaria: 4 oficiais e 46 praças feridos; 30 oficiais e 16 praças mortos; 4 engenheiros, 1 oficial e 3 praças feridos; uma praça morta. Corpos de Polícia: 6 oficiais e 46 praças feridos; 3 oficiais e 24 praças mortos. Infantaria: Quinto Batalhão: 4 oficiais e 66 praças feridos; 1 oficial e 25 praças mortos; Sétimo: 8 oficiais e 95 praças feridos; 5 oficiais e 52 praças mortos. Nono: 6 oficiais e 59 praças feridos; 2 oficiais e 22 praças mortos. Décimo Quarto: 8 oficiais e 119 praças feridos; 5 oficiais e 42 praças mortos. Décimo Quinto: 5 oficiais e 30 praças feridos; 10 praças mortas. Décimo Sexto: 5 oficiais e 24 praças feridos; 10 praças mortas. Vigésimo Quinto: 9 oficiais e 134 praças mortos; 3 oficiais e 55 praças mortas. Vigésimo Sétimo: 6 oficiais e 45 praças feridos; 24 praças mortas. Trigésimo: 10 oficiais e 120 praças feridos; 4 oficiais e 35 praças mortas.

2ª Coluna – 1 general ferido. Artilharia: 1 oficial morto. Infantaria: Décimo Segundo: 6 oficiais e 128 praças feridos; 1 oficial e 50 praças mortas. Vigésimo Sexto: 6 oficiais e 36 praças feridos; 2 oficiais e 22 praças mortas. Trigésimo Primeiro: 7 oficiais e 99 praças feridos; 4 oficiais e 48 praças mortas. Trigésimo Segundo: 6 oficiais e 62 praças feridos; 4 oficiais e 31 praças mortas. Trigésimo Terceiro: 10 oficiais e 65 praças feridos; 1 oficial e 15 praças mortas. Trigésimo Quarto: 4 oficiais e 18 praças feridos; 7 praças mortas. Trigésimo Quinto: 4 oficiais e 91 praças feridos; 1 oficial e 22 praças mortas. Quadragésimo: 9 oficiais e 75 praças feridos; 2 oficiais e 30 praças mortas.”

Euclides da Cunha. In: op. cit.

- (17) A “Divisão Auxiliar” era comandada pelo general Carlos Eugênio, irmão do general Artur Oscar.
- (18) O sineiro, Timotinho, morreu nesse dia
- (19) O jagunço era Norberto das Baixas. (Prof. José Calazans. In: Quase Biografia de Jagunços.)

(20) *Obus: bala de canhão.*

(21) *Entre os que fugiram, estava Antônio Vila-Nova com sua família.*

(22) *Tranqueira: cerca de madeira, estacada ou paliçada, para fortificar algum posto.*

(23) *“Essas notas, esboçadas durante o dia no acampamento e completadas à noite, no Alto da Favela, têm o valor da própria incorreção derivada do tumulto em que se traçaram.”*

Euclides da Cunha. In: op. cit.

(24) *Henrique de Macedo Soares, oficial das forças do governo e testemunha ocular, escreveu:*

“Divisavam-se nas ruas e nas casas do inimigo, e nas longas valas onde se ocultava, montes de cadáveres. Feridos ainda se agitavam nos estertores da agonia, as armas ao lado, ainda quentes do frenético tiroteio. Mortos de ambos os lados, abraçados, caídos numa luta selvagem, a golpes de sabre e de facção, banhados no mesmo sangue. Criancinhas, algumas ainda se amamentando no peito quente das mães, também morrendo com os crânios varados à bala e o ventre rasgado a baionetadas. Ninguém pedia misericórdia e ninguém lhe concederia. O que passasse ao alcance das carabinas ou das armas brancas caía vitimado.”

Edmundo Muniz. In: op. cit.

(25) *Essas questões são levantadas por Euclides da Cunha no seu famoso livro.*

Antônio Beatinho foi degolado na noite do dia 3.

Muitos prisioneiros morreram de fome, de inanição; outros lograram escapar com vida, mulheres se prostituíram e algumas crianças foram levadas pelos soldados para criá-las. Após a guerra, criou-se o “Batalhão Patriótico” que enviou uma Comissão Especial à região para fazer um levantamento das condições humanas dos prisioneiros. Eis alguns trechos do relatório:

“Não foi pequeno o número de vítimas que socorremos entre mulheres, crianças e meninos de ambos os sexos, que conseguimos reunir debaixo de nossa bandeira de caridade, evitando a uns a morte pela falta de conforto e à míngua de recursos, a outros a verdadeira escravidão em que se achavam e, porventura, a prostituição no futuro; e é para lamentar que só tardiamente como sói acontecer, chegasse ao conhecimento do Comitê Patriótico a prática condenável de certos abusos de verdadeira miséria, e o abandono em que se achavam as desgraçadas prisioneiras de Canudos, muitas mortas de inanição [...]

“Grande parte dos menores, dentre eles meninas pobres e mocinhas, que se achavam em casa de quitadeiras e prostitutas... É penoso dizer que muitas raparigas foram defloradas sem que fosse reparada a sua honra ou sem que uma providência se houvesse tomado contra tão covardes e monstruosos atentados.”

Projeto Gráfico
Fundação ADM

Capa e Ilustração
Augusto Mattos

Produção e Impressão Gráfica
Fundação ADM

CTP e Impressão Gráfica
Grasb

Formato 20 x 21

Tipologia das famílias Open Sans, A Massa Falida 1
Cartão Supremo 250g/m² capa - Alto alvura 90g/m² miolo - 204p.

Tiragem: 2000 exemplares

Ano: 2015